

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO - DEHA



Por uma **significação** da **moradia** ...

Um estudo de caso em Maceió-AL.

Elza Maria Rabelo Lira

ORIENTADORA: Prof^ª. Dra. MARIA EMÍLIA DE GUSMÃO COUTO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

2009



por uma **significação** da **moradia** ...



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO - DEHA



Elza Maria Rabelo Lira

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

POR UMA SIGNIFICAÇÃO DA MORADIA...

UM ESTUDO DE CASO EM MACEIÓ-AL.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dra. MARIA EMÍLIA DE GUSMÃO COUTO

Maceió, agosto de 2009.



por uma **significação** da **moradia** ...

ELZA MARIA RABELO LIRA

POR UMA SIGNIFICAÇÃO DA MORADIA...

UM ESTUDO DE CASO EM MACEIÓ-AL.

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

MACEIÓ

2009

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

L768p Lira, Elza Maria Rabelo.
Por uma significação da moradia... : um estudo de caso em Maceió-AL / Elza
Maria Rabelo Lira, 2009.
179 f. : il. color.

Orientadora: Maria Emília de Gusmão Couto.
Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço
Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo. Maceió, 2009.

Bibliografia: f. 174-178.
Inclui anexos.

1. Arquitetura de habitação – Maceió (AL). 2. Representações sociais.
3. Moradia – Dimensão simbólica. I. Título.

CDU: 728.1(813.5)



por uma **significação** da moradia



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO - DEHA



Elza Maria Rabelo Lira

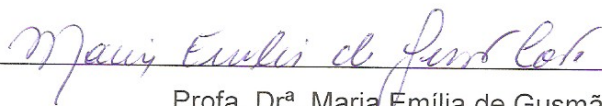
POR UMA SIGNIFICAÇÃO DA MORADIA...

UM ESTUDO DE CASO EM MACEIÓ-AL.

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em

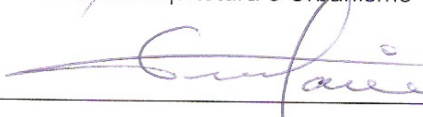
BANCA EXAMINADORA




Profa. Dr^a. Maria Emília de Gusmão Couto
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL



Profa. Dr^a. Cristiane Rose Duarte
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFRJ



Prof. Dr. Geraldo Majela Gaudêncio Faria
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL



Profa. Dr^a. Josemary de Omena P. Ferrare
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL



AGRADECIMENTOS

O agradecimento é uma forma simples de mostrar às pessoas o quanto elas foram e continuam sendo importantes, sobretudo nos momentos que marcam esse nosso devir. Sendo assim, agradeço especialmente:

À minha avó Elza, *in memoriam*, que mesmo sem eu nunca a ter conhecido, sempre foi uma referência de pessoa que conquistou tudo o que almejava. Uma eterna fonte de inspiração, meu anjo da guarda.

À minha família. Agradeço ao meu pai e grande amigo pela força e incentivo incondicional. À minha mãe por estar sempre disponível para me ajudar quando preciso. Aos meus irmãos pelo carinho e companheirismo e à minha avó Conceição pelo exemplo de força e sapiência.

Ao meu marido, Thiago, pela admiração constante, incentivo e eterna disposição em ajudar no que preciso.

Aos meus grandes amigos rizomáticos que dividiram comigo momentos de prazer, boas experiências, conversas filosóficas e gargalhadas, Bárbara, Cadu, Déa, Ju Duarte, Tainá; enfim, a todas essas pessoas e aos demais que tive o prazer de conhecer nessa jornada acadêmica.

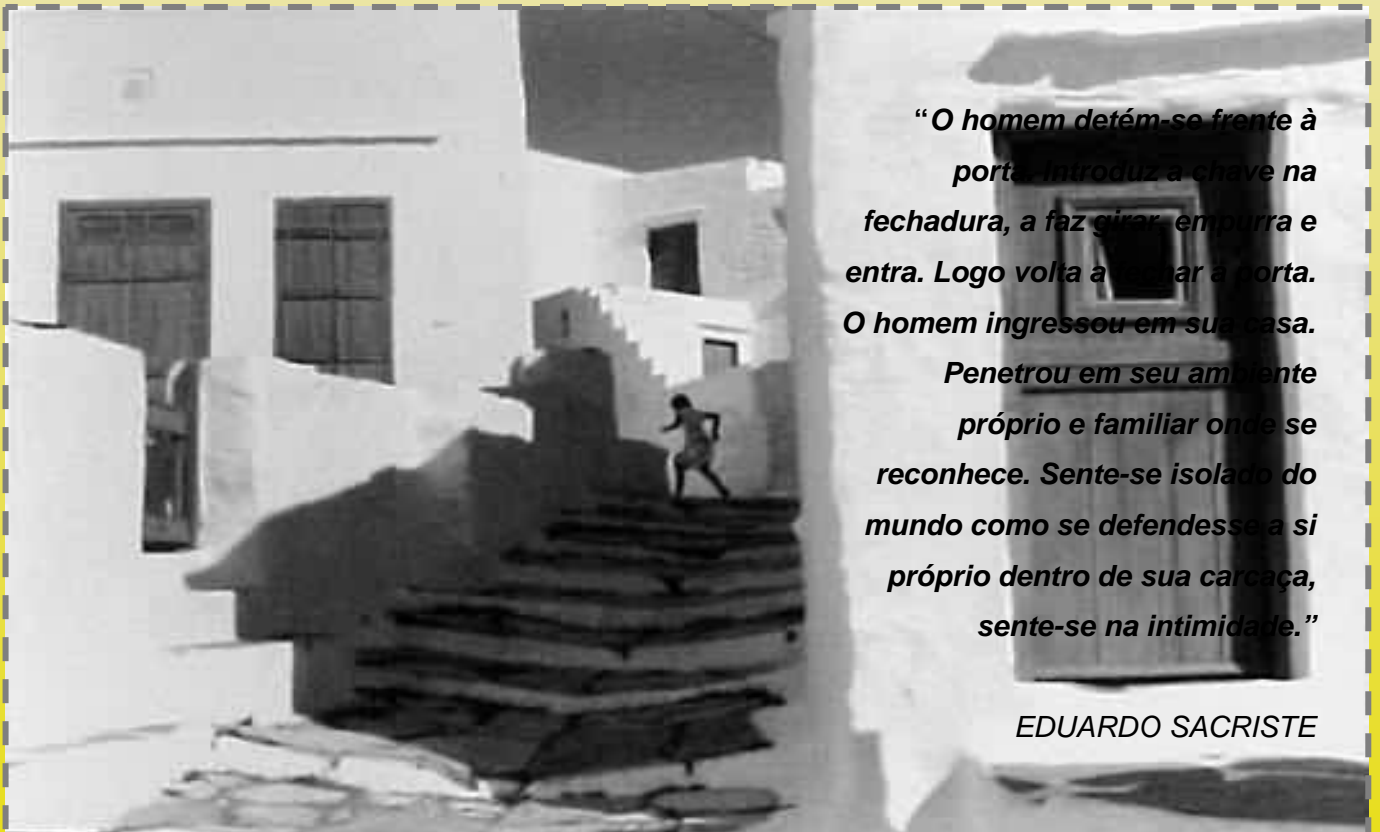
A todos os professores do DEHA/UFAL, que me ensinaram e contribuíram no meu aprendizado, cada um com seu jeito singular, que me marcaram de forma única.

A todas as pessoas entrevistadas neste estudo, sem as quais a dissertação não poderia ser desenvolvida. Obrigada pela paciência e colaboração.

Por fim, agradeço especialmente, à minha orientadora e grande amiga, Maria Emília, que aguenta e acompanha esse “dnamozinho” há anos. Uma pessoa formidável, a quem eu devo minha paixão pela vida acadêmica. Mais do que regras da ABNT e indicações de leituras, os melhores assessoramentos foram os ensinamentos para a vida. Obrigada Emília, mais uma vez, por tudo!



por uma **significação** da **moradia** ...



“O homem detém-se frente à porta, introduz a chave na fechadura, a faz girar, empurra e entra. Logo volta a fechar a porta. O homem ingressou em sua casa. Penetrou em seu ambiente próprio e familiar onde se reconhece. Sente-se isolado do mundo como se defendesse a si próprio dentro de sua carcaça, sente-se na intimidade.”

EDUARDO SACRISTE



RESUMO

É possível compreender o espaço arquitetônico como algo que pressupõe uma comunicação, que apesar de não-verbal, consegue emanar significados e significações, através de seus signos visuais e das relações de afetividade que se concretizam entre os sujeitos e os espaços habitados. A moradia, nessa contextualização, parece ser o recinto mais propício para o “desencadear” dessas relações afetivas e sîgnicas; pois pode operar como uma espécie de sujeito, na medida em que moldam alguns comportamentos humanos, através dos hábitos que se desenvolvem dia após dia no âmbito do morar. Com essas colocações, alguns questionamentos tornam-se inevitáveis, tais como: Seriam os espaços de moradia muito mais do que o “todo” edificado: estrutura e emprego de materiais? Qual o papel que eles desempenham na vida dos seres humanos, independente das suas condições de vida? Como a moradia vem sendo valorada na contemporaneidade? Nesta abordagem, o trabalho em tela sugere uma reflexão acerca das diversas formas de morar da contemporaneidade, considerando a dimensão simbólica dos espaços como um dos parâmetros e critérios de fundamento das análises e discussões que aqui serão postas. Para tal, definiu-se como objeto de estudo, os diferentes morar da sociedade maceioense. Através de uma pesquisa empírica foi possível, portanto, encontrar elementos semelhantes entre essas formas de viver, levantadas em Maceió, e a partir disto, delineou-se aquilo que se acredita ser uma significação para o que hoje se caracteriza como moradia.



por uma **significação** da **moradia** ...

ABSTRACT

It's possible to comprehend the architectural space as something that requires a statement that, despite the non-verbal, can emanate meanings through visual signs and their relations of affection, that are realized between the subjects and spaces inhabited. Housing in that context seems to be more conducive to the "triggering" of the emotional and "signics relationships", because it can operate as a kind of subject, in a way that shapes some human behavior through the habits that are developed day after day with the intuit of living. With these settings, certain questions become unavoidable, such as the areas like: would housing be much more than the "whole" building: the structure and use of materials? What role do they play in the lives of human beings, regardless of their living conditions? How housing has been valued in the contemporary period? With this approach, the work on screen suggests a reflection on the various forms of contemporary living, considering the symbolic dimension of space as one of the parameters and criteria for foundation analysis and discussions that will be shown here. To this end, it was defined as an object of study, the various ways of living of the maceioense society. Through an empirical research was possible to find elements similar to these forms of life, leveraged in Maceió-AL, and from this, it outlined what it is believed to be a mean to what today is characterized as housing.



por uma **significação** da **moradia** ...

LISTA DE FIGURAS

Imagens	Fonte	Página
Imagem 01. Diferentes formas de morar.	http:// www.acreditesequiser.net	19
Imagem 02. O primeiro edifício, segundo Viollet-le-duc.	http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq024/arq024_02.asp	24
Imagem 03. Pallazzo da família Médici.	http://www.essentialarchitecture.com/STYLE/628pxPalazzo_Medici_Riccardi.jpg	25
Imagem 04. Villa Savoy. Le Corbusier.	http://farm1.static.flickr.com/54/107603685_9cf7aaa055.jpg	27
Imagem 05. Influência do computador na rotina das casas.	Acervo pessoal.	28
Imagem 06. Imagem ilustrativa de casas e território.	http://img181.imageshack.us/img181/3557/surrealartbylarrycarlsoon1.jpg	29
Imagem 07. Ilustração de uma casa em processo de des-re-territorialização.	http://rxs2queen.files.wordpress.com/2008/02/suuu.jpg	30
Imagem 08. Categorias semióticas e a relação triádica de Pierce.	http://www.usabilidoido.com.br/imagens/semiotica_diagrama2.gif	34
Imagem 09. Quadro ilustrativo das relações triádicas piercinianas.	Elaborado pela autora	36
Imagem 10. Ilustrativa dos hábitos de morar num determinado contexto cultural.	http:// www.vitruvius.com.br	44
Imagem 11. Ilustrativa dos hábitos do morar nas cavernas da pré-história.	http://images.google.com.br/imagens/cavernas	44
Imagem 12. Quadro do artista Richard Hamilton - Pop Art. Ilustrativa da casa como um espaço íntimo, da privacidade.	http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://bp3.blogger.com	45
Imagem 13. Quadro do artista Tom Wesselmann - Pop Art. Ilustrativa da rotina de um lar.	http://farm1.static.flickr.com/5/5383771_ba6eb01170.jpg	46
Imagem 14. Diagramas ilustrativos das relações entre habitar, residir e morar.	Elaborado pela autora	53



por uma **significação** da **moradia** ...

Imagem 15. Quadro 1. Sobreposições de atividades. Quadros 2, 3 e 4. Obras do artista Tom Wesselmann – Pop Art.	http://novasformasdemorar.blogspot.com http://www.diretoriodearte.com	54
Imagem 16. Forma arquitetônica que remetem à maneira como os hábitos se desenvolvem.	http://www.acreditesequiser.net	55
Imagem 17. Mapa com a localização de Maceió.	http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Alagoas_Municip_Maceio.svg . Adaptado pela autora	60
Imagem 18. Vistas da cidade de Maceió - mediações das praias de Jatiúca e Ponta Verde.	http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Pajucara3.jpg . Acessado em Janeiro de 2007	63
Imagem 19. Mapa de localização dos bairros de Maceió	http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Mapa_de_Maceio.jpg	64
Imagem 20. Zonas residenciais da cidade de Maceió.	Base cartográfica da SMCCU, 2003, adaptada.	65
Imagem 21. Cartões procedimento 1.1.	A autora.	84
Imagem 22. Coletânea de imagens componentes dos cartões.	Acervo pessoal / Pesquisas em: www.google.com.br/imgens - busca "moradia".	105
Imagem 23.. Imagens do morar – Amostra 1.	Acervo Pessoal	112
Imagem 24.. Imagens do morar – Amostra 2.	Acervo Pessoal	115
Imagem 25.. Imagens do morar – Amostra 3.	Acervo Pessoal	117
Imagem 26.. Imagens do morar – Amostra 4.	Acervo Pessoal	119
Imagem 27.. Imagens que representam o ideal de morar – Amostra 1.	Acervo Pessoal	160
Imagem 28.. Imagens que representam o ideal de morar – Amostra 2.	Acervo Pessoal	161
Imagem 29. Imagens que representam o ideal de morar – Amostra 3.	Acervo Pessoal	162
Imagem 30. Imagens que representam o ideal de morar – Amostra 4.	Acervo Pessoal	163
Imagem 31. Animais e seus territórios.	Google imagens.	167



LISTA DE GRÁFICOS

Gráficos	Página
Gráfico 01. Diferenças semânticas entre casa, lar e moradia.	77
Gráfico 02. Diferenças semânticas entre habitar, residir e morar.	78
Gráfico 03. Associação Dirigida – moradia significa, indica e simboliza (...)	79
Gráfico 04. Avaliação Valorativa – Noção de abrigo.	79
Gráfico 05. Aspectos da Moradia Ideal.	80
Gráfico 06. Repartição das amostras.	107
Gráfico 07. Tipo de moradia das amostras.	108
Gráfico 08. Situação atual das moradias.	108
Gráfico 09. Percentual de proprietários.	108
Gráfico 10. Estado civil – Amostra 1.	111
Gráfico 11. Tipo de moradia – Amostra 1.	111
Gráfico 12. Quantidade de bens não-duráveis – Amostra 1.	112
Gráfico 13. Quantidade de bens não-duráveis (pizza 2) – Amostra 1.	112
Gráfico 14. Estado civil – Amostra 2.	113
Gráfico 15. Quantidade de veículos – Amostra 2.	113
Gráfico 16. Tipo de moradia – Amostra 2.	113
Gráfico 17. Situação dos imóveis – Amostra 2.	114
Gráfico 18. Quantidade de bens não-duráveis – Amostra 2.	114
Gráfico 19. Estado civil – Amostra 3.	115
Gráfico 20. Renda Mensal familiar – Amostra 3.	115
Gráfico 21. Tipo de moradia – Amostra 3.	116
Gráfico 22. Situação do imóvel – Amostra 3.	116
Gráfico 23. Quantidade de veículos – Amostra 3.	116
Gráfico 24. Quantidade de televisões – Amostra 3.	117
Gráfico 25. Estado civil – Amostra 4.	118



por uma **significação** da **moradia** ...

Gráfico 26. Grau de escolaridade – Amostra 4.	118
Gráfico 27. Tipo de moradia – Amostra 4.	118
Gráfico 28. Situação da moradia atual– Amostra 4.	119
Gráfico 29. Quantidade de veículos – Amostra 4.	119
Gráfico 30. Quantidade de bens não-duráveis – Amostra 4.	119
Gráfico 31. Categorizações casa, lar e moradia – Associação Livre.	122
Gráfico 32. Índices da moradia – Facetas.	128
Gráfico 33. Símbolos da moradia – Facetas.	129
Gráfico 34. Avaliação Valorativa.	131
Gráfico 35. Facetas de avaliação da moradia atual.	137
Gráfico 36. Facetas de avaliação da moradia atual x proprietários e moradores.	138
Gráfico 37. Níveis de agradabilidade moradia – Amostra 1.	139
Gráfico 38. Máxima agradabilidade dos ambientes – Amostra 1.	140
Gráfico 39. Níveis de agradabilidade moradia – Amostra 2.	140
Gráfico 40. Máxima agradabilidade dos ambientes – Amostra 2.	141
Gráfico 41. Níveis de agradabilidade moradia – Amostra 3.	141
Gráfico 42. Máxima agradabilidade dos ambientes – Amostra 3.	142
Gráfico 43. Níveis de agradabilidade moradia – Amostra 4.	143
Gráfico 44. Máxima agradabilidade dos ambientes – Amostra 4.	143
Gráfico 45. Critérios das avaliações dos níveis de agradabilidade das moradias.	145
Gráfico 46. Aspectos da moradia ideal x amostras	151
Gráfico 47. Aspectos sensitivos x amostras	153
Gráfico 48. Aspectos funcionais x amostras	154
Gráfico 49. Aspectos infra-estruturais x amostras	155
Gráfico 50. Aspectos estéticos x amostras	157

FONTE: Elaborados pela autora.



por uma **significação** da **moradia** ...

SUMÁRIO DA DISSERTAÇÃO

INTRODUÇÃO	14
Justificativa	18
Objetivo Geral	20
Objetivos Específicos	20
Estrutura do Trabalho	21
CAPÍTULO I - Entre Casas e Conceitos	23
1.1 – As casas e o(s) tempo(s)	24
1.2 - As casas e o território	29
1.3 - As casas e os signos	34
1.4 - As casas e suas re-apresentações	39
CAPÍTULO II - Pois os espaços são diferentemente habitados...	43
2.1 - Casas, Lares e Moradias	44
2.2 - Diferenças semânticas entre HABITAR, RESIDIR e MORAR	50
2.3 - O morar espacializando territórios, espacializando lugares – espaços domésticos	55
2.4 – Maceió enquanto espaço habitado (Objeto Empírico)	60
CAPÍTULO III – Como e o que perguntar?	66
3.1 – As Classificações Múltiplas	68
3.2 – As Facetas	72
3.3 - A Piloto	75



3.4 – Articulações Metodológicas;	81
3.4.1 – O Instrumental	82
3.5 – A Análise de Conteúdo	105
3.6 – A Pesquisa Final:	107
3.6.1 – Justificando a escolha das amostras	109
3.6.1.1 – Apresentando as amostras – Objetos de estudo	111
CAPÍTULO IV – Minha Casa, Sua Casa...	120
4.1 – Por um universo Semiótico no contexto do MORAR	121
4.2 – Os hábitos de Morar	130
4.3 – Construções Imagéticas do morar	135
4.3.1 – Imagens do Morar: avaliação dos espaços de moradia analisados em Maceió-AL	136
4.3.2 – Os ideais de morar da contemporaneidade	147
4.3.2.1 - A globalização como um agente dessa construção imagética;	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS – Enfim, há um EIXO SIGNIFICATIVO DA MORADIA?	166
POST - SCRIPTUM	173
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	174
ANEXOS	179



PRÓLOGO

(...) "As reticências são os três primeiros passos do pensamento que continua por conta própria o seu caminho..." (Mário Quintana)

Antes de tudo: É preciso entender a arquitetura! ...

... O que é arquitetura? Será que esse questionamento algum dia terá fim? É necessário que isso nunca aconteça! Pois, onde mais estaria a essência e o sentido da arquitetura senão na dúvida, na pergunta, na lacuna, na brecha, no vazio [muitas vezes mais do que no edificado] ... O que seriam das paredes caso não houvesse significações para elas... o mesmo se aplica com as texturas, os materiais, as dimensões estabelecidas... dimensões... medidas de quê, para quem? ... isso é arquitetura... definitivamente, a pergunta é arquitetura... O início dessa arquitetura é sempre tão abstrato e irreal, tudo começa com um desenho; e antes do desenho ainda vem a imaginação, a criatividade, como subsídio para canalizar e estruturar as perguntas num **eixo** e assim, tornar o imaterial em algo materializado, concreto... os **eixos significativos** das inúmeras arquiteturas que por aí se enraízam, mas nunca se "imutabilizam"... porque arquitetura também é tempo! E como todo tempo tem seus modos, seus hábitos, suas necessidades, suas demandas e suas funções... mas, mais que funções, essas arquiteturas são manifestações humanas, são frutos dos desejos [aliás, qual manifestação humana não é fruto de desejos? O difícil é entender esses desejos...], desejos alicerçados em fundamentos estéticos que agradam ou desagradam ... o perigo, então, está naquele que nem agrada, nem desagradam...entulho!... mas o que seria de tudo isto se não houvesse uma dimensão imensurável [mas compreensível!] de como essas arquiteturas se re-apresentam constantemente para os sujeitos ... se não houvesse a dimensão que permitisse o fluir da imaginação na e sobre a arquitetura ... aquela muitas vezes oculta... a dimensão simbólica, sempre uma surpresa, como que está dentro da cartola do mágico [além do velho coelho!]. É sim! Tudo se relaciona com **signos**... mas não qualquer tipo de signo... **signos representativos**... aqueles que por meio de objetos [e objetivações] trazem à tona as ricas e variadas **subjetividades** ... todas estas implorando **POR UMA(S) SIGNIFICAÇÃO** (ções)... que depois de posta(s) voltará(ão) a requerer mais e mais dos signos e de suas relações para gerar renovações, conceituações, representações, re-apresentações, questões e mais questões ... novas significações...



INTRODUÇÃO

Nós, indivíduos-sujeitos¹, estabelecemos continuamente uma simbiose, muitas vezes difícil de explicar, com os espaços que nos cercam; numa eterna dialética onde nós os habitamos e eles nos habitam.

Esses entrelaçamentos entre homem e espaço acabam por concretizar o que aqui acreditamos ser arquitetura. Neste sentido, por ser muito mais que mero espaço habitado, a arquitetura é somente arquitetura quando a ela se atribui um significado. Sem significado não há arquitetura, apenas edificação.

Dessa forma, os diferentes usos que diferentes sociedades dão aos seus espaços é a base para a (re)criação das relações sîgnicas² dessas sociedades, cujas significações expressam fundamentalmente os comportamentos de seus indivíduos-sujeitos.

A arquitetura, portanto, só se realiza no espaço que inclui o humano, donde se apreende a sua dimensão subjetiva, marcada pela experiência, sempre singular, de usufruir o espaço edificado.

¹ Este binômio (**indivíduo-sujeito**) será utilizado no decorrer do trabalho para reforçar a idéia de que não é possível dissociar o indivíduo do sujeito quando se trata deste tipo de abordagem. Embora saibamos que as percepções, avaliações e ações sejam algo excepcionalmente individual, entendemos que é somente a partir da análise dos elementos fornecidos pelos indivíduos enquanto sujeitos que podemos entender como os fenômenos resultam em comportamentos com características semelhantes a depender de um referencial estabelecido; podendo este referencial ser o tipo de segmento social, cultural, econômico, “tribos”, etc., nos quais os indivíduos se agrupam (e, portanto, se assemelham em alguns aspectos) a outros indivíduos, fazendo prevalecer, então, a abordagem sobre estas questões relativas a eles como sujeitos, ou como grupos sociais, e não somente como indivíduos.

² **Relações sîgnicas** são as várias formas como os objetos podem se apresentar para os indivíduos, a partir da inserção, tantos desses objetos, como destes indivíduos, num determinado contexto (sobretudo, sócio-cultural).



Conforme ratifica Zevi (1984), “*a arquitetura é essencialmente o espaço interior onde os homens andam, entram, vivem*”. E é precisamente esta característica da arquitetura, ação humana que produz espaço interior, que faz do entrar marca distintiva do espaço da arquitetura. Tudo o mais, “*tudo o que não tem espaço interior não é arquitetura.*”

A moradia, nessa discussão, aparece mais como espaço interior do que exterior; fundamental para a compreensão dos espaços arquitetônicos em sua complexidade, o que remete a uma definição de arquitetura no seu mais amplo sentido, o sentido da subjetividade humana.

Exatamente pelo fato da moradia ser o espaço arquitetônico onde as supracitadas (re)criações das relações sógnicas acontecem de forma mais peculiar e subjetiva, o presente trabalho se propõe a investigar a maneira como as pessoas utilizam suas moradias e, sobretudo, como se dá a relação de afeto destas com tal espaço construído.

Com isso, pressupõe-se que avaliar a moradia sob a perspectiva da dimensão simbólica implica trabalhar com uma metodologia que permita “*perquirir o espaço da arquitetura à luz da idéia de subjetividade*” (LEITÃO, 2004, p. 05), o que se constitui numa tarefa bastante complexa.

Contudo, essa subjetividade deve ser objetivada, para que se possa compreender os fenômenos da arquitetura num âmbito mais plural e prospectivo, isto é, para se traçar diretrizes tem-se que entender as fenomenologias manifestadas individualmente (neste estudo, pautadas nos processos perceptivos – avaliativos dos espaços de moradia, endossados pela semiótica³ como instrumento científico-analítico dessas discussões); bem como enquadradas em categorizações, nas quais aspectos, cujas características reforçam hábitos e comportamentos semelhantes (ou seja, parecidos, mas nunca idênticos), convergem, ou até divergem, também em consonância com alguma categorização pré-estabelecida (por meio de hipóteses, de resultados preliminares advindos de uma pesquisa piloto, etc.).

³ A semiótica é a ciência geral dos signos, desenvolvida inicialmente por Charles Peirce, que estuda os fenômenos mentais, ou seja, é uma ferramenta teórico-metodológica que permite entender os processos de formação das significações que os indivíduos atribuem a objetos. (Este tópico encontrar-se-á melhor explicitado no capítulo I, item 1.3)



Nesta perspectiva, entende-se que os hábitos familiares e o uso do espaço de moradia são aspectos fortemente relacionados a fatores individuais, sociais, culturais; assim como com a dimensão espacial da habitação. Por isso, pode-se dizer que a partir do entendimento das categorias que as pessoas usam e de como elas relacionam conceitos com essas categorias, é possível avaliar algumas relações entre o ser humano e o espaço que ele habita.

A arquitetura é uma ciência que deve ser acompanhada de uma grande diversidade de estudos e de conhecimentos (...). O arquiteto será capaz de obter maior êxito [se contar] com a ajuda de todas as ciências de que ele tenha conhecimento. (VITRÚVIO, apud LEITÃO, 2004)

É preciso então, considerar a casa não somente como espaço físico-arquitetônico, mas também, como um espaço arquitetônico humano. É o espaço no qual o homem cumpre a premissa básica do existir, pois se “existo, logo habito” (parafrazeando René Descartes, em sua célebre frase – Penso, logo existo.). Na abordagem de um espaço arquitetônico humano, a arquitetura acaba incorporando, além das dimensões já bastante conhecidas – funcional, formal, volumétrica, estrutural, métrica, temporal, entre outras – a dimensão simbólica.

Incluir o humano na própria definição de arquitetura implica buscar compreender a ampla gama de significados que essa circunstância traz implícita, isto é, implica agregar à definição de espaço da arquitetura a experiência pessoal e intransferível – marcadamente subjetiva, portanto – de vivenciar o espaço edificado (...). Assim sendo, não surpreende a enorme dificuldade enfrentada pelos teóricos para compreender e definir a arquitetura em sua complexidade. (LEITÃO, 2004).

De acordo com Bachelard (1978), *“a casa é nosso canto no mundo”*. *“É um sucedâneo do útero, primeira morada, cuja memória talvez persista em nós, onde estávamos tão seguros e nos sentíamos tão a gosto (...)”*, conforme complementa Freud (1929). Tomando-se essas colocações como subsídio, pode-se afirmar que, antes de ser um espaço geométrico, a casa é um espaço afetivo que está sempre investido de emoções.

Dessa forma, por se tratar de um campo vasto e complexo do conhecimento, a arquitetura, sobretudo a doméstica, é constituída por várias dimensões e contextos



que se articulam e se sobrepõem. Contudo, a dimensão simbólica é o aspecto que se infiltra e governa os demais, “*como um maestro que rege os vários instrumentos de uma orquestra*” (RIBEIRO, 2003, p. 17). Esse aspecto simbólico pode ser entendido como conexões valorativas atribuídas ao espaço – concreto e visível – a partir de seus atributos físicos, os quais geram idéias, conceitos, valores, significados – invisíveis e intangíveis – concebidos por um sujeito (intérprete).

Assim sendo, tornam-se inevitáveis as seguintes indagações: seria o espaço habitado muito mais do que um desenho, estrutura e emprego de materiais? Qual o papel que a casa desempenha na vida humana?

Na busca por estas e por muitas outras respostas, o projeto de mestrado intitulado: *Por uma significação da moradia. Um estudo de caso em Maceió-AL*, tomou como referência literária os autores que abordam o objeto arquitetônico **casa** com cortes epistemológicos pautados na subjetividade da arquitetura, como por exemplo: Bachelard (1978), Deleuze e Guattari (1980), Zevi (1984), Moscovici (2000), Brandão (2002), Ribeiro (2003), Leitão (2004), entre outros.

Neste sentido, foram trabalhados conceitos e abordagens acerca dos hábitos de morar, da arquitetura doméstica, da imagem, das representações sociais, culturais e simbólicas, das questões da globalização; relacionados ao objeto empírico deste estudo, isto é, diversas formas de morar da sociedade maceioense.

Além das tais considerações epistemológicas, fez-se necessário delimitar alguns conceitos como – casa, lar e moradia; distinguir as ações do habitar, do morar e do residir; bem como imergir nas teorias que fundamentam metodologicamente as abordagens postas, dentre elas: a Teoria das Classificações Múltiplas (CANTER, 1985), a Teoria das Facetas (GUTTMAN, 1954) e, principalmente, as análises semióticas que permeiam toda a dissertação (PIERCE, 1970).

Por acreditar que todos nós precisamos de referências, incondicionalmente de uma referência de abrigo, já que esta é a vivência primeira de todos os seres humanos - a lembrança do abrigo uterino; afirma-se que só habita aquele que mora, não importando o lugar ou a maneira como se mora.

Nossas principais referências estão relacionadas às experiências do morar, sejam elas reais ou idealizadas. Nesta abordagem, até os sem-tetos moram (nas marquises, nas calçadas, nas praças), já que territorializam, mesmo que temporariamente esses espaços.



Portanto, como o próprio título enuncia, esta dissertação tentou encontrar uma **significação** para o que atualmente se denomina **moradia**, qualquer tipo de moradia, a partir do estabelecimento de um **eixo significativo do morar**, cuja essência é independente do modo de viver ou dos atributos físicos da casa, pois é inerente aos indivíduos (sujeitos); um tipo de premissa para a existência humana.

JUSTIFICATIVA

O contemporâneo pode ser entendido através das simultaneidades de espaços no tempo, fato que vem demandando uma problematização do mundo sob novas clivagens.

Nessa contemporaneidade, podemos observar que o espaço da alteridade⁴, ou seja, do “outro”, vem prevalecendo em detrimento do espaço da individualidade; pois na sociedade do mundo global (e globalizante) vive-se constantemente em consonância com outras realidades, que apesar de serem diversas, múltiplas, apresentam-se de forma bastante homogênea; o que conseqüentemente acarreta numa submissão das individualidades às generalidades (ou coletividades).

É o paradoxo de nosso mundo: ser igual quando tudo aponta para (ou facilita) singularizações; e singularizar-se quando tudo se encaminha para grandes transformações homogêneas. (BRANDÃO, 2002, p.138)

Seguindo esta abordagem, acredita-se que o surgimento de novas composições de grupos domésticos (famílias monoparentais, uniões livres, casais sem laços conjugais ou de parentesco) e as grandes transformações sócio-culturais

⁴ Alteridade (ou outridade) é uma concepção que parte do pressuposto de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro (que em uma visão expandida se torna o Outro - a própria sociedade diferente do indivíduo). Dessa forma, o “eu” apenas existe a partir do outro, da visão do outro, o que permite compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, tomando como referência tanto o diferente, quanto o que lhe é familiar. (IN: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alteridade>)



advindas das inovações tecnológicas difundidas veementemente pelos processos de globalização; possam estar requisitando novas e distintas formas de moradia. A dinâmica das transformações familiares e, talvez, a emergência de um novo padrão social, podem estar exigindo uma adaptação ou re-desenho da habitação nos vários e diferentes estágios.

Com a velocidade instantânea, a informação pode estar presente, afetando diretamente diferentes partes do mundo, sem requerer uma 'presença'. Imagens e sons são reproduzidos simultaneamente no interior de dez milhões de salas, pela TV, internet, seja qual for a distância, tempo e quantidade. (ARX PORTUGAL, 1991, p.35)

Sendo assim, em primeira instância, questiona-se: nessa nova concepção de comportamentos, como ficam os hábitos de morar? E os espaços de moradia? A casa? A noção e o usufruto da casa continuam os mesmos?



Imagem 01. Diferentes formas de morar.

Fonte: [http:// www.acreditesequiser.net](http://www.acreditesequiser.net)

Indaga-se ainda: Como é que a globalização vem interferindo nos hábitos de morar da sociedade maceioense? Será que ela interfere igualmente nos hábitos de morar dos diversos segmentos desta sociedade?

Com o exposto, é possível entender a relevância deste trabalho enquanto uma oportunidade de reflexão e discussão acerca do espaço habitado sob a perspectiva das dimensões sócio-culturais e, sobretudo, a simbólica; que visam oferecer subsídio teórico e contribuições para

auxiliar o fazer arquitetônico e, por consequência, urbanístico da atualidade.

Ademais, vale ressaltar que o trabalho pretende explorar relações dialéticas entre binômios importantes no que tange às delineações de características desse mundo contemporâneo, tais como: relações entre **tangível (concreto) e o intangível (imaterial)**, sugere ainda uma aproximação (ou diálogos, interfaces) entre **hábitos e dinâmicas**, entre a **norma** (que aqui se expressa concretamente na arquitetura) e o **desvio** (pelo fato de tomar outras ciências, como as sociais, enquanto parâmetros de análises que subsidiam o entendimento destes desvios, principalmente os



comportamentais); e por fim, a discussão aqui posta também permeia a compreensão de **fluxos** (como por exemplo, os hábitos de morar) e **fixos** (os elementos edificados da arquitetura).

OBJETIVO GERAL

- Desenvolver um instrumental metodológico que permita demonstrar se há (ou não) um “**eixo significativo da moradia**”⁵, a partir da avaliação dos hábitos de morar de diversos grupos sociais, tomando a dimensão simbólica dos espaços habitados como referência, e as questões sociais como uma variável que limita as divergências e as convergências do cotidiano do morar destes diferentes grupos humanos. Esse instrumental deve ser estruturado de forma que possa ser aplicado em várias outras realidades e pesquisas cujos objetivos também recaiam sobre o escopo da proposta levantada neste estudo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Delinear e estruturar (dentro da lógica deleuziana da des-re-territorialização) as diferentes ações: HABITAR, RESIDIR e MORAR;
- Descobrir quais procedimentos metodológicos são capazes de responder a demonstração deste “eixo significativo da moradia”;

⁵ “**Eixo significativo da moradia**” foi um termo elaborado pela autora na tentativa de explicitar uma **significação da moradia** mediante diversas maneiras de viver, ou seja, acredita-se que há elementos sógnicos (sobretudo simbólicos) que estão conectados de forma embrionária com a sensação de posse, o que acaba por definir relações afetivas das pessoas com os espaços onde moram; e que, inexoravelmente, consubstanciam ligações com a concepção do morar, independentemente da forma como vivem, do padrão de vida. No entanto, por tomar elementos sógnicos como parâmetro para as análises, vale ressaltar que esse eixo significativo da moradia, apesar de não ser necessariamente ligado às condições sociais dos sujeitos, deve ser delineado para uma determinada condição cultural, que neste caso, recaiu sobre a cultura maceioense.



- Estudar as principais convergências DO MORAR entre os indivíduos pertencentes a um mesmo padrão social, bem como as principais divergências entre os padrões sociais limitados como distintos.
- Analisar os diferentes hábitos de morar da sociedade maceioense, enfocando distintos modos de residir – condomínios fechados, edifícios residenciais verticais, casas isoladas (de diversos padrões sociais); visando discutir o papel que a moradia desempenha na vida humana, a partir da compreensão de elementos impulsionadores e determinantes da produção arquitetônica doméstica contemporânea que são consumidos pela sociedade maceioense, assim como impostos pelo advento da globalização.
- Estudar os principais atributos da vida contemporânea associados às características arquitetônicas dos empreendimentos imobiliários na perspectiva de entender a cultura do morar e do convívio urbano a partir do reflexo dos novos hábitos de morar;

ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta dissertação de mestrado é composta por quatro capítulos, divididos em sub-itens, nos quais estão contidos, de forma mais aprofundada, todas as questões aqui já colocadas; além das considerações finais, das referências bibliográficas e dos anexos.

O primeiro capítulo, denominado “Entre Casas e Conceitos”, versa sobre as casas e os conceitos já elaborados por outros autores consagrados, cujos conteúdos ratificam a noção de casa e de moradia que melhor se adéquam a este estudo.

O segundo capítulo, intitulado “Pois os espaços são diferentemente habitados”, aparece como um complemento teórico, onde posicionamentos e distinções conceituais são apresentadas para melhor esclarecer a temática abordada, tais como: os conceitos de casa, lar, moradia; as diferenças semânticas entre habitar, residir e morar; a casa como lugar e como território, o espaço doméstico.

A terceira parte da dissertação apresenta os aspectos teórico-metodológicos, cujo título “*Como e o que perguntar?*” já põe em evidência as questões a serem abordadas. Nesta, estão contidas as teorias que subsidiaram a formulação do



instrumental metodológico criado (objetivo geral deste estudo), bem como a explicitação de outro instrumental – preliminar – que serviu para aplicação de uma pesquisa piloto, a qual forneceu dados e embasamentos para os devidos ajustes metodológicos. Este capítulo contém ainda a descrição das amostras avaliadas na pesquisa empírica, além de contextualização das condições sócio-culturais da cidade de Maceió, que serviu de referência enquanto estudo de caso.

No quarto capítulo foram discutidos os resultados finais, a partir da análise de gráficos e matrizes. Essas discussões demonstraram ser indispensáveis para que os questionamentos elaborados no decorrer da dissertação fossem respondidos. As discussões são correlatas essencialmente aos hábitos de morar, às construções imagéticas do morar – pautados na realidade atual e nos ideais de moradia dos diferentes segmentos sociais da cidade de Maceió.

E por fim, têm-se as considerações finais, onde foram abordados com maior aprofundamento os rebatimentos e as discussões dos resultados finais e, enfim, pôde-se verificar a possibilidade de delinear um eixo significativo da moradia, mediante levantamento de diversas formas do viver em Maceió.



CAPÍTULO I - Entre Casas e Conceitos

A casa, espaço no qual se habita, objeto de uso cotidiano do ser humano, pode ser tida como uma variável de total conhecimento e domínio. Entretanto, ao olhá-la sob a premissa de um objeto multidisciplinar, pode-se verificar que este espaço arquitetônico é um dos mais complexos, seja no tocante ao seu processo de criação – por parte do arquiteto – seja pela submissão de uma análise de seu usuário – o(s) habitante(s). O olhar de avaliação sobre este objeto arquitetônico, pautado em outras ciências, é cheio de nuances, sobretudo quando se trata das ciências sociais.

Neste sentido, o presente capítulo propõe revisar a literatura de alguns autores que versam sobre conceitos inovadores e tangenciais à temática da casa enquanto espaço arquitetônico onde a relação afetiva se estabelece de forma mais enfática.

Esta abordagem trata de casa, arquitetura, cultura, signo, história, sociedade, memória, etc.; enfim, *“uma constelação de novas imagens indexadas por algumas idéias novas (...) novas maneiras de pensarmos o espaço no momento em que somos sacudidos por categorias de espaço pouco pensadas”*. (BRANDÃO, 2002, p.15)

É transformando o paradigma de que o conhecimento no campo da arquitetura é comumente associado aos processos de criação e à obra arquitetônica (cujo enfoque recai fundamentalmente sobre as representações geométricas dessas formas); a partir da inclusão da percepção humana através da representação topoceptiva, que podemos fundamentar a arquitetura como um sistema simbólico moldado e compartilhado por determinada cultura, imerso em redes de significações que lhe conferem sentido.

Com base no entendimento da dimensão afetiva (simbólica) da arquitetura torna-se possível apresentá-la sob um enfoque diferente, realçando mais o ponto de vista do usuário em termos emocionais e perceptivos, apoiando-se nos processos de simbolização, que têm origem desde o início da vida humana.

Os estudos e as investigações limitar-se-ão às contribuições filológicas – os dados sociais, isto é, da função; os dados construtivos, isto é, da técnica; os dados volumétricos e decorativos, isto é, plásticos e pictóricos; decerto bastante úteis, mas ineficazes para fazer entender o valor da arquitetura, uma vez que se esqueça a sua essência, o substantivo que é o espaço. (ZEVI, 1984, p.19)



1.1 As casas e o(s) tempo(s)

Como já dizia Freud (1929) “os *primeiros atos culturais* (realizados pelo homem) foram o emprego de ferramentas, a dominação do fogo e a construção de habitações”. Com isto é possível enquadrar o homem como um inveterado construtor de objetos arquitetônicos necessários para sua subsistência; dentre os quais, a casa aparece como o mais fundamental.

Foi assim desde a pré-história. O homem necessitava “antropomorfizar” o espaço para que este pudesse se tornar habitado; para atender às suas necessidades. Dessa forma, os homens deixaram de viver em cavernas e passaram a construir suas próprias habitações.

Desde então, esses espaços “antropomorfizados”, com função primordial de **abrigo**, têm-se proliferado dentre as mais diversas civilizações (sociedades) e das mais diversas maneiras, não só no que concerne a uma questão cultural, mas também (ou melhor, principalmente) no que se refere a uma questão temporal (de épocas).



Imagem 02. O primeiro edifício, segundo Viollet-le-duc.

Fonte:

http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq024/arq024_02.asp

As concepções, bem como as configurações das casas, estão totalmente imbricadas com os paradigmas de uma determinada época, em uma dada sociedade. A partir do entendimento dos hábitos, dos valores e, portanto, da cultura e dos comportamentos sociais sobre um recorte temporal, pode-se compreender com maior abrangência o objeto arquitetônico de maior influência na vivência humana – a CASA.

Dessa forma, a definição das configurações espaciais, estéticas, funcionais e, principalmente, a valoração (tanto do valor material quanto do valor simbólico) da casa estão relacionadas às práticas sociais (a depender dos grupos sociais, da família, etc.). Por este motivo, o morar para a tradição oriental pode ser bem diferente do morar para o mundo ocidental, e isto resulta em casas com formas e distribuições de funções diferentes. (MUMFORD, 1965)



por uma **significação** da **moradia** ...

Para a sociedade da Grécia Antiga, por exemplo, a idéia de casa como **propriedade privada** de um indivíduo ou de uma família foi concretizada e reforçada pela concepção de esfera privada da vida urbana; já que para os gregos a esfera pública era algo extremamente importante para discussão e reforço do pensamento político democrático (que teve seu berço no seio da sociedade grega, mais precisamente, da sociedade ateniense). Neste sentido, a casa adquiriu qualidades específicas e passou a ser considerada um **território inviolável**. Ao contrário do que acontecia na ágora, na casa os cidadãos eram antes de tudo indivíduos.

A civilização romana, por sua vez, adicionou um **valor de status** à concepção de casa e, assim, estabeleceu uma relação de poder e de posse diferenciada da sociedade grega. Aqui a esfera privada passou a ser **objeto de diferenciação entre camadas sociais**. Em Roma, havia dois modelos bastante difundidos de residências: as *insulae* - que eram edifícios de múltiplos andares destinados às camadas mais populares, e os *domus* – residências maiores e unifamiliares destinadas às camadas mais ricas.

Estes valores foram incorporados pela sociedade medieval e perduraram até a Idade Moderna. Com o surgimento de uma nova classe social (burgueses) o valor de status, anexado à casa anteriormente pelos romanos, acaba por ser intensificado já que a burguesia precisava reforçar seu poder e atuação.

Assim, deu-se início a construção de grandes espaços de moradia no meio urbano, denominados *pallazzos*, que tinham a função não só do morar, mas também, eram o local de trabalho dos burgueses na prática do comércio (esta tipologia arquitetônica do comércio embaixo, moradia em cima, perdurou por longos anos e foi incorporada no Brasil sob a influência da colonização portuguesa). (MUMFORD, 1965)

Além de abrigar as famílias, esses *pallazzos* abrigavam os empregados, aprendizes, amigos; e por terem poucas divisões internas e escassez de mobiliário, não propiciavam o que hoje é



Imagem 03. Pallazzo da família Médici

Fonte:

<http://www.essentialarchitecture.com/STYLE/628px>
Palazzo Medici Riccardi.jpg



apontado como um aspecto fundamental nas casas, **privacidade**. Portanto, pode-se afirmar que nesta época, antes de ser um espaço da privacidade, a casa era um espaço para demonstrar a superioridade.

O desenvolvimento da **intimidade e da privacidade** nas casas teve seu auge em Paris e em Londres séculos depois (por volta do século XVII), acontecendo como uma reação involuntária. Estudos mostram que as casas holandesas foram as primeiras a serem compartimentadas, apesar de bem pequenas e simples. Com isso, surge também a idéia de **domesticidade** atrelada aos espaços de moradia, ou seja, a casa passa a ser um lugar associado à regência e ao controle feminino. (RYBCZYNSKI, 1996)

Na Era Burguesa do século XVIII a casa passa a ser um lugar essencialmente voltado para o comportamento pessoal e **íntimo-familiar**, isto é, estava se tornando um **lar**. A introdução de mobiliários como parte constituinte da casa, também passou a ser uma característica desta época; os mobiliários eram ergonomicamente corretos, sobretudo as cadeiras, influência trazida do estilo Rococó.

A concepção de **bem-estar** já tinha sido instaurada como fundamental para a composição do espaço doméstico desde os grandes casarões de campo – as villas – projetados pioneiramente por Andrea Palladio, no auge da renascença italiana. O desenvolvimento de grandes alas nos interiores das casas e o estabelecimento de grandes cômodos agora ganham mais força.

Com a Revolução Industrial, novos materiais começaram a ser empregados nas construções das casas, bem como novos aparatos tecnológicos foram inseridos no cotidiano dos espaços domésticos. Foi uma época de preocupações com as questões de **salubridade e conforto** nos interiores das casas. Na busca de soluções que pudessem resolver os problemas de renovação do ar houve, inclusive, uma evolução dos sistemas das lareiras e uma evolução nos sistemas de iluminação. Além disso, era necessário se livrar dos cheiros desagradáveis que circundavam as casas. (RYBCZYNSKI, 1996)

Com o passar dos tempos, os espaços domésticos também começaram a requisitar **eficiência e praticidade**. Instaurou-se uma época de criação de eletrodomésticos que pudessem facilitar os afazeres da casa, o que acarretou numa diminuição da mão-de-obra para trabalhos domésticos, principalmente nos EUA. O ideal de casa, agora, estava atrelado, especialmente, à idéia de casas eficientes.



por uma **significação** da **moradia** ...

É neste panorama que se desenvolve uma arquitetura vanguardista, baseada em novos princípios – a arquitetura moderna – cuja essência sofreu forte influência dessa “Era das máquinas”. A própria concepção de casa, inclusive, esteve associada às máquinas – as casas como “máquinas de morar” (LE CORBUSIER, 1920). Com isso deu-se início à idéia de padronização, de universalização e, portanto, o surgimento de **protótipos de espaços domésticos ideais**. Assim, estilo e essência foram valores estéticos essencialmente difundidos nesta época.



Imagem 04. Villa Savoy. Le Corbusier.

Fonte: http://farm1.static.flickr.com/54/107603685_9cf7aaa055.jpg

No decorrer deste tempo, aconteceram as duas grandes guerras mundiais e as influências deste pós-guerra (em torno de 1960) nos espaços domésticos foram muitas. Assistiu-se a uma potencialização dos meios de comunicação, surgimento e difusão de novos equipamentos, o que acarretou em manifestações significativas na redefinição dos espaços domésticos (novas funções e equipamentos).

Entre as décadas de 1970 e 1990, vimos o nascer de outra realidade que interferiu (e vem interferindo) consideravelmente no nosso dia-a-dia, o universo virtual, propagado pelos meios de comunicação que hoje são parte integrante das casas, principalmente a internet. Estas possibilidades de receber informações acerca de outras culturas e hábitos têm resultado numa maior flexibilidade dos ambientes (integração da cozinha com a sala de estar, por exemplo) e numa intensa variedade de tipologias habitacionais e padrões de viver (residências unifamiliares isoladas, apartamentos, condomínios residenciais, vilas, cortiços).

A interatividade com as novas mídias no interior dos espaços domésticos tem modificado ainda alguns hábitos, dentre eles o mais recorrente é a freqüente escolha de isolamento por parte dos habitantes, em detrimento do convívio familiar. É notório que as pessoas vêm se isolando cada vez mais, cada um tem uma “mini-moradia” dentro da “moradia-mor”. É a profunda transformação do morar contemporâneo



por uma **significação** da **moradia ...**

capitaneada por novas máquinas cuja proliferação e atualização⁶ reconstróem sistematicamente o doméstico.

Portanto, os meios de comunicação estão fazendo parte do cotidiano dos espaços domésticos de uma forma incisiva, modificando consideravelmente hábitos e comportamentos. Além disto, requisitam uma adequação das funções dos ambientes domésticos aos novos equipamentos.



Imagem 05. Influência do computador na rotina das casas.

Fonte: Acervo pessoal.

Entre aparelhos de tv e microcomputadores, as casas contemporâneas desenrolam espaços de outra natureza e requisitam outras modalidades de estar em casa. Aqui se confirma o equívoco maior, que já era um equívoco antes de ser contemporâneo, que é o de opor casa a mundo (...) o equívoco é o de sempre: esse da postulação de isomorfismos. (BRANDÃO, 2002, p. 101)

Assim, pensar sobre casas na contemporaneidade exige primeiramente uma reflexão de como novas atividades e novas máquinas vêm se combinando nos interiores dos espaços domésticos, bem como pensar na potencialidade de transformações que elas sugerem e suas repercussões no cotidiano do morar.

As casas e os tempos são elementos que estão sempre se misturando e (re)compondo lugares, novos espaços domésticos, caracterizados por hábitos, disposições, enquadramentos e objetos que determinam consideravelmente a nossa concepção do morar e a valoração do que entendemos como moradia.

Já que todas as transformações histórico-sociais produzem repercussão no âmbito do doméstico, questiona-se: quais são as demandas advindas deste novo tempo, destes novos comportamentos, destas novas máquinas inventadas que produzem espaços, aproximam e distanciam, difundem e concentram? Qual a concepção de casa e o que é morar para esse imbricado e híbrido tempo que chamamos de contemporaneidade?

⁶ O processo de sofisticação das máquinas (televisão, computador, celular, vídeo games, etc.) é de tal ordem que, para o usuário comum, a sensação é estar sempre “atrasado” em relação à configuração que se poderia dispor.



1.2 As casas e o território

Os seres humanos são movidos por seus desejos. Produzem, reproduzem, vivem, na busca de satisfazer seus desejos. Desejar é, antes de tudo, construir um agenciamento, construir um conjunto, pois nunca se deseja só uma coisa, sempre um conjunto de coisas. Por isso os desejos são plurais e subjetivos.

Nesta perspectiva, Deleuze e Guattari (1980), inovadores filósofos da contemporaneidade, caracterizam o desejo como uma força ativa primária; um elemento maquínico que através do agenciamento de outros elementos “dão corpo” à subjetividade humana.

A **arquitetura** está o tempo todo operando como produtora de sensação, de sentido, de subjetividade. Ela é **máquina**. (BRANDÃO, 2002, p.10)



Imagem 06. Imagem ilustrativa de casas e território.

Fonte: <http://img181.imageshack.us/img181/3557/surrealartbylarrycarlsoon1.jpg>

Assim, como o enfoque desta investigação segue à guisa da subjetividade pautada na arquitetura, pode-se considerar os objetos arquitetônicos, principalmente **a casa**, como um desses agenciamentos maquínicos, determinados pelos desejos humanos. O complexo dessa questão é que os desejos de quem usufrui efetivamente esses espaços estão sujeitos à interpretação e mediação dos arquitetos que, por sua vez, também têm e são influenciados pelos seus próprios desejos (a eterna discussão da bilateralidade na arquitetura.).

Partindo dessas colocações, pode-se afirmar que **o desejo** vem sempre agenciado. Dessa forma, o desejo, mais do que qualquer outra força (política, econômica, social, etc.) **cria territórios**, já que estes são necessariamente compostos por [uma série de] agenciamentos.

No entanto, é necessário ressaltar que a definição de território aqui utilizada ultrapassa os conceitos normalmente reforçados pela geografia, difere até mesmo da



visão do renomado geógrafo Milton Santos ⁷. Neste estudo, tomaremos como subsídio conceitual as concepções elaboradas pelos filósofos Deleuze e Guattari.

O entendimento de território, então, pode ser explicado como o produto “agenciado” de um determinado movimento, movido pelos planos de conteúdos (ações e paixões, agenciamentos maquínicos de corpos) e de expressões (regime de signos, sistema semiótico). É como uma extensão do organismo marcada por signos visuais, vocais e olfativos; um espaço reivindicado e defendido, de maneira característica, contra ameaças, inclusive de membros da própria espécie.

Nesta abordagem, o ambiente de uma pessoa, seu “espaço de vida pessoal”, acaba adquirindo, a conotação de um território a nível psicológico. “O *território* é *sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma*”. Ele é um conjunto de representações que resultarão em uma série de comportamentos. “O *território* é o ‘em casa’”. (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.121)

É por isso que o binômio território-casa, o qual rege o dia-a-dia, transforma funções e possibilita a construção da própria expressividade humana, estando esta expressividade humana sempre sujeita a mudanças, por conta do caráter dinâmico da vida. Essas transformações, em qualquer instância ou proporção, são consideradas “*linhas de fuga*” do dia-a-dia, do território; são, portanto, desterritorializações.

Então, é possível dizer que cotidianamente des – re – territorializamos nossos espaços de moradia, e estes, por sua vez, passam a se confundir com o próprio homem, a partir dos agenciamentos maquínicos e das relações afetivas que são estabelecidas e transformadas (ciclicamente) entre indivíduo e espaço.



Imagem 07. Ilustração de uma casa em processo de des-re-territorialização.

Fonte: <http://rxs2queen.files.wordpress.com/2008/02/suuu.jpg>

⁷ Para Milton Santos (1999), o território é usado como um “sinônimo de espaço geográfico”. Segundo ele: “o uso do território pode ser definido pela implantação de infra-estruturas (...) pelo dinamismo da economia e da sociedade (...)”



Portanto, territorialização e desterritorialização são processos concomitantes, fundamentais para que se compreenda as práticas humanas e a produção de subjetividades, conforme ratificam Deleuze e Guattari (1980, p. 40):

Os territórios sempre comportam dentro de si vetores de desterritorialização e de reterritorialização. Muito mais do que uma coisa ou um objeto, o território é um ato, uma ação, uma relação, um movimento (de desterritorializações e reterritorializações), um ritmo, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce um controle.

No primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam, ainda que preservem alguns elementos anteriormente territorializados (isto é, nem sempre as desterritorializações são absolutas); e no segundo momento, os agenciamentos se reterritorializam, a partir de novos agenciamentos maquínicos de corpos, embora esses novos agenciamentos possam carregar traços dos agenciamentos passados; o que ratifica a noção de território como puro devir (aquele que é e está sendo, o vir a ser, passado-presente-futuro).

Os vetores desterritorializantes ficam mais evidentes quando um elemento exterior vem juntar-se à casa. Esta sofre o impacto do novo elemento (objeto) que já chega nela desterritorializando-a (em maior ou menor grau). Esse novo elemento pode ser uma visita inesperada (ou aquela pessoa inconveniente que faz com que você não se sinta “em casa” na sua própria casa, uma completa linha de fuga!), pode ser uma modificação, supressão ou adição de objetos da casa (sem prévio conhecimento do dono), um roubo, pode até ser uma instabilidade de humor do morador, que altera a relação de afetividade (mesmo que temporariamente) com a sua moradia.

Dessa forma, a desterritorialização é tida como o movimento pelo qual se abandona o território, é a operação da linha de fuga, e a reterritorialização é o movimento de (re)construção do território.

As reterritorializações, todavia, não significam um retorno ao antigo território em seu estado de inteireza. Propõem, de fato, novas composições, entretanto, com um sabor antigo, aquilo que irá corresponder novamente ao “em casa”.⁸

⁸ Essa colocação é de fundamental importância para reforçar a crença na existência do **Eixo Significativo da Moradia**, elementos que mesmo desterritorializados atuam como referências significativas para reterritorializações, ou para novas territorializações.



Isto posto, afirma-se que o espaço é algo em eterno processo, é um permanente “tornar-se”; e o território, por conseguinte, é essencialmente o devir. Então, é preciso pensar o território em sua mobilidade, em suas transformações.

Apesar de complexa, a associação da categoria território (deleuziano-guattariniano) com lugares da casa (normalmente lugares de maior intimidade e privacidade do indivíduo com a casa), ou até com a própria noção de casa; é bem comum, como se pôde verificar na narrativa de alguns entrevistados na pesquisa empírica⁹. As pessoas normalmente valoram a casa-moradia como território, enquanto “lugar para chamar de meu”, posse, desejo, sentir-se “em casa”; a dialética entre pertencer à casa e a casa que pertence à.

Dessa forma, é possível afirmar que mediante as dinâmicas atuais das sociedades, ao mundo globalizado, aos novos estabelecimentos de relações sociais que interferem diretamente nos processos arquitetônicos e urbanísticos; as concepções filosóficas de Deleuze e Guattari aparecem como uma ferramenta eficaz enquanto forma de avaliação coerente com a **lógica** das sociedades contemporâneas, pois considera os diversos elementos e aspectos que caracterizam essas transformações de maneira multidirecional, múltipla, superposta, **rizomática**.

Neste sentido, pode-se dizer que um rizoma fundamenta-se basicamente no caráter plural, nas multiplicidades, em relações multidirecionais. Além disso, ele não é algo exato, por se tratar de um conjunto de elementos *nômades*. Como afirmam Deleuze e Guattari: “ (...) *um platô está sempre no meio, não tem nem início, nem fim. Um rizoma é feito de platôs.*” O rizoma seria, então, uma forma de avaliar o(s) problema(s) nas suas múltiplas possibilidades. Não tem começo, nem fim, não tem tema central, não tem pré-determinações claras, nem evidentes.

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc., mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.18)

Cada vez que há ruptura no rizoma, as linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas as linhas de fuga são parte do rizoma: as linhas não param de

⁹ Como pode ser visto no capítulo IV (item 4.1).



remeter umas às outras. Uma linha de fuga é traçada quando se faz uma ruptura, mas nela pode se encontrar elementos que reordenam o conjunto e reconstituem o sujeito.

Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros? (DELEUZE; GUATTARI, 1997)

Por conta desses processos de des-re-territorialização, acredita-se que, transitoriamente - no decorrer dos processos des-re territorializantes - a casa assume um caráter rizomático, ela se torna múltipla, se transforma no rizoma “casa-mundo”¹⁰, pois desfaz a idéia que sustenta a separação do dentro-fora, isto é, permite, ou melhor, reconhece o fora no dentro, por isso des – re territorializa.

Todavia, nos rizomas há também estruturas arbóreas. Assim, como se parte do pressuposto de que é possível haver um eixo significativo da moradia, não seria cabível tomar a casa (em si) como um rizoma neste estudo, já que para caracterizar tal eixo é necessário identificar quais aspectos determinam a noção de unidade da moradia, mesmo que cada indivíduo estabeleça (inter)relações diferentes entre esses aspectos e tenham percepções únicas de suas casas, mesmo assim, acredita-se que pode haver elementos lineares (que integram uma linha – um eixo).

Por fim, indaga-se se tais elementos lineares seriam, para esta investigação, os componentes das linhas de fuga des-re territorializantes, aquelas que através de parâmetros afetivos (agenciamentos primeiros) norteiam as direções que interligam os territórios passados (ou des-territórios) aos novos territórios (ou re-territórios).

O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas (...) máquinas portadoras de universos incorporais que não são, todavia, Universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma re-singularização libertadora da subjetividade individual e coletiva. (GUATTARI, 1994, p.158).

¹⁰ Categoria criada por BRANDÃO (2002).



1.3 As casas e os signos

As formas arquitetônicas parecem vibrar em simpatia simbólica conosco, quando as olhamos, elas suscitam reações em nosso corpo e em nossa mente; tentamos reconhecer seus elementos, através da percepção de como eles se apresentam para cada um de nós. Neste contexto, entende-se que a arquitetura é capaz de evocar e sugerir significados sempre que apresentada a algum sujeito, ou seja, ela é puro signo que evoca uma constelação de mais signos.

A arquitetura, sendo uma prática significante e uma das expressões físicas de determinada cultura é, assim como o homem, um artefato cultural, uma estrutura de significações por meio da qual o homem dá forma às suas experiências no tempo e no espaço e cujo fundamento se encontra principalmente vinculado ao simbólico. (RIBEIRO, 2003, p.41).

Segundo Charles S. Peirce (1972), considerado “pai” da teoria semiótica, mais precisamente, da teoria dos signos; um signo é “*algo que está no lugar de alguma coisa para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade.*” Dessa forma, ele afirma que tudo pode ser signo, a partir do momento em que dele se deduz uma significação que depende de um contexto, principalmente um contexto cultural.

Todo objeto é capaz de gerar um significado por meio de uma representação que é gerada na mente (*representamen*) de um intérprete – indivíduo que interpreta e valora o objeto. Acredita-se, portanto, que o signo é essa relação substancial entre o significado e a representação gerada, a partir de um dado objeto, de um sujeito (intérprete) e de um contexto.

A semiótica, então, toma como pressuposto para análise tudo o que pode ser considerado signo, isto é, uma representação significativa de um objeto. É uma ciência preocupada com os fenômenos mentais, ou seja, como podem ser estabelecidas leis, através das manifestações provenientes de produtos da mente.

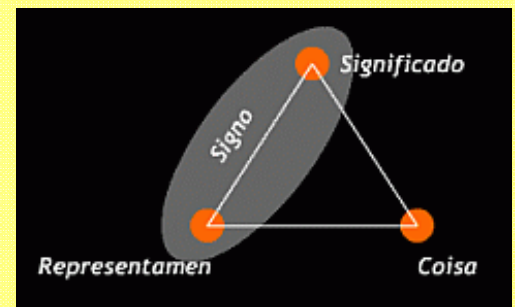


Imagem 08. Categorias semióticas e a relação triádica de Peirce.

Fonte: http://www.usabilidoido.com.br/imagens/semiologica_diagrama2.gif



Em síntese, pode-se dizer que o signo é composto de um *significante* e um *significado*, sendo o *significante* o plano das expressões e o *significado* o plano de conteúdos. Além disso, os signos são elementos em constante mutação, permitem as mais variadas relações entre objetos (imediatos e dinâmicos)¹¹, por meio de associações, comparações, convenções, leis, continuidades, descontinuidades, etc. Os signos são múltiplos e, porque não, rizomáticos. Mesmo com uma estrutura comum, os signos não são idênticos.

Devido a esse caráter plural e mutável dos signos, dependentes sempre da inserção dos mesmos em um contexto, eles podem se apresentar em várias combinações instanciais. Já que o pensamento de Pierce é todo triádico, as instâncias sígnicas podem ser categorizadas, de imediato, como:

1. *De Primeiridade* – as instâncias de primeiridade são provenientes de categorias do "desprevenido", da primeira impressão ou sentimento (*feeling*) que recebemos das coisas;
2. *De Secundidade* – essas instâncias são derivadas da categoria do relacionamento direto, do embate (*struggle*) de um fenômeno de primeiridade com outro, englobando uma experiência analogística;
3. *De Terceiridade* – completando um pensamento triádico, as instâncias de terceiridade são categorias de inter-relação de triplo termo; interconexão de dois fenômenos em direção a uma síntese, lei, regularidade, convenção, continuidade etc. É a mais complexa das instâncias.

Assim, afirma-se que as qualidades puras, imediatamente sentidas, são típicas da primeiridade. As relações diádicas, analítico-comparativas, são exemplos de secundidade. As palavras, por remeterem algo a alguém, são fenômenos de terceiridade.

¹¹ **Objeto imediato** - é aquele objeto analisado, denotado, o da tríade inicial. **Objetos Dinâmicos** – são signos, considerados objetos, pois formam uma cadeia de relações, por isso, dinâmicos, que podem estabelecer ligações e aproximações com o objeto imediato. A forma como essas relações são estabelecidas determina as combinações das instâncias sígnicas.



por uma **significação** da **moradia** ...

Portanto, a semiótica é o processo de formação de significações – também chamado de semiose ou processo sgnico; processo pelo qual alguma coisa (signo) representa outra (objeto), sob algum aspecto ou modo (interpretante – que deriva significados e significações), para um sujeito (intérprete).

Nesta perspectiva, vale ressaltar a diferença entre significados e significações. Num sentido mais *stricto sensu* no que tange às possibilidades de valoração, atribuição de interpretação dos signos por um intérprete, caracteriza-se o significado.

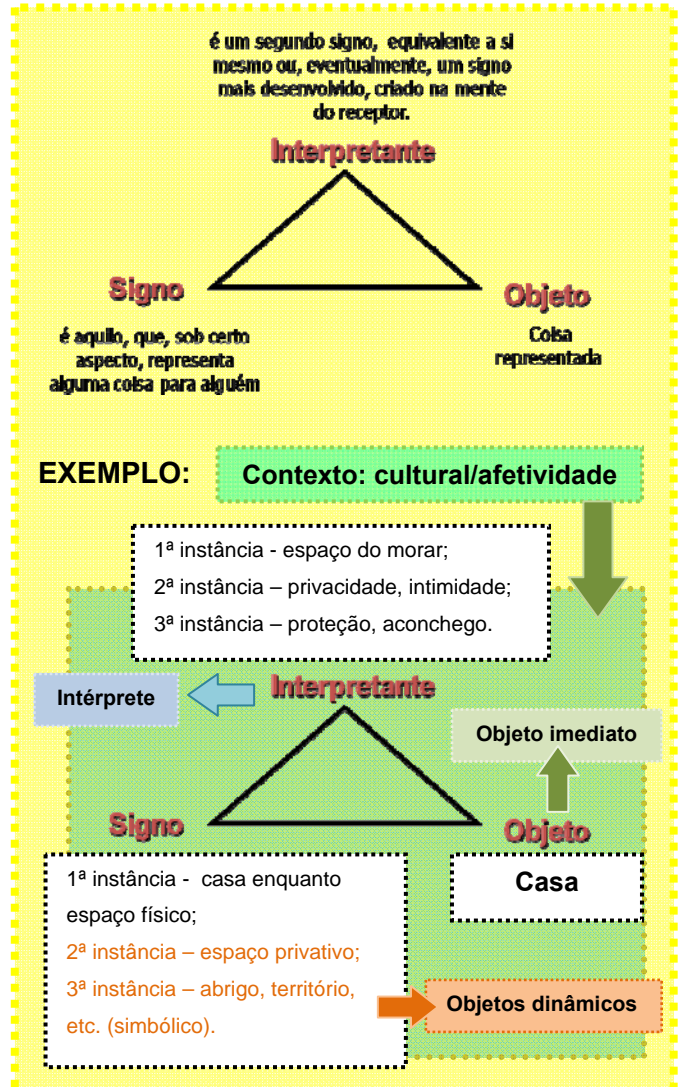
O significado é o viés de como um objeto pode se apresentar de forma mais idêntica para os indivíduos, o significado seria algo enquadrado mais numa instância de primeiridade. Refere-se a algo do mundo exterior ou interior, da existência concreta ou imaginária, atual ou passada do signo.

Isso faz suscitar em nossas mentes noções, idéias ou conceitos, que são

considerados significações. As significações são sempre variáveis, de pessoa para pessoa; estão atreladas ao que Bachelard (1991) denomina como *devaneios*, ou seja, são os inúmeros significados que se atribui a determinado objeto, frutos do fluir da imaginação, algo mais complexo e bem mais individual; um sentido mais *lato sensu* dos significados, como derivações de interpretações dos significados primeiros.

Dessa forma, os signos podem então ser classificados em sub-categorias a partir do que se valora como seus significados e suas significações. Dentre essas sub-categorias, destacam-se as relações que os signos estabelecem com o objeto denotado, podendo se apresentar como **ícone**, **índice** ou **símbolos**.

Imagem 09. Quadro ilustrativo das relações triádicas piercinianas. **Fonte:** elaborado pela autora.





Os ícones são signos que procuram reproduzir, de algum modo, o objeto ao qual se refere, oferecendo traços de semelhança ou refletindo atributos que estão no objeto significado; é uma relação de primeira instância sgnica. O ícone apresenta o objeto como ele é, ou até ressalta características deste objeto para reforçar seu real significado.

Os índices, por sua vez, são considerados signos que mantêm conexão física com o objeto que indica. Por exemplo, nuvens carregadas que se avolumam no céu aparecem como índice de chuva, uma pegada na areia da praia indica que alguém passou por ali. Os índices são, portanto, signos que se referem ao objeto denotado em virtude de ser diretamente afetado por esse objeto. São relações de segunda instância, onde é necessário haver uma relação comparativa, indicativa entre um objeto imediato (objeto dentro do signo - “especular”) e um objeto dinâmico (objeto fora do signo – referido); como a fumaça (objeto imediato) indica o fogo (objeto dinâmico).

Já o símbolo aparece como a sub-categoria da relação mais complexa entre o objeto denotado e o signo. É uma relação de terceira instância que se efetiva por intermédio de associações de idéias que acontecem de forma imediata e que são produzidas, normalmente, por alguma convenção (social, cultural, histórica, etc.); enfim, o símbolo é um signo construído arbitrariamente, não guardando, em princípio, qualquer ligação com o objeto do mundo que ele significa, isto é, a significação do objeto dinâmico (referido) prevalece em detrimento do significado que o objeto denotado (imediato) sugere em primeira instância. Um exemplo mais clichê de uma relação simbólica é associação imediata da idéia que a pomba branca (objeto imediato) traz para o interpretante *paz* (objeto dinâmico).

Com o exposto, coloca-se que as categorias escolhidas (ou desenvolvidas) pelos indivíduos nas avaliações de objetos (tendo este estudo o enfoque nas avaliações dos lugares de moradia), geralmente estão associadas: (I) aos elementos simbólicos, imbuídos de valores que remetem às experiências anteriores de vida; (II) aos elementos culturais do local de origem do indivíduo e do objeto apresentado; (III) bem como, aos ideais de concepção de mundo do indivíduo-intérprete.

Neste sentido, um mesmo objeto pode ter símbolos diferentes para um mesmo interpretante (Ex.: caverna/ árvore/ casa – para abrigo). As pessoas que possuem diferentes símbolos para determinar um mesmo interpretante – como no caso do exemplo *abrigo* – podem habitar diferentes meios e nunca se encontrarem, mas terão valores sgnicos semelhantes, ou seja, pelo menos a idéia de abrigo será parecida - o



significado é o mesmo apesar de objetos e signos diferentes, dando uma mesma conotação simbólica. (MONTEIRO, 2006.)

Esta abordagem faz a ancoragem com que acreditamos ser o fundamento da existência de um eixo significativo da moradia, pois se todos nós usufruímos da experiência do abrigo uterino como uma noção primeira do morar, esta concepção de morar pode servir de referência para toda a vida, obviamente que acrescida de novos referenciais adquiridos no decorrer da mesma. Dessa forma, entende-se que a capacidade imediata de produzir e evocar significados e derivar significações oferece um sentido à existência humana. Portanto, é próprio do símbolo ser plural e inacabado, não se esgotando num sentido único (e neste sentido a casa atua essencialmente como algo simbólico).

As funções indicativas remetem diretamente às funções práticas, isto é, os atributos da funcionalidade de um objeto denotam o seu pragmatismo, como neste estudo, a palavra casa indica de forma direta o *morar* como sua função principal. Já as funções simbólicas remetem às nossas referências sócio-culturais, ou seja, a casa como lar, como território inviolável, espaço de resguardo, como posse, privacidade e, inclusive, como definição de um status social.

Neste contexto, a dimensão simbólica é considerada o viés maior que possibilita um entendimento do morar sob uma abordagem não somente subjetiva, mas também sob uma abordagem sócio-cultural; enquanto via de acesso aos significados e significações que as pessoas agregam aos espaços, aqui mais precisamente, aos seus espaços de moradia.

Embora seja primeiramente algo convencionado, um símbolo corresponde, acima de qualquer convenção, a um vínculo continuamente construído e modificado ao longo da vida das pessoas. Essas modificações das valorações simbólicas podem ser consideradas as linhas de fuga des-re-territorializantes do nosso dia-a-dia; vale ressaltar, contudo, que alguns valores permanecem como referenciais para a constituição das novas valorações simbólicas, um eixo significativo. É como uma “reciclagem” de significações, sempre volta-se para a matéria-prima (um significado primeiro) e daí produz-se novos símbolos, novas significações.

É necessário ultrapassar aquela totalidade homogênea do espaço para descobrir seus lugares nos quais a informação se concretiza, na medida em que se produz aprendizado e comportamento traduzido nos seus signos: usos e hábitos. (FERRARA, 1993)



1.4 As casas e suas re-apresentações

Como vimos nos itens acima, as casas podem se apresentar sob várias perspectivas (temporais, relações sógnicas - simbólicas, relações afetivas que geram agenciamentos, territórios). Essas formas de compreender a casa são parâmetros para o entendimento de como as representações, sob um determinado enfoque, se formam em uma época e sociedade.

Segundo Serge Moscovici (2000), o objetivo da Teoria das Representações Sociais é explicar os fenômenos do homem com base na análise e na observação coletiva das percepções, dos comportamentos, sem perder de vista, contudo, a individualidade.

Assim, de acordo com a Teoria das Representações Sociais existem dois processos consubstanciais da percepção e, conseqüentemente, da representação dos objetos para os sujeitos, são eles: a objetivação e a ancoragem.

No processo da objetivação as idéias abstratas transformam-se em imagens concretas, através de um (re)agrupamento de idéias e imagens focadas no mesmo assunto. Objetivar é, então, transformar algo abstrato em algo quase concreto, é transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico.

Temos, portanto, a tendência de associar algo que vemos sempre com coisas que já conhecemos; caso os objetos analisados coincidam com algo já registrado na nossa memória, como semelhante ou até idêntico, melhor. Porém, no caso de avaliações de sentimentos, por exemplo, que são elementos abstratos, objetivamos a valoração dessa sensação gerada (por tal sentimento) em algum acontecimento ou ocasião que nos fez emergir a mesma sensação, ou pelo menos, uma sensação semelhante.

A ancoragem, por sua vez, é referente à assimilação das imagens criadas pela objetivação, sendo que estas novas imagens se juntam às anteriores, fazendo nascer, portanto, novos conceitos. Esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador em algo próximo ao que já conhecemos, a partir da inserção deste elemento desconhecido inicialmente em nosso sistema particular de categorias, comparando-o com um paradigma de uma categoria que nos é familiar e que pensamos ser apropriada para tal analogia. “*Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa.*” (MOSCOVICI, 2000, p.61)



Isto posto, torna-se válido afirmar que nós necessitamos criar constantemente mecanismos para transformar o não-familiar em familiar, pois aquilo que nos parece familiar é algo que sempre podemos comparar, interpretar e controlar com maior facilidade.

Neste sentido, o homem está sempre tentando garantir um mínimo de coerência entre elementos que ele conhece e elementos que desconhece, posto que quando não são capazes de avaliar algo, de categorizá-lo; um certo distanciamento é instaurado, uma resistência com este algo desconhecido.

Seguindo esta abordagem, pode-se dizer que num mesmo espaço e ao mesmo tempo, percepções atuais são multiplicadas com base em percepções anteriores; fazendo com que qualidades e valorações atribuídas aos objetos modifiquem-se a partir de novos processos vivenciados pelos sujeitos, isto é, estamos constantemente re-apresentando os objetos através de novos contatos, novas percepções que se estabelecem.

É por isso que, trazendo a discussão para o escopo deste estudo, uma mesma casa pode se (re)apresentar para uma mesma pessoa de formas diversas, como também significações da palavra casa podem ser diversas a depender de como estas se re-apresentam, ou são re-apresentadas, por novos processos perceptivos e interpretativos.

Com o exposto, é possível afirmar que uma casa nunca emerge representativamente sozinha, no sentido de que é quando misturamos outros elementos, considerados não-espaciais, que a casa aparece com mais força nas representações; por exemplo, é quando se lembra do cheiro da cozinha que os contornos físicos desta aparece na nossa memória, ou quando se olha uma fotografia da família e a imagem da sala -de - estar termina se desvelando.

Nesta perspectiva, Freitas (apud BRANDÃO, 2002, p.11) afirma que “*não há objetos no espaço, há espaço nos objetos, os objetos estão localizados, localizam e criam localizações (...)*”. Tomando-se essa colocação como referência, é possível ampliá-la ao fundamento da representação; pois quando Freitas coloca que os objetos criam localizações, ele, metaforicamente, traz implícito que as representações destes objetos, em tais coordenadas espaciais, sugerem uma relação afetiva a partir da percepção que o sujeito tem daquela ambiência (tal objeto, em tal lugar), ou seja, esta



disposição (dos objetos em determinados espaços e de espaços em determinados objetos) é algo objetivado para o sujeito que a reconhece; é algo agenciado, territorializado.

Dizemos, então, que somos capazes de representar e imaginar porque habitualmente reconhecemos o que antes era irreconhecível, porque damos nome ao que antes era inominável, porque territorializamos o que antes não era território (pelo menos, a nosso ver). Por isso afirma-se que a representação é de fato “*um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes*” (MOSCOVICI, 2000, p.61).

Entender como os sujeitos avaliam, classificam e categorizam os fenômenos é de suma importância quando se quer estudar a relação pessoas-espaço habitado, sobretudo quando esses espaços se tornam lugares, isto é, são bastante familiares às pessoas (como é o caso de cada casa para seu morador), pois assim pode-se compreender quais valores extra-espaciais (principalmente valores subjetivos) são correlacionados e associados pelos sujeitos à idéia do espaço em questão.

Categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele. (MOSCOVICI, 2000, p.63)

O ser humano tem um ímpeto por organizar, classificar, encontrar continuidades nos acontecimentos, **categorizar**. É a tendência do nosso pensamento, encaixar os novos elementos apresentados numa espécie de “caixa classificatória”, que tem como base a memória, os acontecimentos passados.

Devido a esta necessidade incessante de categorizar, os sujeitos se re-apresentam e, por conseguinte, re-apresentam tudo que os cercam, fazendo surgir novos valores e percepções para objetos já conhecidos, mas nunca conhecidos em sua totalidade, porque eles são percebidos de forma facetada; havendo sempre uma nova faceta a ser apresenta e representada.

É assim a nossa relação com as casas, quando mudam os hábitos, como é o caso do contexto contemporâneo, com o surgimento de novos agrupamentos familiares, com a inserção de novos equipamentos, etc.; também muda a forma como valoramos, usufruímos, percebemos e representamos (imaginariamente e fisicamente) nossas casas e nossos ideais de moradia.



A casa, enquanto artefato cultural, “*configura-se como um símbolo concreto que materializa uma idéia, representando fisicamente uma concepção de mundo*” (RIBEIRO, 2003, p.19) que é mutável com o passar dos tempos.

Dessa forma, o futuro é algo sempre em aberto, correlacionado a novos processos (com base nos acontecimentos passados) em transformação, cada vez mais complexos. O futuro é um portador de incertezas. O que se atribuí como significados e valores aos espaços de moradia hoje, amanhã será alterado, mas não de forma arbitrária, ou desprovido de sentido; será, apenas, uma maneira diferente de representar o morar.

A possibilidade de novas representações e significações faz a humanidade atravessar fronteiras, evoluir (embora evoluir não signifique sempre uma melhora). Como já dizia Moscovici (2000, p.66) “*todos os nossos ‘preconceitos’ (...) somente podem ser superados pela mudança de nossas representações sociais da cultura, da ‘natureza humana’.*”

Com isso, restam algumas dúvidas: Como as novas formas de sociabilidade e as novidades tecnológicas estão gerando modificações no âmbito do morar? A partir dessas novas representações sociais, quais serão as repercussões nas casas? É preciso definir novas formas de morar? É preciso definir novas re-representações de casas, de lares, de moradias?

Cada pessoa faz entrar em seu mundo interior pessoas, lugares e acontecimentos exteriores que, em determinado momento, se associaram aos seus próprios sentimentos. Projetamos nossos valores e emoções pessoais sobre os espaços ou sobre os objetos, e estes, pela sua configuração formal, provocam associações, estabelecendo uma via de mão dupla entre o mundo interior – eu – e o espaço exterior – mundo. (RIBEIRO, 2003, p.70)



CAPÍTULO II - Pois os espaços são diferentemente habitados...

Ainda que a casa seja primariamente um objeto funcional, segundo Lawrence¹² (1997), ela serve a uma gama de propósitos, aos quais podem ser atribuídos valores, tanto tangíveis e quantificáveis, tais como: valor econômico, de troca, de uso; como outros que não são quantificáveis de forma direta, como o valor sentimental, valor estético e o valor simbólico.

Devido a esta variedade de propósitos que nós atribuímos à casa, este espaço arquitetônico, que antes de tudo é doméstico, também pode se apresentar sob a forma de lar, de moradia, pode demonstrar alguns hábitos da sociedade, bem como podem indicar formas de habitar, de residir e de morar.

Os espaços habitados, sobretudo os de moradia, “*devem responder ao seu contexto e exprimir as preocupações dos seus tempos (...)*”, pois representam a materialização do pensamento e da condição social de um dado momento. (ARX PORTUGAL, 1991)

Acredita-se, portanto, que os espaços são diferentemente habitados, se considerarmos as diferenças no grau de afetividade que estabelecemos com os mesmos, por exemplo, temos muito mais vínculo emocional e afetivo com o quarto no qual dormimos todos os dias, do que com a despensa que estoca alimentos e por onde apenas transitamos; apesar de ambos estarem integrando um mesmo espaço maior – “*a casa nossa de cada dia*”.¹³

O presente capítulo tentará, então, elucidar algumas questões relativas às diferenças semânticas entre o que aqui iremos considerar **habitar, residir e morar**. Para tal é necessário entender quais aspectos (principalmente quais aspectos simbólicos) fazem da casa um lar, uma moradia.

¹² IN: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp281.asp>

¹³ Referência ao título de um livro organizado por Lúcia Leitão e Luiz Amorim, Editora Universitária da UFPE, 2007.



2.1 Casas, Lares e Moradias;

Concordando com o pensamento do filósofo Gaston Bachelard (1978, p.25) “*todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa*”, é possível afirmar que a idéia gerada pelo objeto arquitetônico - casa - é sempre um referencial para entender os comportamentos humanos.

A casa, neste sentido, pode ser entendida como uma construção cultural de um meio social, cuja configuração depende primordialmente dos hábitos de morar, os quais são determinados pelas características dos comportamentos sociais consolidados numa época.

Na pré-história, por exemplo, as cavernas eram espaços de morar que tinham como finalidade primordial gerar condições de sobrevivência para os seres humanos, contra as intempéries, a ameaça de outros seres vivos, etc. Todavia, nos dias de hoje, a casa, além de suprir a mais primitiva necessidade de abrigo, supre também, as demandas psíquicas de natureza subjetiva, próprias da condição humana.

Ela é o mundo particular de cada indivíduo, é o “estar abrigado”, “estar protegido, seguro”; é o espaço onde podemos ser nós mesmos. Assim sendo, a casa deve ser um espelho de seus moradores, refletir suas principais características, personalidade; para que estes possam se reconhecer e serem reconhecidos nela. “*A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz.*” (BACHELARD, 1978, p.26)



Imagem 10. Ilustrativa dos hábitos de morar num determinado contexto cultural.

Fonte: [http:// www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br)

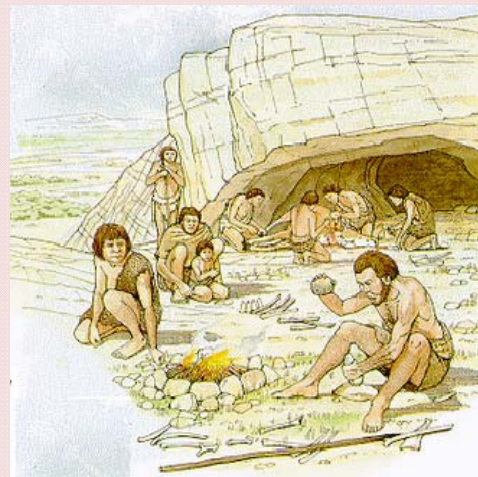


Imagem 11. Ilustrativa dos hábitos de morar nas cavernas da pré-história.

Fonte: <http://images.google.com.br/imagens/cavernas>



por uma **significação** da **moradia** ...

Portanto, o espaço privado – casa – é tido como um mundo particular, onde o ser humano deve se sentir abrigado e acolhido, pode reconhecer-se, ficar em segurança, curtir o âmbito familiar, pois o homem busca um lugar adequado aos seus modos de vida, um universo privado envolvido por laços afetivos, onde todos se conhecem (família) e onde as trocas emotivas de seus moradores constituem o que se entende por lar.

A palavra casa é um radical que pode derivar em outras palavras, tais como: casamento, casal, todas elas tradicionalmente associadas à idéia de família, de tal forma que a ela acaba sendo comumente utilizada com este significado.



Imagem 12. Quadro do artista Richard Hamilton - Pop Art. Ilustrativa da casa como um espaço íntimo, da privacidade.

Fonte: [http://images.google.com.br/
imgres?imgurl=http://bp3.blogger.com/](http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://bp3.blogger.com/)

Projetar uma casa é antecipar uma distribuição espacial que possibilite um uso adequado, um lar na verdadeira concepção, onde está presente o elemento fundamental da formação do caráter e da personalidade, aceitando-se que as recordações recônditas da vida em família prendam-se ao ambiente em que se vive. (CARNIELO, 2002, p.03)

O termo *família* foi derivado do latim “*famulus*” que significa “escravo doméstico”. Neste sentido, verifica-se que desde a sua concepção etimológica, o conceito de família está imbricado com a noção do doméstico, da casa e do lar.

A família vem se transformando através dos tempos, acompanhando as mudanças sócio-culturais, econômicas e, sobretudo, as religiosas do contexto em que se encontram inseridas. Assim, a constituição do lar modificou proporcionalmente às mudanças ocorridas nos seios familiares.

Esse hibridismo entre lar, família e o objeto arquitetônico casa é, talvez, o fator principal que vem modificando as concepções, as valorações e as configurações das moradias; pois na medida em que novos estereótipos familiares vão se formando, as



por uma **significação** da **moradia** ...

casas e suas significações se alteram, para se ajustar aos novos hábitos, às novas composições, às inovadoras rotinas que se desenvolverão nos novos lares.

Sendo assim, quando a imagem da casa (enquanto espaço físico no qual acontece e se desenrola todo o cotidiano do morar) é fundida aos aspectos simbólicos e afetivos valorados pelo(s) seu(s) habitante(s), esta se torna, de fato, um lar.

O espaço edificado para abrigar o corpo assume também a função simbólica de acolher a alma. O espaço da arquitetura produzido para abrigar o físico torna-se, também, o espaço que se edifica para acolher o psíquico (...) frente à experiência de existir. (LEITÃO, 2004)

De acordo com a mitologia romana, lares são divindades domésticas. A palavra *lar* era utilizada neste contexto para fazer referência à divindade domiciliar dos romanos, sendo cada uma destas divindades únicas para cada residência.

A concepção de lar, então, tem sempre uma conotação sentimental e afetiva com o espaço no qual se mora. A expressão popular "*lar, doce lar*" traduz perfeitamente esse significado bem convencionalizado que o termo *lar* sugere.

Compra-se uma casa, mas nunca um lar. Intangível, e por isso diferente da casa (como um espaço edificado), o lar não é efêmero, requer hábitos, vínculos, laços, emoções, acontecimentos, lembranças; requer pessoa(s). Uma casa pode até ficar desabitada, mas um lar jamais se efetiva sem a ocupação humana. "*Sem a presença humana, em sua expressão individual, o espaço produzido pela arquitetura não passaria de uma caixa*". (ZEVI, 1984, p.18)

Por conta dessa conotação mais afetiva, pessoal e singular, a expressão *lar* só pode ser aplicada como sinônimo a casa quando esta é vista como o lugar próprio de um indivíduo, ou de um núcleo familiar, onde se tem privacidade e onde a parte mais significativa da vida pessoal se



Imagem 13. Quadro do artista Tom Wesselmann - Pop Art. Ilustrativa da rotina de um lar.

Fonte: [http://farm1.static.flickr.com/](http://farm1.static.flickr.com/5/5383771_ba6eb01170.jpg)

[5/5383771_ba6eb01170.jpg](http://farm1.static.flickr.com/5/5383771_ba6eb01170.jpg)



desenrola. Partindo deste pressuposto, pertencemos muito mais às nossas casas do que elas nos pertencem.

Nesta perspectiva, as expressões “estar em casa”, “lá em casa”, “minha casa”, pelo fato de exprimir uma relação afetiva, algo simbólico com o espaço onde se mora, podem ser equiparadas ao que se conceitua como lar. Contudo, em primeira instância, a noção de casa muitas vezes é tida como local físico, uma edificação; conforme alguns entrevistados citaram na pesquisa empírica, quando estimulados a pensar livremente sobre os conceitos de casa, lar e moradia (estabelecendo diferenças e semelhanças conceituais acerca dessas nomenclaturas)¹⁴.

Ainda neste sentido, *habitação* e *residência* alcançam o mesmo significado que casa – espaço físico – apresenta. Habitação é um termo que denota o pragmatismo da casa como uma edificação destinada ao morar, além disso, é um termo normalmente empregado por especialistas, como por exemplo, quando se discute uma questão de déficit habitacional (falta de habitação para a população). E residência corresponde a um arquétipo da habitação, é um termo utilizado como um signo indicial, como uma referência (Ex.: esta é a residência do “fulano de tal”).

Em contrapartida, se anexarmos a concepção de casa à vivência, ao dia-a-dia que ratifica a noção de lar, esta pode ser tratada como tal. Esse pensamento é reforçado na fala de César Vallejo (1975): “*uma casa vem ao mundo, não quando a acabam de edificar, mas quando começam a habitá-la. Uma casa vive unicamente de homens.*”

O caráter essencial da arquitetura – o que a distingue das outras atividades artísticas – está no fato de agir com um vocabulário tridimensional que inclui o homem. (ZEVI, 1984, p.17)

O vocábulo *moradia*, por sua vez, alude uma união entre as concepções de casa e de *lar*; no sentido de que parece abarcar um conceito de espaço físico, não se limitando, porém, a este conceito; necessita de uma ampliação para sua efetivação, isto é, também está atrelado, de forma direta, à relevância simbólica que é inerente ao lar.

¹⁴ Estes resultados foram fruto das respostas obtidas no primeiro procedimento de associação livre que está contido no questionário desenvolvido para a pesquisa empírica, posto no anexo 03.



Segundo Iglesias e Souza (2004), o lugar de moradia está intimamente ligado aos anseios do ser humano e diretamente relacionado com a sua sobrevivência e com seus direitos à privacidade. Nesta abordagem, o significado de moradia vai certamente muito além da sua função de abrigo, vai além, inclusive, daquilo que estamos habituados a nos reportar como um direito de todo ser humano – o direito à moradia.

Apesar de seu objetivo principal ser o de proteger e abrigar o homem, os valores sociais e psicológicos relacionados à moradia são, obviamente, bem maiores do que os significados atribuídos a ela em primeira instância.

Pelo fato de ser uma síntese entre casa e lar, o termo moradia pode também estar atrelado a domicílio, visto que este último qualifica a moradia como um espaço doméstico.

Enfim, de todos os termos aplicados no campo do doméstico, *moradia* é o mais complexo deles, já que reúne aquilo que é concreto, tangível - o espaço edificado em si – bem como o todo abstrato, o intangível do espaço edificado.

Pode-se dizer, então, que os lugares de moradia desempenham um papel importante na constituição da identidade dos indivíduos, a partir da valoração simbólica que estes atribuem cotidianamente à casa (enquanto espaço arquitetônico habitado).

Assim, sendo a moradia o “*locus vivendi*” das pessoas, o lugar onde se desenvolvem os hábitos, determinados (e determinantes) de uma dada cultura; a mesma pode ser considerada o sítio ideal para a construção da personalidade dos sujeitos que produzem hábitos sociais e são, ao mesmo tempo, influenciados por eles.

Novas atividades criam-se no seio de profundas transformações do processo produtivo, novos comportamentos se constroem sobre novos valores a partir da constituição do cotidiano. (CARLOS ALESSANDRI, 1996)

Na contemporaneidade verifica-se que os hábitos sociais, bem como os hábitos de morar, sofreram fortes alterações (resultantes das supracitadas inovações tecnológicas, do surgimento de novos agrupamentos familiares, etc.), e com isto as necessidades da sociedade também mudaram, demandando padrões que fazem das moradias produtos de consumo que possuem inúmeras variações de forma, cor, tamanho e material construtivo, a depender do grupo social ao qual elas pertencem.



Nesta perspectiva, entende-se que o homem vai impondo ao espaço que habita suas próprias formas, as quais são mutáveis no decorrer do tempo, da história; e que estas, também se apresentam de maneiras distintas a depender dos grupos humanos, segundo afirma Santos (1988): *“os grupos humanos não se organizam igualmente, nem igualmente valorizam o espaço de que dispõem (...) a cidade é essa heterogeneidade de formas, também subordinada a um movimento global.”*

A relação com o espaço edificado, bem como os usos que os vários grupos humanos fazem dele, varia de acordo com a cultura em que cada um está inserido. Mostram, ainda, que a relação com o espaço está impregnada de referências pessoais de difícil precisão. (LEITÃO, 2004)

Logo, percebe-se que a unidade casa é resultante de um complexo processo, no qual confluem fatores sociais, econômicos e técnicos, determinantes de sua conformação e também de suas mudanças. Além disso, os costumes e modos de vida dos povos interferem na configuração e transformação da mesma, bem como as alterações históricas e as tecnológicas. (CARNIELO, 2002).

O contexto cultural pode, então, ser entendido como um produto da ação de uma comunidade (uma unidade-comum) e do seu passado histórico no espaço que ocupa. Acredita-se, dessa forma, que o espaço de morar é resultado de um processo criativo, orientado pelas necessidades sociais e culturais da integração homem-casa, que transcende a forma geométrica idealizada.

Da mesma forma, uma reflexão sobre as formas de morar ultrapassa a racionalidade dos programas de necessidades, pois compreende a vida privada, seu conforto e intimidade, os trabalhos e as rotinas domésticas, significados e valores, desenvolvidos num espaço físico que se transforma com a evolução da família e da sociedade. (KOWALTOWSKI, 1995)

De tal modo, é possível afirmar que a casa é um espaço arquitetônico cuja finalidade ultrapassa a simples função de abrigar, é algo mais essencial para a vida humana, que se produz para além do espaço físico delimitado.

Portanto, quando se trata de definir distinções entre os objetos espaciais onde se desenrola o morar (ou lugares de moradia, isto é, depois que estes espaços passaram por um complexo processo de territorialização) é possível delimitar conceitos (mesmo



que estes pareçam cambiantes). Embora haja entrelaçamentos, há como distinguir cada um destes objetos a partir da relação (em especial do grau) de afetividade dos indivíduos com os supracitados espaços – casa, lar e moradia.

Neste sentido, ao se pensar em moradia, em casa, em lar; é preciso levar em consideração que estes operam como uma espécie de sujeito, cada qual em seu grau (dependendo da instância afetiva), agindo sobre o comportamento das pessoas, podendo moldar o caráter e a personalidade do ser humano.

A casa [**no sentido de moradia**] é um ser de sensação, um composto de perceptos e afectos que emerge da *bricolage* material e imaterial, dessa conjunção de elementos heterogêneos de toda ordem, que a todo momento se resume num só enunciado: - estou em casa! O expressivo é, por isso, primeiro em relação ao possessivo. (BRANDÃO, 2002, p.65 – *grifo nosso*)

2.2 Diferenças semânticas entre **HABITAR**, **RESIDIR** e **MORAR**;

Os verbos que concretizam ações nos espaços habitados, a partir dos constantes processos de des-re-territorialização, não são explorados de forma distinta nas bibliografias mais consagradas que abordam questões relacionadas à casa e à moradia. **Habitar, residir e morar** são utilizados pela grande maioria dos autores (frizando-se aqui todos os que constam na listagem das referências bibliográficas do presente trabalho) como ações sinônimas, o que em alguns casos podem até ser tratados como tais. No entanto, devido ao fato deste trabalho explorar a temática da casa à guisa da subjetividade (da dimensão simbólica dos espaços de moradia), seria inapropriado aplicar tais verbos como conceituações de ações indistintas.

Todavia, pelo fato do conceito etimológico do *habitar* estar relacionado com o do *residir* e *morar*, e por ter sido derivado do termo alemão *bauen*, que quer dizer “*construir*”, “*cultivar um campo*”, “*cuidar do crescimento*”; bem como, também originário do termo latino *habitare* que significa “*morar, povoar, residir – habitar*”; esses verbos terminam sendo aplicados sem muita distinção semântica (na língua portuguesa), essa aplicabilidade de cada um dos termos se dá com maior ou menor frequência a depender do vício de linguagem que as pessoas estabelecem no seu linguajar.

Corriqueiramente, devido a esse linguajar habitual, as pessoas terminam generalizando o verbo *morar* e sempre que se reportam a qualquer experiência do



viver, aplicam o termo *morar*, como por exemplo, quando se lembram da infância dizem “*onde eu morava (...)*”, ou até quando passam mais tempo em algum outro lugar que não é a casa (normalmente o local de trabalho) as pessoas usam o verbo *morar* sem ser relacionado à sua moradia de fato - “*eu praticamente moro no meu escritório, passo grande parte do meu dia lá (...)*”.

Entretanto, alguns resultados da pesquisa piloto já demonstraram que, apesar de ser usual correlacionar os verbos habitar, residir e morar às questões correspondentes à casa ou à moradia, quando levadas a pensar sobre seus espaços de moradia sob uma condicionante subjetiva, a maioria dos entrevistados estabelecem algumas diferenças semânticas entre estes.

Portanto, indaga-se: Quais seriam os limites e as sobreposições que o habitar, o residir e o morar sugerem? Se é possível delinear distinções específicas entre eles, quais são elas?

Na tentativa de solucionar estas indagações, tomaremos a palavra HABITAR como algo que é inerente ao indivíduo. Segundo Lima (2007), apenas habita o homem que tem hábitos, porque a maioria das suas atividades cotidianas necessariamente se repetem, dia após dia, no mesmo espaço habitado.

Assim, habitar é aquilo que se faz cotidianamente. Dessa forma a dinâmica dos espaços e do tempo é um subsídio anexo à compreensão da relação entre a arquitetura e o comportamento humano.

Habitar sugere, ainda, uma relação que vai muito mais além da simples ação de usar. Por força do costume, o uso freqüente de um espaço pode se resumir, em muitas ocasiões, a um ato mecânico; o que não acontece quando se habita um espaço, que transitoriamente já se transforma em um lugar, porque para habitarmos é necessário que estejamos familiarizados (mesmo que minimamente) com tal espaço em experimentação.

O habitar implica, portanto, numa relação comprometida, consciente e ativa, na qual criamos vínculos temporários com o espaço, no entanto, suficientes para reconhecer(-se).

Potencialmente todos os espaços que nos rodeiam com freqüência são habitáveis, ainda que sejam com distintos níveis de *habitabilidade* em função da freqüência e da duração de nosso contato com eles.



Neste sentido, podemos dizer que habitamos aquela praça que vamos sempre, habitamos a faculdade, a escola, o local de trabalho, habitamos os *shoppings centers* algumas vezes, etc.

O verbo RESIDIR, por conseguinte, sugere uma relação um pouco impessoal entre o sujeito e a casa. Demarca a casa como um espaço de referência, uma residência, isto é, ele parece denotar apenas algo indicial, como um signo de segunda instância; é uma ação que marca uma analogia entre o habitante e o espaço onde ele vive (sabe-se que ali podemos encontrar tal pessoa). Reporta-se mais ao endereço do que à própria moradia, enquanto objetos dinâmicos referenciais. Não se pratica o residir, apenas residimos num determinado lugar, lugar este que é devidamente marcado por coordenadas (bairro, rua, quadra, lote, número).

Dessa forma, não é possível descrever o residir como algo transitório e passageiro (salvo raríssimas exceções, quando a pessoa está prestes a se mudar para outra casa ou quando está numa situação temporária); por outro lado, não se fixa vínculos significativos com o lugar se apenas o residimos (de acordo com a conceituação aqui sugerida, baseada na relação simbólica e afetiva que estabelecemos com os espaços).

Por fim, tem-se a ação do MORAR. Esta, por sua vez, parece ser mais restritiva que o habitar e o residir, no sentido de que realmente é necessário a criação e o estabelecimento de laços e de relações simbólicas, afetivas com o espaço, sendo este espaço também, lugares bem específicos, únicos e singulares. Lugares onde nos sentimos “em casa”, no sentido do território deleuziano. É uma ação fixa, nunca deixamos de morar, até o fim da nossa existência. Mora-se mais ou mora-se menos (devido a algumas ocasiões fora da rotina, dos hábitos), mas mora-se.

Para morar, entretanto, concomitantemente habitamos e residimos um mesmo espaço, porque *morar*, apesar de mais restritivo, é algo maior que o *habitar* e o *residir*, no que concerne a afinidade indivíduo-espaço.

Mora-se em Maceió, por exemplo, no bairro da Ponta Verde, pois estas não são ações passageiras (por mais que seja uma situação temporária), criam-se laços, espaços são territorializados num período de longa duração.

Então, muito mais do que habitar ou residir, normalmente, moramos em nossas casas, nem que a aplicabilidade deste conceito de morar se dê apenas com alguns cômodos da casa, aqueles que usamos com mais privacidade, mais afinho. Pode-se



por uma **significação** da **moradia** ...

até dizer que: habitamos certos espaços da casa (área de serviço, quartos de outros, banheiro), que residimos na casa número “x” (que fica na rua “y”) e que mora-se no próprio quarto, caso a permanência e o valor simbólico deste último sejam muito maiores do que com os demais cômodos da casa.

Contudo, apesar de apresentarem diferenças semânticas, *habitar*, *residir* e *morar* estabelecem relações entre si de pertinência e, se assim podemos chamar, hierárquica. É como uma relação de uma sentença matemática, o *morar* está para o conteúdo dos parênteses, assim como o *residir* está para o conteúdo dos colchetes e o *habitar* está para o conteúdo das chaves. A ordem de resolução se dá de fora para dentro, das chaves até os parênteses (passando pelos colchetes obviamente). Por isso, o *habitar* engloba o *residir* que engloba o *morar*.

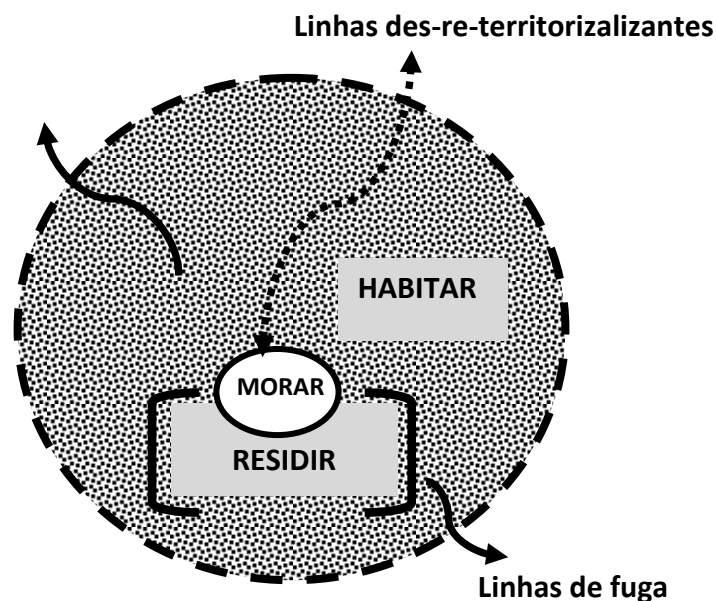


Imagem 14. Diagramas ilustrativos das relações entre habitar, residir e morar.
Fonte: elaborado pela autora.

$$\left\{ \text{HABITAR} \left[\text{RESIDIR} \left(\text{morar} \right) \right] \right\}$$



por uma **significação** da **moradia** ...

Ao delinear as diferenças semânticas entre o *habitar*, o *residir* e o *morar*, uma nova pergunta emerge de forma evidente. Será que o homem, atualmente, habita mais do que mora?

A correria é tanta! Tem-se a sensação de que tudo é passageiro e efêmero no universo desse cotidiano contemporâneo com milhares de afazeres, onde as tarefas se misturam nos espaços; às vezes trabalhamos mais em casa do que no trabalho, dormimos mais na rua do que em casa, comemos em todos os lugares (e o pior, todas as porcarias instantâneas e industrializadas), tomamos banho nas academias para “ganhar” tempo, e quando finalmente achamos que estamos praticando a ação do morar, pois se está em casa, confortavelmente, o mundo cibernético e o “telecomunicativo” invadem o nosso ínfimo tempo com a tão estimada moradia.

Eis que a pergunta se torna mais inquietante! - Será que ainda moramos?



Imagem 15. Quadro 1. Sobreposições de atividades. **Fonte:** <http://novasformasdemorar.blogspot.com>

Quadros 2, 3 e 4. Obras do artista Tom Wesselmann – Pop Art. **Fonte:** <http://www.diretoriodearte.com>



2.3 O morar espacializando territórios, espacializando lugares – espaços domésticos;

Espacializar é diferente de territorializar. A espacialização traz consigo um sentimento de localidade, “*um meio das pessoas buscarem sua identidade*” (HARVEY, 1998). Os territórios (conforme explicitado no primeiro capítulo) são mais efêmeros; pois estão sujeitos, constantemente, a processos de des–re-territorialização, ou seja, mutações das relações afetivas, dos agenciamentos maquínico dos corpos. A espacialização, no entanto, sugere continuidade e repetição, assim como o vocábulo hábito.

O termo latino *habitus*, que deu origem à palavra *hábito*, designa circunstância, condição, estado (de uma coisa ou de um corpo); enfim, quando se tem uma série de atos ligados, necessariamente a uma existência, que são repetidos no cotidiano, estes ganham a dimensão de hábitos.

Apesar do vocábulo hábito, etimologicamente, significar repetição, condição, estado, “*disposição duradoura pelo uso, costume, repetição freqüente de um ato*” (Dicionário Aurélio); nunca há a inteira repetição do mesmo.

Neste sentido, afirma-se que hábitos e dinâmica são essencialmente elementos constituintes das sociedades e, portanto, ferramentas imprescindíveis na avaliação e estudo da mesma.



Imagem 16. Forma arquitetônica que remetem à maneira como os hábitos se desenvolvem.

Fonte: [http:// www.acreditesequiser.net](http://www.acreditesequiser.net)

As coisas não mudam, nós é que mudamos. O início de um hábito é como um fio invisível, mas cada vez que o repetimos o ato reforça o fio, acrescenta-lhe outro filamento, até que se torna um enorme cabo e nos prende de forma irremediável, no pensamento e ação. (ORISON S. MARDEN)

Assim sendo, as atividades humanas, tão diferentes umas das outras, podem ser exercidas de maneiras diversas e consoantes ao homem ou à família que habita, e é através da força de se repetirem, dia após dia, que se tornam *hábitos*.



Dessa forma, é possível afirmar que quando se trata do espaço habitado, os aspectos que se tornam habituais devem ser compatíveis com o caráter cultural e social deste lugar onde os indivíduos encontram-se inseridos.

O vocábulo dinâmica, por sua vez, parece designar algo em movimento, que muda constantemente. O estudo físico das coisas que alteram um estado, uma condição, uma circunstância.

O termo hábito parece requerer então uma fixação de elementos e costumes pela repetição; e dinâmica, de forma contrária, estabelece uma noção de mudança, variação; fato que pode caracterizar estes dois substantivos como opostos.

Entretanto, ainda que pareçam opostos na sua essência, o presente estudo pretende afirmar que quando se trata de avaliar os espaços habitados, com um recorte no morar, estes dois fatores (hábitos e dinâmica) acabam se relacionando de maneira dialética, pois qualquer realidade doméstica é fundamentalmente dinâmica, assim como também é marcada e caracterizada singularmente através de seus hábitos e sistema de atividades.

A imaginação se une aos hábitos. O hábito pressupõe a repetição, mas nunca há a inteira repetição do mesmo,(...) Por dentro da repetição existe uma diferença irreduzível. (DELEUZE, 1979)

Neste sentido, é válido dizer que os hábitos de morar podem servir como uma ferramenta de análise bastante eficaz na busca pela compreensão das transformações dos espaços de moradia no decorrer da história de uma dada sociedade, já que estes revelam muito sobre as personalidades dos seres humanos, sobre seus costumes.

Assim sendo, a casa é tida como um objeto eternamente inacabado, pois na medida em que se modificam os hábitos e os momentos da vida, o ideal de casa também vai mudando, vai precisando se ajustar; já que a casa deve ter o perfil da(s) pessoa(s) que a habita.

Embora seja comum a adoção de aspectos do passado nos hábitos de morar, até por conta da memória que é carregada de lembranças e experiências de vida; é preciso ressaltar a importância de haver uma adequação desses aspectos aos novos hábitos contemporâneos.



Os espaços privados são, então, territórios onde se desdobram o dia-a-dia, onde os gestos elementares das “artes de fazer”, dos hábitos de morar, se revelam e se desenrolam; antes de tudo são espaços domésticos, a casa de cada um, lugar onde se pode ser, na íntegra, quem se é.

A casa é tida como elemento fundamental da constituição da vida humana, no momento em que o ser humano abandona o nomadismo e passa a abrigar-se em sítios específicos. O desenvolvimento do conceito de casa, assim como o da sua diferenciação do simples conceito de abrigo ocorre paralelo à definição do conceito de lugar.¹⁵

Isto posto, é importante salientar que a casa, como propriedade, estabelece relações entre indivíduos e entre grupos sociais, passando eventualmente a ser associada à idéia de poder. Assim, o desenvolvimento do conceito de casa é fruto de um processo sócio-cultural, de tal forma que em diferentes locais do mundo e em diferentes sociedades, evoluiu de maneiras diversas (conforme se encontra explicitado, de forma breve, no capítulo I, item 1.1).

Segundo Peixoto (2003), a ligação entre homem e espaço se concretiza com o tempo, e é essa relação acentuada que faz com que um espaço seja chamado de lugar. Dessa forma, torna-se indubitável afirmar que cada lugar possui personalidade e características próprias, fazendo deles, espaços únicos e singulares na visão dos indivíduos, uma vez que “representam a subjetividade humana” (CANTER, 1985). A moradia é, portanto, um lugar, talvez um dos mais singulares.

Seguindo esta abordagem, é possível definir a casa para o indivíduo como o seu “lugar no/do mundo”¹⁶, pois, trata-se de um espaço insubstituível quando se precisa ter uma sensação de segurança, de resguardo, onde podemos ser nós mesmos; enfim, é o lugar que cada indivíduo demarca, através dos sentidos (no imaginário), como seu território, adquirindo, assim, uma conotação de posse, de apropriação de uma parcela do espaço geográfico. E quando essa sensação de posse passa a ser algo inerente a uma coletividade - no caso da família – a casa pode ser considerada também como um território familiar.

¹⁵ Esta colocação foi inspirada no texto contido no site da Wikipedia (enciclopédia virtual), encontrado no endereço: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Casa>. Acessado em novembro de 2008.

¹⁶ Referência ao título de um livro da autora Ana Fani Carlos Alessandri – O Lugar no/do Mundo (1996).



Chegar com suas tralhas em algum lugar, observá-lo, checar suas possibilidades, e tendo decidido que serve, fincar bandeira, fundar território, aplicando nesse espaço uma organização multidimensional. (BRANDÃO, 2002, p.65)

Em meio ao caos, o ser humano “recorta um território e faz uma casa” (BRANDÃO, 2002), na tentativa de elaborar um espaço calmo e estável, para fazer deste território, um sinônimo da expressão “em casa”.

De acordo com Deleuze e Guattari ¹⁷, na casa as funções não preexistem nem são determinantes, entretanto, são mutáveis e passíveis a transformações. Então, na relação território - casa, “estar em casa” é diferente de morar, pois é possível territorializar um lugar, que não seja o de moradia, e se sentir tão bem e seguro a ponto de associar este lugar ao “*em casa*”.

Neste enfoque, a casa não é apenas edificação, conjunto arquitetônico, sendo definida como arquitetura não só a partir da sua configuração, mas, principalmente pela forma como se dá seu uso, ou seja, a casa é tal quando atende às funções previstas, para qual foi originada – ela é um espaço doméstico.

Para reforçar as características de espaço íntimo e privado, inerentes à noção de casa, deve-se ressaltar, antes de tudo, o caráter familiar que este objeto arquitetônico vai adquirindo na medida em que se torna um lar, o que ratifica ainda mais essa configuração do espaço casa como doméstico.

Segundo Rybczynski (1996), a domesticidade é um conjunto de atributos que só surgiu na casa a partir de um processo social de “feminização”, ou seja, quando a casa passou a ser um lugar regido sob o controle feminino - um espaço doméstico. Acredita-se que o autor fez essa colocação, por compreender que foi através de elementos inseridos a partir da presença e contribuição efetiva da mulher no lar, que a casa passou a ser valorada como um espaço doméstico.

Entretanto, é válido reforçar que atualmente este conceito vem sofrendo alterações, posto que não há mais a mesma presença e participação da mulher nos afazeres domésticos, em decorrência da grande abertura do mercado de trabalho para as mesmas, o que acaba por reforçar, inclusive, as mudanças substanciais nos hábitos de morar da contemporaneidade.

¹⁷ DELEUZE e GUATTARI, apud BRANDÃO, 2002.



Neste sentido, quando se trata de avaliar espaços de usos domésticos é preciso levar em consideração todas as particularidades do modo de viver que aparecem expressas, tais como: (i) a relação entre os membros do grupo familiar, (ii) a relação entre os membros do grupo e as novas mídias, (iii) a relação entre os membros do grupo e pessoas do “extragrupo”, e por fim, (iv) a alteração das funções e usos dos cômodos, definida pela introdução de novos equipamentos.

Dessa forma, por se tratar de um campo vasto e complexo do conhecimento, a arquitetura doméstica é constituída por várias dimensões e contextos que se imbricam e justapõem, sendo o contexto histórico tido como um alicerce importante principalmente quando se objetiva entender as transformações no cotidiano de uma dada sociedade a partir de uma análise de seus espaços de moradia.

Assim sendo, pode-se afirmar que os lugares de moradia operam como uma espécie de sujeito, agindo sobre o comportamento das pessoas, podendo moldar o caráter e a personalidade do ser humano.

Portanto, o **território** privado [casa - moradia] tem a função de restringir o transitar de pessoas “intrusas”, posto que revela muito sobre a personalidade de seu ocupante; **espacializa lugares** onde se desdobram e se repete o dia-a-dia, deixando implícita a idéia de acolhimento para seus moradores, caracterizando, dessa forma, o que chamamos de **espaço doméstico**.

A casa se revela, então, um território privado que deve ser protegido dos olhares indiscretos, porque compõe um relato de vida, “*tudo nesse lugar fala*”. “*Entrasse em casa, no lugar próprio que, por definição, não poderia ser de outrem*”. É antes de tudo o espaço doméstico, “*onde o corpo dispõe de um abrigo fechado, para poder dormir, fugir do barulho*”, onde “*a criança cresce e acumula na memória mil fragmentos de saber e de discurso que, mais tarde, determinarão sua maneira de agir, de sofrer e de desejar*”. (CERTEAU, 2002)



2.4 – Maceió enquanto espaço habitado (Objeto Empírico);

Maceió, capital do estado de Alagoas, é uma cidade do litoral brasileiro que tem uma população de aproximadamente 924.143 habitantes (dados do IBGE de 2008) e um território de, aproximadamente, 511 km².¹⁸



Imagem 17. Mapa com a localização de Maceió.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Alagoas_Municip_Maceio.svg. Adaptado pela autora

Sua altitude média é de sete metros acima do nível do mar. A cidade se situa entre o Oceano Atlântico, que a presenteia com belas praias, e a Lagoa Mundaú, que tem grande importância econômica para os povoados de pescadores que vivem em sua margem; além disso, limita-se ao norte com o município de Rio Largo e ao sul com o município de Marechal Deodoro.

Em se tratando de sua descrição geomorfológica, pode-se afirmar que Maceió é uma cidade restinga, com terrenos de planícies e planaltos. Caracterizada pelo clima tropical: pois está localizada entre os trópicos de câncer e de Capricórnio à baixa latitude - 9°39'57"S; quente: com temperaturas médias anuais elevadas (25,4°C), devido à radiação solar intensa; e úmido: com pluviosidade anual e umidade relativa do ar, bastante altas – 1700 mm e 78%, respectivamente - em decorrência da proximidade de grandes massas líquidas (oceano atlântico e Lagoa Mundaú).

¹⁸ Esses dados foram obtidos no site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Macei%C3%B3>. Acessado em Janeiro de 2007.



Seu nome se originou do engenho Massayó, palavra de origem indígena – tupi "Massayó-k", ou "o que tapa o alagadiço". Sua data de fundação é cinco de dezembro de 1815, quando o município foi desmembrado do município de Alagoas (atual Marechal Deodoro). Em vinte e nove de dezembro de 1816 ocorreu a elevação da condição de povoado à vila, principalmente por causa do desenvolvimento vindo do porto de Jaraguá, um "porto natural" que facilitava o atracamento de embarcações, por onde eram exportados açúcar, fumo, coco e especiarias.

No início do século XIX, o povoado de Maceió, tornou-se um empório comercial de certa notoriedade. O ancoradouro criara o comércio e o mesmo foi dilatando o povoamento à medida que operava seu desenvolvimento econômico e demográfico.

Dessa forma, os bairros de desencadeamento das atividades comerciais, e as suas imediações – Centro, Jaraguá, Levada, Prado - começaram a ser zonas residenciais, especialmente, da camada social mais favorecida (da época). A prática do comércio junto à moradia foi algo bem difundido e característico da colonização portuguesa.

Com o contínuo processo de desenvolvimento, a cidade tornou-se capital da província de Alagoas, em nove de dezembro de 1839, através do simbólico ato da transferência do Tesouro da Província.

Devido à referida colonização portuguesa, os hábitos de morar dos maceioenses, até 1940, foram bastante influenciados pelos modos "europeizados" de viver; a camada social mais abastada buscava se identificar culturalmente com os arquétipos europeus. (COSTA, 1981)

Contudo, a partir de 1940, a cidade expandiu em todas as direções, formando novos bairros: Farol, Bebedouro, Ponta da Terra, Trapiche da Barra, Levada; contudo, o Centro continuou abrigando a maioria das famílias tradicionais, apesar do afluxo que se iniciou, especialmente nos bairros de Bebedouro e do Farol, atraindo muitas famílias ricas da cidade.

Ainda com o passar dos tempos, esta sociedade se inseriu no processo de modernização que o país vinha desencadeando por conta da industrialização e da expansão do consumo. Este fator acarretou em uma diferenciação de status social entre as diversas áreas povoadas da cidade. Nesta época, bairros como Bebedouro, Centro, Trapiche, Levada, ainda eram tidos como ideais para se morar; já que as



intervenções públicas privilegiaram esses bairros ocupados pelos setores dominantes da sociedade.

Tentou-se, através de algumas medidas, transformar o espaço central do Maceioense em uma cidade 'civilizada'. Eles se inspiraram em todas as proporções guardadas, nas imagens dos centros das capitais européias, tentaram 'construir os muros em forma de fachada' nas ruas mais importantes e expulsaram as famílias pobres alojadas em casas cobertas de palha, do centro em um primeiro tempo e depois nas regiões circunvizinhas da cidade. (COSTA, 1981)

Nesta perspectiva, desde a década de 60, Maceió vem crescendo em um ritmo acelerado. Neste período contava com cerca de 184.644 habitantes. Vinte e quatro anos depois, em 1984, o município já tinha duplicado o seu número de habitantes.

A cidade continua expandindo e, hoje, é composta por cerca de cinquenta e três bairros (conforme demonstra o mapa da página 64). Não obstante, Maceió, na sua totalidade, ainda é uma cidade onde a característica da horizontalidade é predominante, com exceção de poucos bairros da planície litorânea - Jatiúca, Ponta Verde, Pajuçara - onde há muitas construções verticais.

Quanto ao uso e ocupação do solo, a predominância ainda é do uso residencial. Há poucas áreas com indústrias, somente o distrito industrial (Próximo à Cidade Universitária) e a indústria química, Braskem, que fica entre o Pontal da Barra e o Trapiche, bairros que apesar de serem margeados pelo mar, devido a isto, são considerados atualmente redutos da classe média baixa e baixa.

A área litorânea compreende a área de menor expressão espacial e de menor altitude (variando de 0 a 10 metros). Aqui se situam os bairros margeados pelo mar, sendo parte destes os considerados privilegiados pela boa infra-estrutura, pela bela vista que proporcionam, pela boa ventilação; como também, são os locais onde as intervenções públicas e privadas acontecem com maior destaque.

Essa porção da cidade, onde se situam os bairros da Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca e Cruz das Almas, apresenta uma predominância de edificações verticais e um adensamento de construções face à crescente especulação imobiliária nestas localidades, pois são os bairros considerados redutos da alta classe social.



por uma **significação** da **moradia** ...



Imagem 18. Vistas da cidade de Maceió - mediações das praias de Jatiúca e Ponta Verde.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Pajucara3.jpg>. Acessado em Janeiro de 2007

Por outro lado, os bairros mais antigos, que outrora tiveram seus status enquanto bairros de moradia - Centro, Jaraguá, Trapiche, Bebedouro, por exemplo – encontram-se, hoje, configurado por atividades de comércio e serviço (como é o caso dos dois primeiros) ou, como já foi dito, passaram a ser bairros de moradia de uma camada menos favorecida da sociedade (como aconteceu com o Trapiche e o Bebedouro).

O Farol é uma localidade da cidade com características específicas, pois tem uma zona de comércio e serviços intensivos, no entanto permanece como um bom bairro de moradia, mantendo grande parte da classe média (e parte da média alta) como seus habitantes, inclusive por conta das centralidades que aqui se instalaram nos últimos anos e por ter uma localização estratégica (ligando vários pontos da cidade). Apesar de ter uma quantidade considerável de edificações verticais é bem favorecido à penetração dos ventos por estar num nível mais alto da cidade.

Logo após o bairro do Farol (sentido norte), encontra-se uma das áreas de maior concentração da classe alta, o bairro do Jardim Petrópolis, onde ficam alguns condomínios fechados de luxo (Jardim do Horto, Jardim Petrópolis, Aldebaran). Esta zona era, até poucas décadas atrás, quase inabitada, mas com a construção desses condomínios residenciais tornou-se um lugar que denota status social.

Em contrapartida, os bairros do Jacintinho e do Benedito Bentes são as áreas da cidade mais adensadas pelos habitantes menos favorecidos, que possuem uma infra-estrutura bastante precária.



por uma **significação** da **moradia** ...

Por fim, têm-se os bairros de Jacarecica, Guaxuma, Garça Torta, Riacho Doce e Ipioca (Litoral Norte da cidade); apontados como área de expansão urbana. Estes vêm sendo especulados para construções de prédios e condomínios residenciais fechados, da mesma forma que acontece com a extensão de área do Litoral Sul. Isto tem causado grandes polêmicas no que tange os planejamentos futuros para a cidade, já que esta área deveria ser voltada para um enfoque de proteção ambiental.

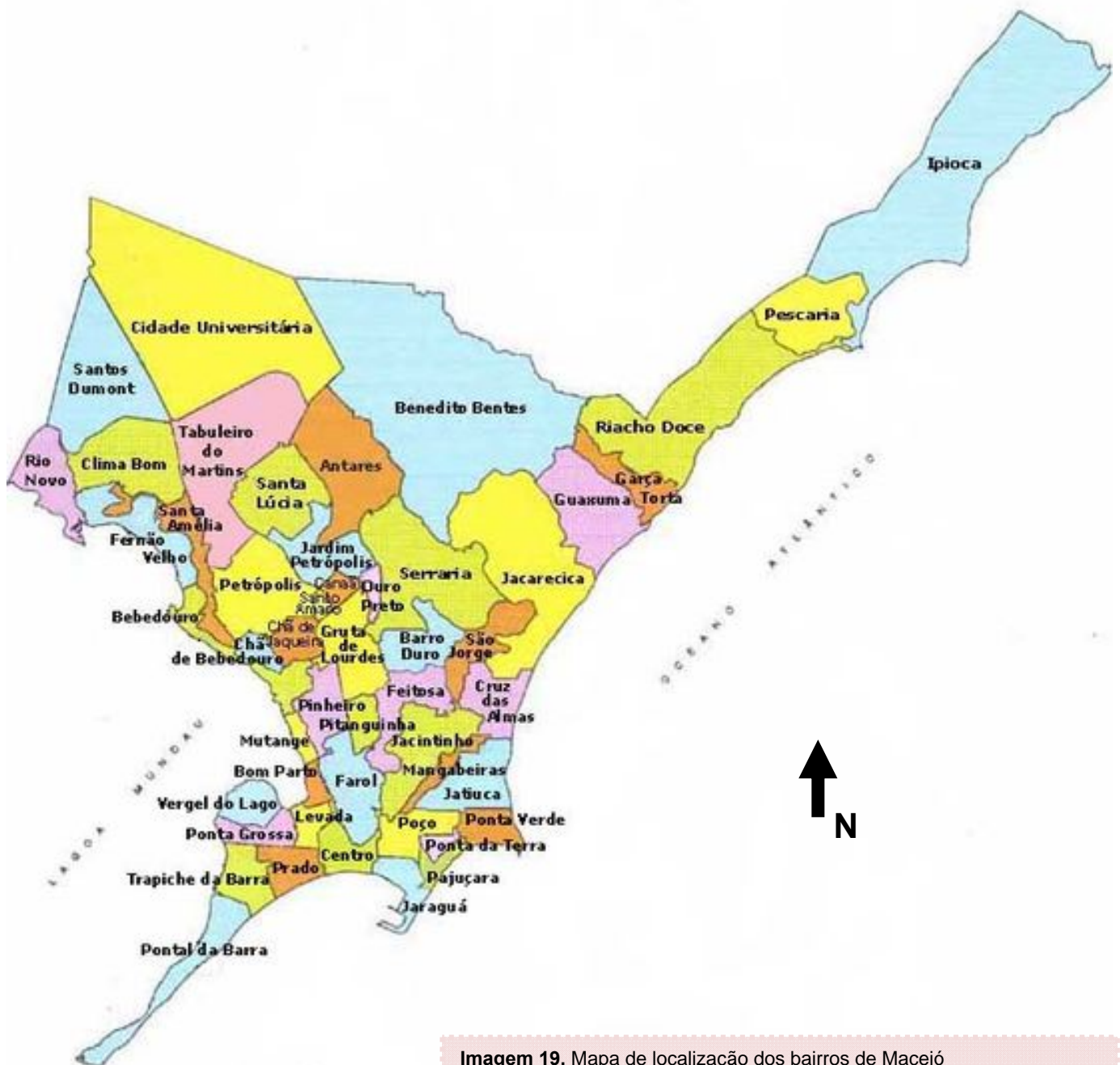


Imagem 19. Mapa de localização dos bairros de Maceió

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Mapa_de_Maceio.jpg



por uma **significação** da **moradia** ...



CAPÍTULO III – Como e o que perguntar?

Um dos fatores mais importantes para muitas investigações, incluindo esta em questão, é entender como os indivíduos estabelecem e organizam categorias, conceitos que, por sua vez, especificam aspectos de uma problemática explorada.

Portanto, essas estruturas conceituais e construções de categorias, nas quais os respondentes traçam suas avaliações, podem ser consideradas “pontos de partida” para o entendimento geral do comportamento dos mesmos e da interpretação que estes fazem dos objetos que lhes são apresentados.

Então, afirma-se que para se avaliar um lugar é preciso tomar referenciais nos aspectos sociais, espaciais, temporais, culturais; bem como envolver os aspectos do simbólico, e quando se trata da moradia, em especial, os relacionados às questões de afetividade, de reconhecimento do local e do reconhecer-se no local.

Para um estudo fenomenológico dos valores de intimidade do espaço interior, a casa, é evidentemente, um ser privilegiado (...). A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens (...). A imaginação aumenta os valores da realidade. (BACHELARD, 1978, p.23)

De tal modo, as moradias podem ser tidas como códigos, assim como funcionam as palavras, que ligadas a significações, a idéias ou a ideais são capazes de gerar novas interpretações, conceituações e até criações espaciais inéditas. Neste sentido, acredita-se que as relações afetivas estabelecidas entre os indivíduos e seus lugares de moradia, variam de acordo com a percepção e com o desenrolar das ações nos diferentes ambientes dos espaços de morar.

Na tentativa de estabelecer elementos intrínsecos ao morar, evidenciando o morar em Maceió, independente da classe social, da forma como se vive, do tipo de moradia; interroga-se: Que papel a moradia desempenha na constituição da vida dos indivíduos? Que tipo de relações afetivas os indivíduos estabelecem com seus espaços de moradia?

Essas questões levantadas serão aqui avaliadas mediante aplicação de um instrumental metodológico, que toma como princípio de análise a dimensão simbólica e as significações que tais espaços representam para seus proprietários.



Para isso, o trabalho em tela combina técnicas subjetivas de coleta de dados com a análise objetiva das estruturas espaciais que determinam certos modos de viver na cidade de Maceió-AL. Neste sentido, foram adotadas duas principais bases metodológicas: a Teoria das Classificações Múltiplas, de David Canter e a Teoria das Facetas, explorada por Guttman.

Estas foram combinadas e aplicadas de forma a fornecer dados que fossem passíveis a avaliações e rebatimentos, para que se pudesse atingir o objetivo desejado que é entender se há um *eixo significativo da moradia*, tomando como base os hábitos de morar, as relações de afetividade, os “graus” dessa afetividade do sujeito com seu lugar de moradia e as configurações dos espaços domésticos que determinam modos de viver.

A utilização das teorias semióticas para essas análises parece ser, deste modo, uma alternativa bastante eficaz, visto que estas apresentam um enfoque voltado para os fenômenos das significações e das representações.

O corte epistemológico do projeto perfila ainda uma discussão acerca dos limites e das sobreposições existentes entre as ações do HABITAR, do RESIDIR e do MORAR; estabelecendo os elementos que são capazes de abarcar uma significação para a moradia (na contemporaneidade) que possa ser aplicado a qualquer modo de vida inseridos num determinado contexto cultural, isto é, pretende-se entender quais são os comportamentos convergentes e delineadores das diversas formas de morar, independentemente da maneira como essa ação se desenvolve sem, contudo, negligenciar as divergências.

Além disso, almeja-se compreender, brevemente, como as mudanças sócio-culturais interferem nas avaliações dos espaços domésticos, mediante análises de configurações espaciais de diferentes habitações, tomando-se como base a relação entre as atividades cotidianas e o “partido - forma” adotada pela amostra entrevistada.

Contudo, neste contexto imbricado de variáveis, a pergunta essencial é: *Como e o que perguntar?* É preciso saber o que perguntar e como realizar tal artifício para que se obtenham as respostas desejadas. Entender a subjetividade que está contida e que contém os espaços de moradia é algo bem complexo, porém a maior complexidade está na objetivação desse entendimento, ou seja, além do *como* e do *que perguntar*, implicitamente, aparece um “*para que e para quem?*”.



3.1 As Classificações Múltiplas;

Subsidiar o entendimento das relações afetivas das pessoas com seus espaços de moradia é um fator que requer elementos emergentes de um subjetivo, demonstrados sob a forma de valores objetivados e categorizados.

Assim, um exame empírico serve como proposta adequada para que se realize a avaliação de um lugar, sendo que qualquer modelo proposto para tal exame deve ser fundamentado sob co-relações entre: teoria, metodologia e prática; ou seja, deve-se primeiramente teorizar as questões acerca do enfoque que irá ser avaliado, para então, adotar uma metodologia que seja eficiente e adequada para uma coleta satisfatória de resultados, a qual será obtida através da prática.

Nesta abordagem, uma das alternativas mais apropriadas para este tipo de crítica é a Teoria das Classificações Múltiplas, também conhecida como MSP (Multiple Sorting Procedure), desenvolvida inicialmente por Canter, Brown e Groat (1985), cujos procedimentos de análise buscam explorar o conteúdo dos fenômenos de maneira singular e específica.

Este método tem sido largamente utilizado, sobretudo por permitir que se examine o conteúdo gerado pelas escolhas individuais ou coletivas (através da delimitação de qualidades comum a um grupo).

Um dos usos mais freqüentes do procedimento de Classificação Múltipla é comparar os sistemas conceituais de diferentes grupos. Por isso que para Canter (1985), os estudos que se utilizam de sistemas de resposta de formato padrão, (múltipla escolha), tal como diferencial semântico, tendem a subestimar a diferença nas perspectivas entre os diversos indivíduos.

Dessa forma, os procedimentos do tipo “final aberto” (Open Ended Answers) são mais difíceis de estruturar, no entanto, permitem a obtenção de resultados mais efetivos, visto que o respondente expressará sua opinião de forma descontraída (do seu próprio modo).

Os referidos procedimentos tentam assimilar do indivíduo sua opinião, através de qualidades percebidas, idéias, pensamentos e imagens por ele categorizados, a partir dos elementos fornecidos. Então, as escolhas dos indivíduos são emitidas livremente, sem muitas limitações.



Embora seja bastante utilizada em pesquisas qualitativas, especialmente no âmbito das ciências sociais, a Teoria das Classificações Múltiplas, exige do pesquisador a tarefa árdua de categorizar e sistematizar os resultados para enfim poder fazer as análises; além disso, os procedimentos que compõem os questionários devem ser minuciosamente pensados e bem elaborados, caso contrário, pode não ser possível atingir os resultados esperados. Nesta perspectiva, esses procedimentos podem ser estruturados como uma:

- a) Associação Livre – consiste em perguntas totalmente abertas, nas quais os respondentes traçam suas avaliações sem limitações nem parâmetros previamente estabelecidos. É o mais abrangente dos procedimentos, aquele onde o entrevistado não sabe ao certo que tipo de direção a abordagem pode tomar.
- b) Associação Dirigida – é parecido com a associação livre, no entanto, o entrevistado consegue delimitar o escopo da abordagem, define o objeto da investigação, isto é, ele associa aspectos de acordo com a prerrogativa que lhe foi dada.
- c) Classificação Livre – como o próprio nome diz, o entrevistado é levado a classificar, por meio de categorizações, vários aspectos, só que de forma livre, ou seja, ele é quem vai criar (livremente) categorias para correlacionar dados, elementos e idéias.
- d) Classificação Dirigida – acontece da mesma forma que a associação dirigida, no entanto, o entrevistado deve classificar ao invés de associar, a partir de uma determinada variável já estabelecida pelo pesquisador, que norteia a discussão.
- e) Avaliação Valorativa – este tipo de procedimento se baseia numa avaliação que pode ser feita através de registros fotográficos, ou mesmo por simples apontamentos de aspectos, pelo intermédio dos quais valores são atribuídos (pelo entrevistado) de maneira espontânea.
- f) Ancoragem – é uma forma de certificação, ou seja, permite que o pesquisador tenha mais confiabilidade nas respostas dadas em procedimentos anteriores. É o rebatimento final das questões colocadas pelos respondentes; sugere um último confronto das colocações feitas pelos entrevistados, sob um enfoque específico. Permite ainda ao próprio



entrevistado rever seus posicionamentos, pois aquilo que foi indagado de início pode adquirir um caráter mais familiar no final, do que abordado em primeira instância.

As múltiplas combinações de tais estruturas procedimentais, quando bem ordenadas e combinadas, podem responder as mais variadas questões e, normalmente, resultam em instrumentais metodológicos ricos e sempre variados, pois a partir do momento que se muda um objeto de estudo, todas as variáveis em questão deverão ser modificadas e re-ordenadas para corresponder à nova lógica dos questionamentos.

Um instrumental metodológico é, portanto, a compilação dos procedimentos criados com base em perguntas ou imagens (cartões) fornecidas pelo pesquisador, complementado por uma folha de rosto (na qual os entrevistados emitem dados pessoais). Esse instrumental é a ferramenta-base para a prática de pesquisas empíricas, cada qual referente a um estudo de caso que, por sua vez, fazem alusão a um objeto empírico, neste trabalho, correspondente aos diversos modos de morar da sociedade maceioense.

Logo, o estudo do objeto empírico visa avaliar questões paralelas, tais como: o significado da própria visão de mundo dos respondentes e o reconhecimento de que aquela visão de mundo é construída em torno de um padrão de categorizações. A tendência das aceitações de experiências cognitivas implica, então, numa supremacia da percepção sobre a sensação. Desta maneira, o entrevistador deve examinar as diferenças e as similaridades entre o conteúdo das categorizações.

Assim sendo, para este tipo de investigação, deve-se considerar diferentes grupos de entrevistados para que se obtenha uma perspectiva de avaliação mais completa de acordo com o que se objetiva. Nesses estudos de sistemas conceituais existem três modos amplos nos quais os dados podem ser examinados: considerando-se as diferenças entre as pessoas, entre os elementos, ou diferenças entre conceitos e categorias para os quais os elementos são designados.

De forma complementar, o estudo de Groat (1982) demonstra bem a análise detalhada da estrutura das conceitualizações de grupos diferentes, o que pode revelar diferenças e similaridades nos esquemas de categorias, processo que chamamos de padronização de elementos. Groat examinou esses problemas conceituais e



desenvolveu uma matriz estruturadora baseada em categorias dentro de classes similares.

Contudo, para avaliar tais diferenças e similaridades nas categorizações feitas pelos grupos, é de extrema importância, fazer uma distinção entre os significados “léxicos” e os subjetivos, nas avaliações das respostas dos entrevistados. Os significados léxicos são aqueles que ditam o sentido literal (como num dicionário) da palavra; já os subjetivos consideram o que é saliente ao indivíduo, indicando sua afetividade em relação à abordagem.

Vale frisar, portanto, que o pesquisador, ao optar pela adoção do método das Classificações Múltiplas, deve ter em mente, de maneira bem clara, os objetivos que pretende percorrer, para criar procedimentos que se complementem na medida em que forem aplicados; a fim de obter uma melhor compreensão, tanto por parte dos entrevistados, os quais podem ter uma difícil assimilação das questões formuladas, caso estas não estejam bem colocadas, como por parte do pesquisador no momento de sistematizar as informações obtidas. Nesta perspectiva, uma pesquisa piloto é sempre essencial para determinar as instruções mais apropriadas para cada tipo de estudo, já que possibilita ajustes metodológicos necessários.

Deste modo, o investigador deve primeiramente avaliar o que exatamente ele está procurando saber e porquê. Esses aspectos procurados, referentes ao objeto empírico em estudo, são os denominados “focos do referencial”. Os focos, que se avalia em relação ao referencial, podem ser diretos ou indiretos, fato que irá determinar a natureza da avaliação - Procedimentos de Múltipla Escolha ou Respostas de Finais Abertos.

Os focos diretos tentam avaliar uma determinada situação equiparando relações diretamente (fundamentos x conseqüências), para tanto, os procedimentos de múltipla escolha e as classificações dirigidas são eficientes. Por sua vez, os focos indiretos buscam avaliar de forma subjetiva os condicionantes de cada abordagem. Para investigar os focos de forma indireta é ideal a utilização de procedimentos baseados em respostas de finais abertos.

Os “Degraus de Focos” modulam o referencial, ou seja, são estruturas hierárquicas que os indivíduos fazem ao avaliar os focos em questão. As diferentes e individuais interações com os lugares resultam nessas avaliações de níveis



hierarquicamente variados. O modo como estes focos são categorizados hierarquicamente pelos respondentes tangencia a formulação de facetas.

Desta maneira, a faceta do referencial, a faceta do foco e a faceta dos níveis de interação formam a base de definição ou descrição dos métodos avaliativos dos lugares, baseados em observações.

3.2 As Facetas;

Outra teoria metodológica que alicerça e fundamenta bem este estudo é a Teoria das Facetas. As facetas são tidas como qualquer meio conceitual distinto que visa classificar o universo das observações; portanto, ela parte de hipóteses, originadas pelo próprio pesquisador, posto que é ele quem vai definir quais os resultados que deseja obter para uma futura avaliação dos mesmos.

Quando as facetas são agrupadas, obtém-se a habilidade de formar categorias e construir sistemas de classificação pelos quais estímulos semelhantes, não necessariamente idênticos, podem ser tratados como equivalentes. Assim, é preciso construir categorias na busca de um entendimento do comportamento humano por meio das investigações. (CANTER, 1985)

Pode-se dizer então que a Teoria das Facetas apresenta uma perspectiva inovadora de pesquisa, pois revela ser um instrumento de mediação e análise de dados que são integrados por meio de uma estrutura lógica. Desenvolvida inicialmente por Guttman (1954), surgiu no campo das Ciências Sociais e estudos comportamentais identificando leis do comportamento humano de maneira cumulativa.

É um procedimento metodológico que também vem sendo aplicado no campo de avaliações espaciais, focalizando estudos relacionados a um modelo teórico metodológico denominado AVALIAÇÃO OBJETIVADA. A partir deste enfoque, investigações empíricas têm sido desenvolvidas explorando aspectos relacionados à percepção, satisfação, interação social, conceituação e afetividade de diferentes lugares.

Devido a estas colocações, as Facetas foram consideradas elementos complementares às Múltiplas Classificações que os indivíduos fazem em relação ao dado objeto empírico deste estudo.



Da mesma forma que acontece no âmbito metodológico das Classificações Múltiplas, a primeira providência que se deve tomar ao se trabalhar com as Facetas, consiste em estabelecer com clareza os aspectos relacionados à análise, ou seja, o que se quer saber ou conhecer, as respostas que se deseja obter.

Para isso, primeiramente deve-se formular hipóteses, nas quais serão considerados os conjuntos de elementos julgados pertinentes a serem estudados (Facetas) e suas relações com outros aspectos (outras Facetas), também julgados relevantes.

Com o exposto, acredita-se que uma faceta é constituída por elementos cuja definição está atrelada a diferentes valores ou aspectos que descrevem variações de dimensão. Geralmente, as facetas determinam a população (Faceta de Background - quem fornece a descrição), o universo a ser estudado (Faceta de Conteúdo - descreve o objeto de estudo), bem como a escala das possíveis respostas (Faceta Racional Comum); reunindo essas dimensões de maneira a formar uma “sentença estruturadora”. A junção das facetas de Background e de Conteúdo dá origem a uma outra faceta denominada Faceta de Domínio. (GUTTMAN, 1954)

No presente trabalho, a sentença estruturadora é **explicitar uma significação da moradia** (Faceta Racional Comum) mediante análise das **diversas formas de viver** (Faceta de Conteúdo) em **Maceió-AL** (Faceta de Background).

Normalmente, é imprescindível definir várias facetas para o desenvolvimento de um estudo aprofundado, sobretudo as de Background e as de Conteúdo. Às vezes, também é necessário estabelecer mais de uma faceta Racional Comum. Em pesquisas com enfoque sociológico, por exemplo, encontram-se muitas facetas do tipo Background, ou seja, têm-se várias facetas para o registro do estado civil, outras para sexo, idade, renda, escolaridade, etc. (BILSK, 2003)

Por outro lado, em pesquisas com uma abordagem psicológica, as facetas de Conteúdo (C) são mais exploradas. Como é o caso desta pesquisa, onde se pretende explorar diversas formas de viver – em condomínios fechados (C1), em residências isoladas de diferentes padrões (C2, C3, ..., Cx) , em edifícios de apartamentos (Cy) – para se chegar a uma significação da moradia (Faceta Racional Comum – R.). Do mesmo modo que as diversas concepções que se tem da moradia ideal (Cz) também são elementos interferentes na valoração da moradia atual (R).



Assim, a Teoria das Facetas (TF) recorre à teoria dos conjuntos. Como suposição fundamental, a TF parte do pressuposto de que nas pesquisas empíricas na maioria das vezes não interessam quaisquer variáveis concretas, mas sim o universo das variáveis que representam. Ou seja, quando se define o campo de interesse de modo universal, tanto os sujeitos participantes das pesquisas quanto as operacionalizações levantadas (estímulos, itens, perguntas, tarefas) configuram as amostras do universo correspondente. Ademais, esta suposição implica que – independentemente dos instrumentos empregados – pode-se comparar imediatamente os resultados de pesquisa, contanto que estes instrumentos apliquem as mesmas facetas, isto é, as mesmas categorias de conteúdo, para a classificação das observações empíricas.

Neste sentido, a referida teoria aparece como suporte ideal para o rebatimento do levantamento de dados feitos de uma utilização anterior da Teoria das Classificações Múltiplas, já que a segunda explora os dados de uma forma subjetiva e ampla.

A Teoria das Facetas é, então, um procedimento de pesquisa que abarca três aspectos diferentes. Oferece princípios sobre como delinear pesquisas para a coleta sistemática dos dados, ao mesmo tempo em que apresenta um marco de referência formal que facilita o desenvolvimento de teorias. Proporciona ainda uma variedade de métodos para analisar dados e por este motivo, apresenta-se como adequada para analisar uma grande variedade de variáveis psicológicas e sociais. E finalmente, permite relacionar sistematicamente o delineamento da pesquisa, o registro dos dados e as análises estatístico-qualitativas. Em suma, as facetas compõem uma teoria que facilita expressar suposições teóricas, isto é, hipóteses, de tal forma que se pode examinar empiricamente a sua validade. (BILSK, 2003).

Partindo destes pressupostos, as hipóteses estruturadas para este estudo foram:

- **HIPÓTESE 1 - PRINCIPAL:** Existe um eixo significativo da moradia, que é independente da condição de vida de cada indivíduo, isto é, apenas inerente ao fato da existência do mesmo.



■ HIPÓTESES SECUNDÁRIAS:

- **HIPÓTESE 2:** É possível construir uma IMAGEM DO MORAR através do entendimento dos elementos simbólicos sempre preponderantes da formação imagética, sob a óptica de qualquer indivíduo.
- **HIPÓTESE 3:** A concepção de moradia ideal está bastante atrelada à concepção de bairro de moradia ideal.
- **HIPÓTESE 4:** Os segmentos sociais que têm um padrão de vida mais baixo absorvem e almejam com maior intensidade os ideais de morar veiculados pelas mídias, se comparados aos seguimentos mais afluentes da sociedade.

3.3 A Piloto

O empirismo deste trabalho teve início com o desenvolvimento de uma pesquisa piloto, cuja base foi o questionário (VER ANEXO 1) formulado através de uma série de questões abertas, baseadas em procedimentos das Classificações Múltiplas; para que a partir dos resultados parciais obtidos, fosse possível delinear, de fato, o instrumental metodológico final (com os devidos ajustes, mais objetivo - este será apresentado detalhadamente no próximo item).

Assim sendo, nesta etapa do trabalho aplicou-se vinte formulários, com uma amostra bem randômica e diversa, para verificar quais procedimentos seriam mais eficazes na finalidade de alcançar o objetivo maior deste estudo – o desenvolvimento de um instrumental metodológico que permita demonstrar se há (ou não) um eixo significativo da moradia, a partir da avaliação dos hábitos de morar de diversos grupos sociais da cidade de Maceió-AL.

De forma resumida, o referido questionário (da pesquisa piloto) explorou questões relativas às diferenças semânticas entre casa, lar e moradia, na visão dos entrevistados; como também tentou apreender dos mesmos as distinções e sobreposições que o habitar, o residir e o morar sugerem, de maneira sempre livre e aberta. Outra associação estimulada nesta etapa foi fazer com que o entrevistado relacionasse diferentes instâncias sógnicas às suas moradias atuais, de forma a dizer o que estas significam, indicam e simbolizam para os mesmos; e por conseguinte, ele



deveria, por meio de valorações, explicitar os principais elementos que fazem da sua moradia atual um referencial de abrigo.

Além disso, indagou-se vastamente sobre a moradia atual desses entrevistados, por meio de perguntas abertas, tais como: definição do espaço de moradia em uma palavra ou frase, sensações que a casa transmite e também as qualidades que uma moradia ideal deve ter.

Nesta perspectiva, essa seqüência de perguntas abertas foi fundamental para que os entrevistados pudessem classificar livremente aspectos de sua casa, tais como: o espaço que mais gosta e o que menos gosta, as necessidades que os ambientes devem suprir, além de apontar aspectos que faltam na casa para torná-la mais adequada aos seus novos usos; sempre justificando o porquê das respostas.

De tal modo, por meio desses procedimentos foram evidenciados alguns costumes, hábitos, anseios, valorações, elementos identitários da casa, não só na opinião da pessoa entrevistada, como também da família como um todo. Pôde-se entender ainda, quais sensações determinados lugares da casa transmitem, comprovando, dessa forma, que a casa atua realmente como um objeto emissor de significados e que, portanto, influencia na formação da personalidade e no psíquico de seus habitantes.

Contudo, inicialmente tinha-se a hipótese de que a depender do modo de morar (condomínio fechado, edifício de apartamento, vilas, casas isoladas, etc.) os sujeitos tinham concepções diferentes de casa, lar e moradia, bem como agregariam valores singulares a cada tipo desses *morar*.

Com a aplicação da pesquisa piloto pôde-se verificar que não são esses modos de viver que determinam tais questões, as quais singularizam aspectos imagéticos do morar; mas sim os padrões de vida (e, portanto os hábitos de morar), ou seja, para entender essas categorias não importa se uma pessoa mora num condomínio fechado ou numa mansão luxuosa, ou num grande apartamento; se os padrões de viver forem semelhantes, elas tendem a apresentar convergências nas concepções do morar, tanto reais como ideais.

Essa verificação foi de suma relevância para o desenvolvimento das próximas etapas deste projeto, já que provou que as convergências (e as divergências) de concepções e anseios (desejos) atrelados à noção de moradia, por distintos grupos



sociais, estão vinculadas à condicionante dos hábitos de morar e não especificamente da maneira como se mora; inclusive, este foi o dado requerente das mudanças estruturais feitas no sumário preliminar (apresentado na defesa do plano, ocorrida em maio de 2008), onde se pretendia explorar as diversas imagens do morar em Maceió a partir das distinções entre os modos de viver (em condomínios fechados, casas isoladas de diferentes padrões, edifícios residenciais, vilas, entre outros).

Pôde-se verificar também que as concepções de casa, de lar e de moradia, passam pelo entendimento de valores referentes à casa atual e à casa ideal (“casa dos sonhos”), propiciando o contato mais integrado e claro com as modalidades afetiva, fisiológica e cognitiva de cada morador com seu espaço de moradia.

Nesta abordagem, é válido salientar os resultados mais contundentes que propiciaram algumas discussões parciais e que foram decisivos para o delineamento do instrumental metodológico final.

Quando incitados a pensar sobre definições de casa, lar e moradia, dentre os aspectos mais citados pelos entrevistados têm-se: acolhimento/ aconchego como fator mais associado tanto no que concerne a casa, como a moradia e, sobretudo, como referencial de lar. Como pode ser visto no gráfico abaixo, a referência de espaço físico (habitação, edificação) está atrelada percentualmente igual às definições de casa e de moradia. Quando se tratam de categorias relacionadas a aspectos sentimentais, afetivos, pôde-se verificar que estes denotam mais o que os entrevistados entendem por lar, bem como o que está atrelado à família e às recordações e vivências. Já o aspecto território aparece mais associado à palavra moradia.

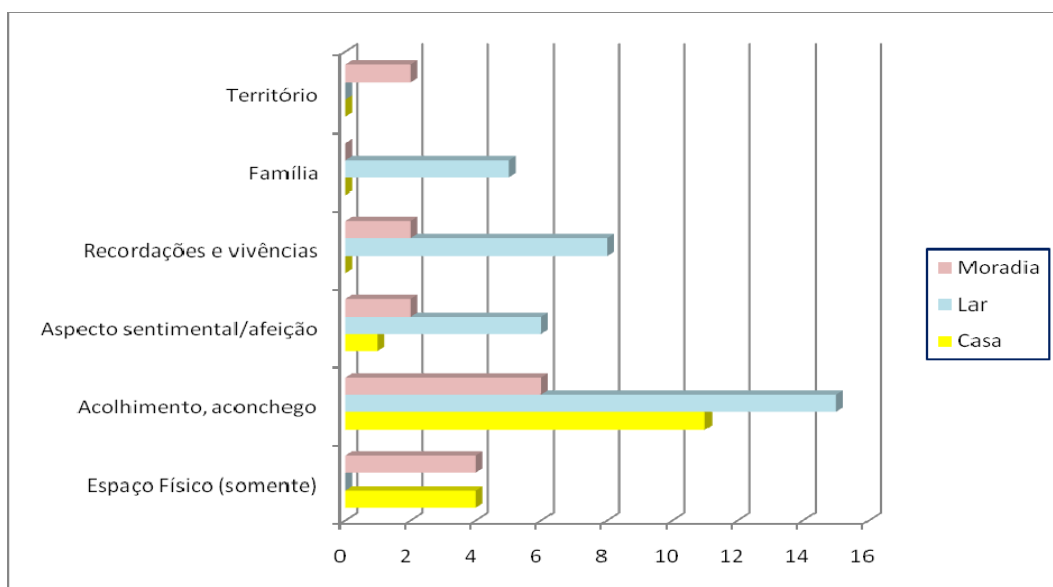


Gráfico 01. Diferenças semânticas entre casa, lar e moradia. **Fonte:** elaborado pela autora.



por uma **significação** da **moradia** ...

O procedimento seguinte, que abordava questões sobre as diferenças semânticas entre habitar, residir e morar; não foi bem compreendido pelos entrevistados, na sua maioria, pela forma aberta como foi colocado (sem direcionamentos claros). Em geral, as pessoas dizem não fazer muitas distinções entre essas ações. No entanto, ressaltaram algumas limitações nas aplicações desses verbos, tais como: um espaço de permanência, algo fixo, quando se trata da ação do morar (apontado por todos os entrevistados) e algo que denota uma ação passageira, transitória quando se trata do verbo habitar. Da mesma forma, o morar é tido como algo que requer laços afetivos, para a maioria dos entrevistados, em contraponto com o habitar que, para esta mesma maioria, parece não requerer vínculos afetivos. O residir, por sua vez, foi bem citado como algo apenas referencial, ou seja, que faz menção a um espaço físico residencial, não é tido como uma ação muito significativa, em termos afetivos (assim como foi defendido no capítulo 2, item 2.2). Apenas a ação do morar foi citada como algo ligado à posse e à categoria de território.

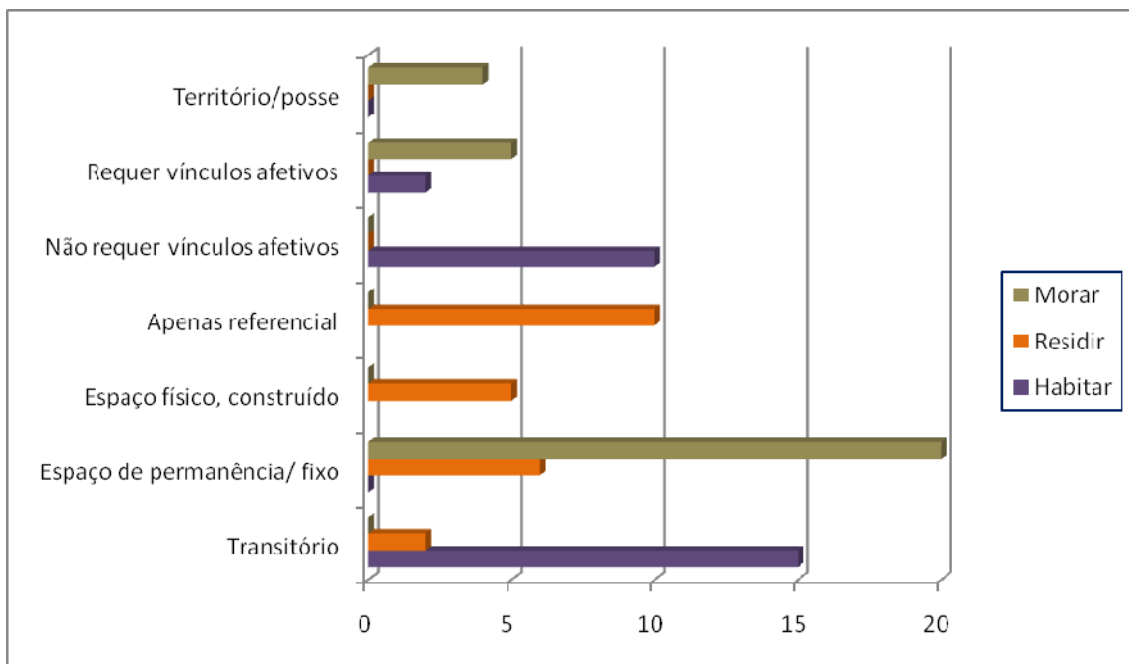


Gráfico 02. Diferenças semânticas entre habitar, residir e morar. **Fonte:** elaborado pela autora.

Em relação ao que os entrevistados apontaram como signos que melhor representam seus espaços de moradia, em diferentes níveis sónicos; obteve-se que para grande parte dos respondentes seus espaços de moradia significam o local onde vivem, tendo também uma recorrência significativa atrelada à identidade, família e



por uma **significação** da **moradia** ...

proteção. Em termos indicativos, isto é, de segunda instância, as moradias indicam principalmente segurança e bem-estar, para a maior parte dos respondentes. Quando se trata do simbólico, no entanto, o signo mais forte associado à moradia é referência, seguido de liberdade; conforme explicita o gráfico abaixo.

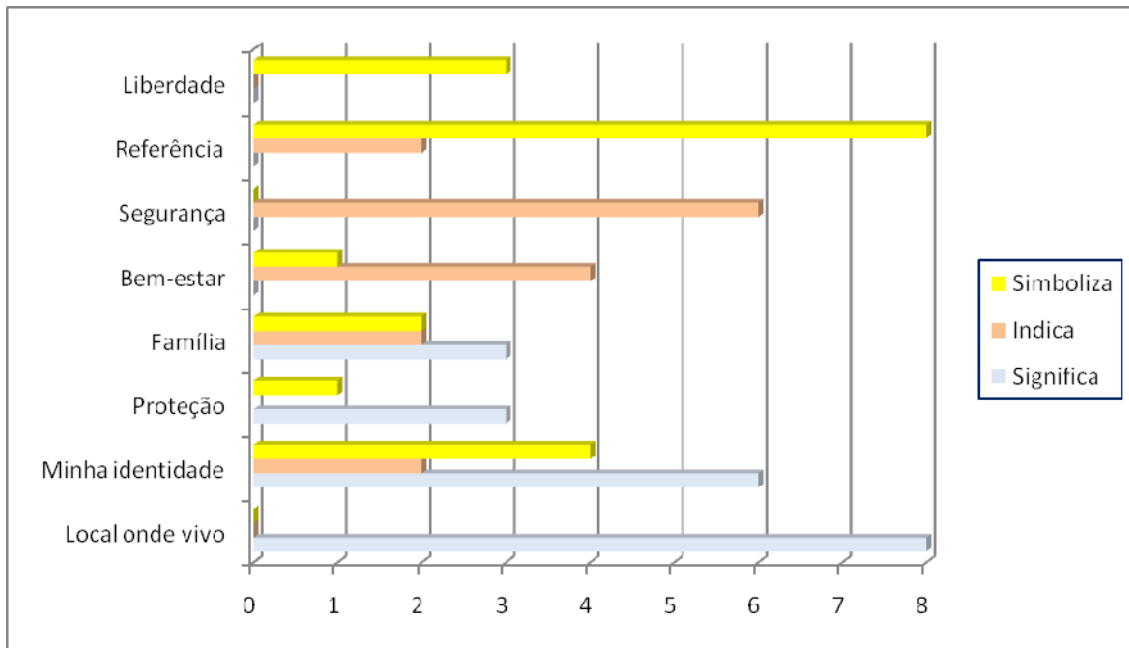


Gráfico 03. Associação Dirigida – moradia significa, indica e simboliza (...). **Fonte:** a autora.

No que concerne aos valores mais citados pelos respondentes, que ratificam a noção de casa como um referencial de abrigo, 32% dos entrevistados disseram ser a sensação de segurança o principal aspecto que as suas moradias atuais transmitem e que denotam um entendimento do espaço do morar como um lugar onde eles se sentem efetivamente abrigado. Outros 27% dos respondentes associam o sentir-se abrigado aos objetos pessoais que compõem suas casas, como por exemplo, a cama, os livros, as fotografias, os móveis herdados, etc.

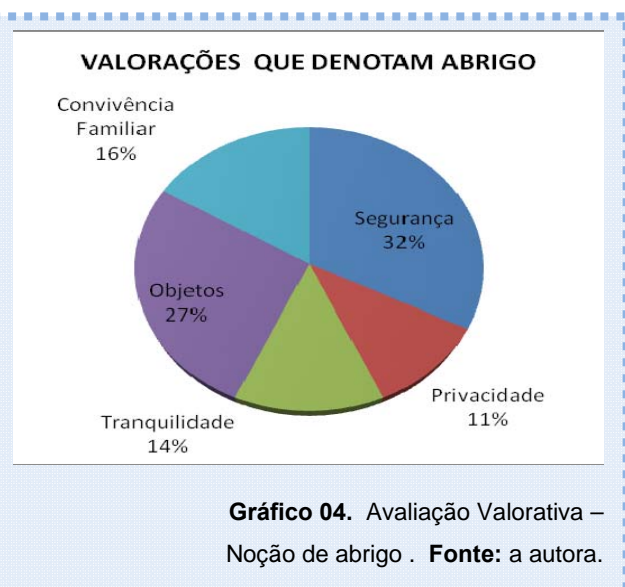


Gráfico 04. Avaliação Valorativa – Noção de abrigo. **Fonte:** a autora.



Outros 16% dos respondentes associam a convivência familiar como o grande referencial desse mesmo sentir-se abrigado, acolhido. Tranquilidade e privacidade também foram aspectos citados referentes ao espaço de moradia enquanto emissor da sensação de abrigo.

Quando a abordagem é sobre moradia ideal os aspectos sensitivos são os considerados mais importantes, como por exemplo, a maioria dos respondentes afirma que segurança, proteção e tranquilidade (calmaria) são categorias sensitivas imprescindíveis à concepção de uma moradia ideal. Em segundo lugar, foram citados os aspectos infra-estruturais enquanto prerrogativas para valoração da moradia como ideal; dentre os mais citados nesta categoria estão: salão de festas, área de lazer, quadra de esportes e piscina, como elementos bastante importantes para que se tenha a tal moradia ideal. Em seguida, têm-se os aspectos estéticos, como por exemplo, casas grandes e elegantes (mansões), em ordem de importância de ares que a moradia ideal deve conter – característica bem reforçada pela mídia como definidora de status.

Estes aspectos estéticos foram citados especialmente pelos respondentes com menor faixa de renda familiar e escolaridade. Por fim, foram apontados alguns aspectos funcionais (praticidade, limpeza) que caracterizam importância na definição do espaço ideal de moradia.

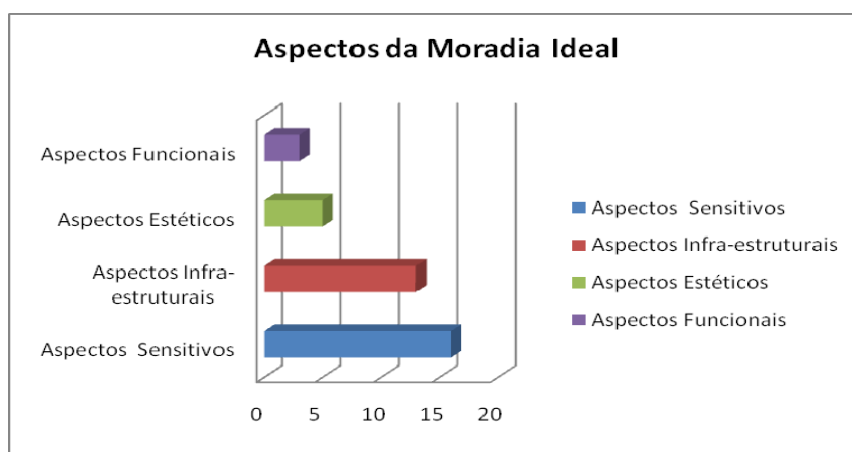


Gráfico 05. Aspectos da Moradia Ideal.
Fonte: a autora.

Ademais, verificou-se que este formulário da piloto não demonstrou grande eficiência na apuração de dados, sobretudo quando aplicados com pessoas inseridas numa faixa de renda familiar abaixo de três salários mínimos, ou grau de escolaridade incompleto até o ensino médio (pela dificuldade de assimilação das questões postas); assim como este também não forneceu subsídios suficientes para discussões aprofundadas acerca contexto da problemática abordada. Não obstante, como já foi



dito, ele foi de suma importância para a definição do instrumental final, que será apresentado logo a seguir.

3.4 Articulações metodológicas;

Das interfaces entre as facetas e as classificações múltiplas surgiu a idéia de um “*patchwork*” metodológico: criar o instrumental final a partir da complementaridade entre a forma como se classifica multiplamente os elementos de um dado objeto e como se correlaciona esses elementos entre si (e entre elementos “extra-objeto referencial”), através das diversas facetas de como esse mesmo objeto pode ser apresentado aos respondentes. Acredita-se, portanto, que essa justaposição método – lógica é algo inovador e complementar, por conseguinte, mais eficaz.

Enquanto a Teoria das Classificações Múltiplas sugere uma abordagem metodológica mais subjetiva e fluída (sem muitas limitações), com um enfoque em um determinado objeto empírico de estudo; a Teoria das Facetas permite uma maior objetivação dos questionamentos, que são gerados na tentativa de responder as hipóteses do estudo; bem como, podem ser aplicados a partir da definição da sentença estruturada.

A união das duas metodologias, então, pareceu ser uma alternativa bem cabível, tornando possível coletar tanto a visão individual como a visão de grupos sociais distintos, ou seja, aspectos apontados pelos respondentes que permitem ser estruturados e delimitados a partir do estabelecimento de categorias para agrupamento de convergências e divergências de opiniões e colocações.

Neste sentido, o instrumental metodológico, criado especialmente para a realização desta investigação, foi alicerçado na Teoria das Classificações Múltiplas em combinação com a Teoria das Facetas. Além disso, tomou-se como pressuposto os resultados provenientes da pesquisa piloto, cujo questionário foi desenvolvido com um enfoque específico em procedimentos pautados principalmente em perguntas abertas (as Open Ended Answers). A partir da sistematização desses resultados da piloto, as categorias foram transformadas em facetas para composição de novos procedimentos, visando uma maior objetivação das respostas e uma melhor compreensão das questões colocadas; resultando no instrumental metodológico final.

Assim, o instrumental final foi elaborado em forma de questionário, relativo ao que se entende por moradia e aos valores que os indivíduos anexam às suas



morádias. Dessa forma, tentou-se traçar direcionamentos para as seguintes questões: Por que alguns destes valores convergem a depender de uma variável comum que caracterizam determinados indivíduos? Existem aspectos semelhantes (não-idênticos) valorados pelos indivíduos que possam configurar um eixo significativo para a moradia?

Essas foram as perguntas norteadoras da formulação do tal questionário que foi composto por uma variedade de procedimentos, por meio dos quais fez-se uso da Associação Livre e Dirigida em conjunto com uma Classificação Dirigida, além de um processo de Ancoragem e de uma Avaliação Valorativa exploradas sob a forma de facetas.

Os procedimentos foram divididos por etapas de maneira a tentar responder questões específicas: (I) Sobre casas, lares e morádias (conceituações e entendimentos das categorias); (II) “Meu espaço de moradia é...” (avaliações dos espaços de moradia na visão dos entrevistados); (III) A moradia ideal (levantamento dos parâmetros idealizados pelos respondentes acerca da “moradia dos sonhos”); (IV) As imagens do morar (rebatimentos entre a valoração/percepção da moradia atual dos entrevistados em comparação com o ideal de moradia apresentado pelos mesmos). Estas colocações de abertura direcionarão as discussões finais acerca da existência de um *eixo significativo da moradia*.

Nesta perspectiva, o formulário contém uma série de perguntas e procedimentos, os quais deverão ser confrontados e superpostos, para que se possam debater as questões aqui aspiradas.

3.4.1 – O Instrumental;

O instrumento metodológico desta pesquisa é resultado, basicamente, de uma compilação de quatro principais procedimentos, nos quais, primeiramente, através das Associações Livre e Dirigida, tentar-se-á entender como os respondentes avaliam e associam significados aos objetos centrais deste estudo (casas, lares e morádias). De posse dessas informações será possível avaliar quais categorias atreladas a essas questões remetem aos valores atribuídos à moradia atual de cada entrevistado (segundo procedimento), bem como ao seu ideal de moradia (terceira e quarta etapas).



Acredita-se, portanto, que por meio dessas quatro importantes etapas de perguntas seja possível responder os questionamentos elaborados no decorrer dos capítulos passados. O referido instrumental foi criado a partir do objetivo norteador das questões postas, ou seja, apreender o que as pessoas entendem e como associam valores afetivos, simbólicos e até físicos aos objetos de análise: casa, lar e moradia; por meio dessa apreensão, poderá ser mais fácil apurar quais desses valores são efetivamente constituintes das relações de afetividade dos entrevistados com suas moradias atuais, graus de satisfação, agradabilidade, etc.; e por fim, rebater esses resultados coletados com os ideais de moradia apontados, para enfim poder afirmar se há um eixo significativo da moradia, bem como poder chegar numa significação para o que se entende por moradia no panorama da atualidade.

Além dessas questões, foram registrados, também, alguns dados pessoais dos respondentes, para que se pudesse estabelecer convergências e divergências do morar entre diferentes grupos sociais, podendo ser, por exemplo, a renda familiar, a faixa etária, o estado civil ou o bairro onde se mora (entre outros); uma das condicionantes para as delimitações desses grupos.

Ademais, vale ressaltar que os resultados da pesquisa piloto foram imprescindíveis para a criação do formulário final. Muitos deles foram, inclusive, transformados em facetas para um procedimento de categorização de elementos, por múltipla escolha, em ordem de preferência. Como também, foram mantidos os procedimentos contidos no instrumental da piloto que estavam apresentando resultados satisfatórios, tendo sido alguns pontos melhor ajustados.

→ **Formulário em Aplicação para discussão dos resultados da Pesquisa Final**
(VER ANEXO 3)

PROCEDIMENTOS:

1ª PARTE DO QUESTIONÁRIO: Sobre Casas, Lares e Moradias:

- **Procedimento 1: [1ª ASSOCIAÇÃO LIVRE]**

Na primeira parte da investigação, os cartões abaixo, de dimensões: 10 cm x 05 cm, foram demonstrados, para que o entrevistado, ao visualizá-lo, pudessem, de forma espontânea, exprimir suas idéias, pensamentos e conceitos acerca dos significados de **CASA, LAR e MORADIA** concebidos por ele.



por uma **significação** da **moradia** ...

O objetivo deste procedimento era avaliar como as pessoas usam essas palavras e como estas se agregam a valores que as distinguem conceitualmente, ou seja, entender quais signos são geralmente associados às noções desses espaços, ora arquitetônicos, ora imateriais.



- **Procedimento 1.1 : [ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA]**

Neste procedimento, perguntou-se ao respondente como eles relacionavam as palavras **casa, domicílio, lar, habitação, moradia e residência** com os verbos **habitar, residir e morar**. Todas essas palavras formam seis diferentes cartões, cada um medindo 10 cm x 05 cm, e os verbos estão em outros três cartões, que medem 10cm x 10cm. Optou-se por cartões para garantir maior lisura dos resultados, pois o entrevistado poderia ficar condicionado pela ordem das palavras em colunas, e os cartões são uma das formas de permitir que os próprios entrevistados agrupem e relacionem as categorias de maneira mais espontânea. Acredita-se que esse procedimento serviu mais como um suporte analítico das demais respostas, do que propriamente como um coletor de dados importantes.

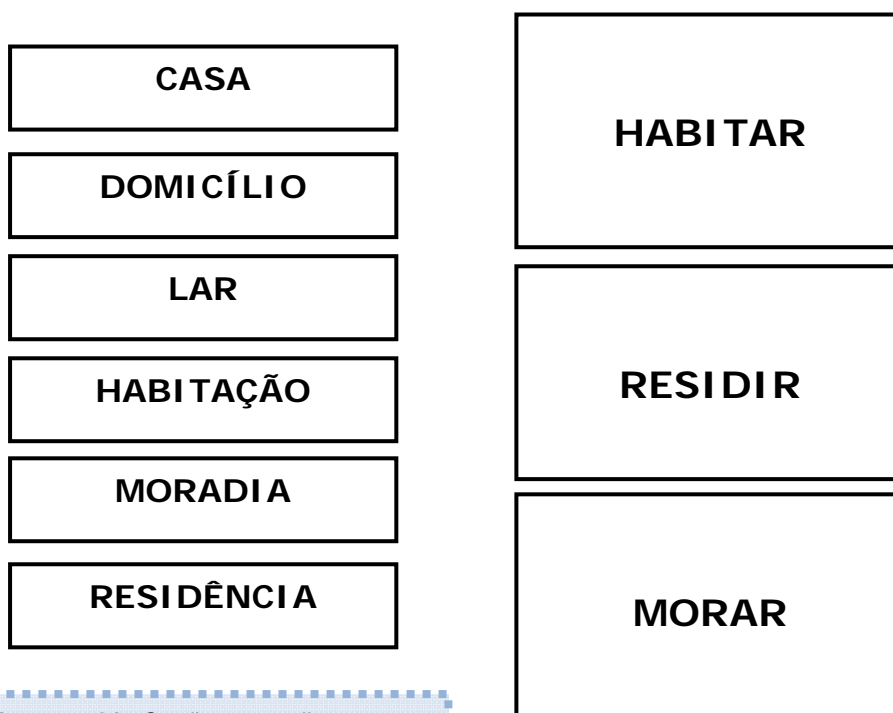


Imagem 21. Cartões procedimento 1.1.

Fonte: a autora.



2ª PARTE DO QUESTIONÁRIO: “Meu espaço de moradia é ...”:

• Procedimento 2: [FACETAS]

No primeiro momento desse procedimento os respondentes deveriam completar as seguintes frases: (I) Meu espaço de moradia indica (...) e (II) Meu espaço de moradia simboliza (...). Assim, para facilitar essa associação de facetas, utilizou-se as frases (I) assim como a fumaça está para o fogo e (II) assim como a pomba está para a paz. Acredita-se, portanto, que esta etapa foi bem importante, já que pôde demonstrar quais facetas são associadas aos espaços de moradia em diferentes instâncias sógnicas (indicial e simbólica, respectivamente). Estes resultados foram decisivos para se delinear os aspectos significativos do tal eixo da moradia.

Outra faceta de relevante apuração foi saber o grau de importância da moradia para o respondente, isto é, se ele gosta (i) demais, (ii) muito, (iii) razoavelmente, (iv) pouco ou (v) muito pouco, da sua moradia atual; como também saber o porquê dessa escolha, por intermédio de uma associação livre. Esse quesito compõe uma segunda etapa do procedimento 2, a qual esclareceu colocações em relação ao nível de afetividade que os respondentes têm com seus espaços de moradia.

Para complementar essa etapa optou-se pelo uso de uma Avaliação Valorativa cuja aplicação possibilitou ao entrevistado apontar cinco principais aspectos ou sensações que melhor representam a sua moradia atual (por ordem de importância), isto é, com esta etapa pôde-se saber quais são as facetas mais notórias associadas às moradias dos respondentes, valoradas por estes como representativas.

E por fim, ainda neste procedimento, foram medidos os níveis de agradabilidade - (i) muito agradável, (ii) bem agradável, (iii) agradável, (iv) pouco agradável e (v) nada agradável – que os diferentes ambientes componentes da moradia atual imprimem. Com isto, foi possível avaliar quais espaços geram mais relações afetivas com os habitantes da casa e por que, posto que o entrevistado deveria apontar o(s) critério(s) utilizado(s) para tais colocações.

3ª PARTE DO QUESTIONÁRIO: A Moradia Ideal

• Procedimento 3: [CLASSIFICAÇÃO DIRIGIDA]

Com o terceiro procedimento almejava-se saber quais aspectos uma moradia ideal deve ter (ou transmitir), na concepção dos respondentes, por ordem de



preferência. Para tal, foram criadas cinco categorias – (i) aspectos sensitivos, (ii) aspectos estéticos, (iii) aspectos funcionais, (iv) aspectos infra-estruturais e (v) aspectos que denotem uma boa localização – tomando como base referencial algumas respostas obtidas na pesquisa piloto (na questão aberta sobre a moradia ideal).

Nesta perspectiva cada entrevistado deveria classificar esses aspectos por ordem de relevância quando levados a refletir sobre um ideal de moradia. Além disso, cada uma dessas cinco categorias foram sub-divididas em diversas facetas para que os entrevistados também enumerassem, pelo grau de importância, aquelas que lhes são fundamentais enquanto elementos constituintes dessa casa ideal. Como por exemplo, na categoria boa localização tem-se o nome de diversas localidades da cidade (bairros da planície, bairros do planalto, litorais, bairros antigos, etc.) para que o respondente pudesse escolher a que mais lhe agrada enquanto opção de bairro de moradia ideal; por outro lado, dentre os aspectos infra-estruturais, os entrevistados puderam escolher quais ambientes eram importantes, no âmbito do morar ideal, tais como: piscina, sala de jogos, garagem, suítes, jardins, varanda, entre outros. Assim por diante seguiram essas classificações que permitiram traçar imagens de um morar ideal para os múltiplos agrupamentos sociais. (Ver formulário Anexo 03)

4ª PARTE DO QUESTIONÁRIO: As Imagens do Morar

- **Procedimento 4: [ANCORAGEM]**

Como o próprio nome já diz, o quarto procedimento foi pensado de maneira a ancorar os demais, pois através de associações de imagens os entrevistados deveriam reforçar as conceituações verbalizadas nas etapas anteriores do questionário, tais como: noções, similaridades e distinções entre casa, lar e moradia, como também aspectos de um ideal do morar. Para tal, foram disponibilizados trinta e cinco cartões, de dimensões 14 x 10cm, com imagens totalmente variadas de diversas formas de viver, incluindo vários ambientes, edificações dos mais diversos padrões construtivos, etc.

A complementaridade entre imagem e linguagem foi de grande valia, afinal, ambas supriram entre si as necessidades expressivas, comunicativas e informativas, limitadas pelas suas naturezas. Segundo Joly (2004), as palavras também se



por uma **significação** da **moradia** ...

apresentam para nos provar até que ponto as imagens podem nutrir a imaginação. Dessa forma, tornou-se indubitável afirmar que as imagens juntamente com as palavras, se complementam, se interagem, se revezam e se esclarecem.

Portanto, pretendeu-se verificar, por meio da subjetividade simbólica representativa, em três momentos distintos, como os referidos cartões poderiam sugerir elementos imagéticos co-relacionados às concepções de casa, lar e moradia; bem como da situação atual da moradia dos respondentes e numa última etapa foi requisitada uma composição imagética do ideal de moradia destes. O objetivo principal deste procedimento de ancoragem foi possibilitar à pesquisadora parâmetros imagéticos semelhantes para avaliar as escolhas dos respondentes no que concerne às várias etapas do instrumental, abordadas nos procedimentos anteriores.

Assim, os cartões escolhidos sugerem uma mistura de propriedades e características inerentes ao lar, algumas vezes à casa e outras mais à moradia. Apresentam também características de espaços externos ou internos de residências de vários padrões construtivos, com níveis diferentes de acabamentos e materiais. Algumas imagens apresentam mais elementos e objetos já territorializados nos espaços e, portanto, territorializante dos mesmos; outras já reforçam mais uma certa ambiência de impessoalidade.

As fichas a seguir apresentarão detalhadamente uma descrição destes trinta e cinco cartões destacando os aspectos simbólicos, sensitivos, infra-estruturais, estéticos e funcionais, valorados pela pesquisadora no momento de seleção dos mesmos. Essas categorias correspondem àquelas já aludidas nos procedimentos anteriores, para que se pudesse fazer um confronto dos resultados de forma mais esclarecedora.



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...	
um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 01	
	Descrição geral: Representa uma típica sala de estar de uma residência de um segmento mais abastado da sociedade. Ressalta sobretudo, aspectos tecnológicos de alto padrão, cada vez mais comuns nessas casas contemporâneas. Sensação de aconchego, prazer, descanso e entretenimento. Possui uma série de objetos pessoais (almofadas, jarros, livros) que remontam uma territorialização do espaço.
	Aspectos Simbólicos: Status, Conforto
	Aspectos Sensitivos: Aconchego, conforto
	Aspectos de Localização: -----
	Aspectos Funcionais: de fácil manutenção
	Aspectos Infra-estruturais: Sala de estar grande
	Aspectos Estéticos: requinte, beleza, espaçosa
Observações: A iluminação ambiente e os objetos pessoais são aspectos que reforçam conforto e ambiente personalizado.	Categoria apontada pela pesquisadora: LAR
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 02	
	Descrição geral: Este cartão representa bem uma moradia estilo <i>loft</i> , tendência de morar contemporânea, tendo como público alvo pessoas jovens, solteiras ou recém-casadas. Ressalta bem a fluidez dos ambientes, sem muitas delimitações (paredes), equipada com aparatos tecnológicos dos mais diversos.
	Aspectos Simbólicos: praticidade e conforto
	Aspectos Sensitivos: segurança, conforto.
	Aspectos de Localização: -----
	Aspectos Funcionais: de fácil manutenção e organização
	Aspectos Infra-estruturais: aparatos tecnológicos
	Aspectos Estéticos: compacta, beleza, requinte
Observações: Esta imagem reflete um estilo bem prático de vida, onde se tem acesso a todos os cômodos facilmente, é compacta e bem equipada.	Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia... um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 03	
	<p>Descrição geral: Este cartão apresenta elementos que compõem uma casa de alto padrão, mas que ao mesmo tempo denota simplicidade por conta do material construtivo e acabamento comum - alvenaria, esquadrias simples, telhados de três ou quatro águas, piscina pequena e deck com churrasqueira, área de lazer e jardim. Ressalta também uma interação das pessoas com o lugar, o convívio familiar.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Família, lazer.</p> <p>Aspectos Sensitivos: familiaridade, segurança, tranquilidade.</p> <p>Aspectos de Localização: Condomínio Fechado.</p> <p>Aspectos Funcionais: -----</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Piscina, jardins, área de lazer, varanda.</p>
<p>Observações:</p>	<p>Aspectos Estéticos: Espaçosa, simplicidade, comum.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 04	
	<p>Descrição geral: Este cartão é bem representativo de valores inerentes a um lar, tais como: relações familiares, interação entre pessoas e espaço. Ao mesmo tempo, mostra um espaço próprio para trabalho dentro de casa, um tipo de escritório que reflete o cotidiano atual de muitas casas, continuidade da ambientação de trabalho em casa, mais próximo aos filhos.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Família, filhos.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Familiaridade, Alegria.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: Bem dividido.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Gabinete.</p>
<p>Observações:</p>	<p>Aspectos Estéticos: bonito, simples, organizado.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: LAR</p>



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...	
um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 05	
	<p>Descrição geral: Cartão que representa um portão de entrada de uma casa, rodeado de plantas (jardim). Mostra um caminho de uma garagem, de uma maneira bem simbólica. A cor do portão é azul, o que ratifica a noção de tranquilidade e paz que a imagem transmite, além de segurança e aconchego. Simplicidade é outro valor facilmente apreendido através desta imagem. Este cartão parece suscitar valores imateriais que se almeja em todo lar, em toda casa.</p> <p>Aspectos Simbólicos: Paz, equilíbrio, natureza.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Tranquilidade, segurança.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: -----</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Jardins, garagem.</p> <p>Aspectos Estéticos: Beleza, simplicidade.</p>
Observações:	Categoria apontada pela pesquisadora: LAR
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 06	
	<p>Descrição geral: Edifício de apartamentos de luxo, com dois módulos por andar. Materiais empregados e acabamentos de alto padrão construtivo, grandes varandas, garagens, dois módulos de cobertura. Esta imagem é bem representativa dos edifícios típicos de moradia do segmento de alta renda da cidade de Maceió-AL, localizados, em sua grande maioria, na orla marítima da cidade.</p> <p>Aspectos Simbólicos: Status, Luxo, Riqueza.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Segurança, comodidade, conforto.</p> <p>Aspectos de Localização: Edifício típico da planície litorânea da cidade de Maceió-AL.</p> <p>Aspectos Funcionais: Bem dividido e espaçoso.</p>
Observações: Normalmente estes prédios são equipados com áreas de lazer - piscina, salão de festas, sala de jogos.	<p>Aspectos Infra-estruturais: Muito cômodos, garagem.</p> <p>Aspectos Estéticos: Requite, grande, ostentação.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia... um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 07	
	Descrição geral: Apesar de parecer com o cartão 01, devido à ênfase nos aparatos tecnológicos e por se tratar de uma sala de estar de uma residência de padrão alto, difere no sentido de que este espaço agrega atividades de lazer e trabalho, área destinada ao gabinete no fundo, com computadores e livros. Este espaço suscita mais valores de praticidade, de uma rotina, que valores sensitivos de aconchego e prazer (como acontece com o cartão 01).
	Aspectos Simbólicos: Praticidade.
	Aspectos Sensitivos: Conforto, comodidade.
	Aspectos de Localização: -----
	Aspectos Funcionais: Espaços fluídos.
	Aspectos Infra-estruturais: Sala de estar espaçosa. Espaço que comporta gabinete, com computadores.
	Aspectos Estéticos: Requite, espaçosa.
Observações: Espaço interno que apresenta tecnologia, materiais de boa qualidade e acabamento.	Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 08	
	Descrição geral: Este cartão representa elementos constituintes de uma área de lazer de uma casa, dando ênfase à varanda com uma rede, ladeada por plantas. É uma imagem bem simbólica de descanso, paz, sossego, relaxamento, conforto e tranquilidade. A rede é um elemento típico das casas nordestinas.
	Aspectos Simbólicos: Descanso, paz, conforto.
	Aspectos Sensitivos: Tranquilidade, conforto.
	Aspectos de Localização: -----
	Aspectos Funcionais: Espaços fluídos.
	Aspectos Infra-estruturais: Varanda, jardim, área de lazer.
	Aspectos Estéticos: Simplicidade e comum.
Observações:	Categoria apontada pela pesquisadora: LAR



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...	
um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 09	
	<p>Descrição geral: O cartão retrata um banheiro requintado, mas simples. Ressalta aspectos de um espaço territorializado, como por exemplo as revistas, o quadro, jarro de flores, toalhas e acessórios de higiene. Parece ser compacto, contudo bem agradável e aconchegante. A imagem ainda reforça um aspecto de organização, limpeza e conforto.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Higiene e tranquilidade</p> <p>Aspectos Sensitivos: Aconchego, conforto.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: Organização e fácil limpeza.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Banheiro social.</p> <p>Aspectos Estéticos: Beleza e simplicidade. Compacto.</p>
<p>Observações:</p>	<p>Categoria apontada pela pesquisadora: LAR</p>
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 10	
	<p>Descrição geral: Este cartão apresenta características de um banheiro de luxo, com vários aparatos como: banheira, box de banho, duas cubas e armários. Os acabamentos e materiais empregados são de alta qualidade; apresenta ainda iluminação distribuída por vários pontos de luz. Pode-se perceber alguns objetos de uso pessoal (velas, vasos, toalhas, etc.).</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Luxo e Status</p> <p>Aspectos Sensitivos: Comodidade, conforto, privacidade.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: Espaços bem delimitados.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Banheiro de uma suíte de luxo.</p>
<p>Observações: Diferentemente do banheiro do cartão 09, este apresenta um padrão bem mais elevado, sugere um ambiente componente de uma suíte e parece ser um espaço mais pessoal que o banheiro do cartão 09.</p>	<p>Aspectos Estéticos: Requite, espaçoso, ostentação.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: CASA</p>



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia... um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 11	
	<p>Descrição geral: Espaço externo de uma casa de luxo, grande e espaçosa, que representa uma série de ambientes, além de uma área de lazer com piscina, churrasqueira, jardim. Ressalta ainda varandas, a fluidez entre os espaços internos e externos, permeado por paredes de vidro. De fundo, apresenta uma vista para o mar, elemento que reforça aspectos de prováveis localizações na cidade.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Luxo, Status, Riqueza.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Comodidade, tranquilidade, conforto.</p> <p>Aspectos de Localização: Vista para o mar.</p> <p>Aspectos Funcionais: Espaços fluidos.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Piscina, jardim, varandas, muitos cômodos, espaço para lazer e festas.</p>
<p>Observações:</p>	<p>Aspectos Estéticos: Grande, espaçosa, requinte, ostentação.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: CASA</p>
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 12	
	<p>Descrição geral: Espaço interno de uma moradia, apresentando aspectos do cotidiano, expostos nas sandálias, nos livros em cima da mesa, sofá com almofadas espalhadas, portas abertas. É um ambiente territorializado que remete a sensação de aconchego, prazer, conforto, segurança. É uma sala simples, mas elegante. As portas de vidro sugerem espaços mais fluidos.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Conforto e descanso.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Tranquilidade, aconchego.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: Espaços fluidos.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Sala de estar simples.</p>
<p>Observações:</p>	<p>Aspectos Estéticos: Compacta, simplicidade.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: LAR</p>



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...		
um estudo de caso em Maceió-AL		
Descrição dos Cartões Elaborados		
CARTÃO Nº.: 13		
	Descrição geral: Este cartão representa um espaço interno de uma casa; uma sala de estar com vários objetos pessoais - livros, quadros, enfeites decorativos jarro de plantas, tapete, etc. Reforça uma ligação entre interior e exterior da casa, parecendo aproveitar bem a iluminação natural através da esquadria apropriada para tal. É um espaço bem territorializado e típico de uma moradia tipo casa (devido ao detalhe do telhado).	
	Aspectos Simbólicos: Integração com a natureza.	
	Aspectos Sensitivos: Tranquilidade, segurança.	
	Aspectos de Localização: -----	
	Aspectos Funcionais: Espaço fluido.	
	Aspectos Infra-estruturais: Sala de estar, jardim.	
	Aspectos Estéticos: Simplicidade, compacta.	
Observações: A presença do verde pela vista da janela, sugere que esta residência comporta uma ampla área externa de jardim.	Categoria apontada pela pesquisadora: LAR	
Descrição dos Cartões Elaborados		
CARTÃO Nº.: 14		
	Descrição geral: Espaço externo de uma casa com terreno bem arborizado, jardim e varanda. A imagem transmite uma sensação de tranquilidade muito fortemente. O padrão construtivo desta casa de primeiro pavimento é bom, assim como os acabamentos, o que reforça uma concepção de requinte, contudo ela é simples e comum do ponto de vista da configuração arquitetônica.	
	Aspectos Simbólicos: Descanso, Conforto	
	Aspectos Sensitivos: Tranquilidade, privacidade, segurança e aconchego.	
	Aspectos de Localização: Condomínio Fechado	
	Aspectos Funcionais: Bem dividida	
	Observações: O verde e o entorno remetem a uma localização típica de um condomínio fechado.	Aspectos Infra-estruturais: Jardim, varanda.
	Aspectos Estéticos: Simplicidade e requinte.	
Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA		



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...	
um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 15	
	Descrição geral: Este cartão mostra um espaço interno de uma residência, mais precisamente a área da cozinha, sem muitas delimitações e paredes. O ambiente está todo composto por uma série de objetos decorativos, pessoais, o que reforça um aspecto de espaço bem territorializado, característico do cotidiano de vários lares, pois mostra facilmente a rotina desta moradia. O padrão construtivo evidenciado pelas paredes e acabamentos parece ser o de uma casa de padrão médio.
	Aspectos Simbólicos: Vivências, Dia -a- dia.
	Aspectos Sensitivos: Familiaridade.
	Aspectos de Localização: -----
	Aspectos Funcionais: Áreas confluentes.
	Aspectos Infra-estruturais: Cozinha.
	Aspectos Estéticos: Simplicidade, comum e compacta.
Observações: Esta imagem reflete um pouco a desorganização típica de alguns cotidianos domésticos.	Categoria apontada pela pesquisadora: LAR
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 16	
	Descrição geral: Esta imagem representa uma casa de primeiro andar, com varandas, piscina e jardim. Aparenta ser uma casa grande, com vários cômodos, devido à quantidade de janelas que o cartão apresenta. O padrão construtivo da edificação é muito bom, assim como os acabamentos e materiais empregados. Esta casa parece ser bem convidativa e confortável.
	Aspectos Simbólicos: Conforto, Bem-estar, Bem-viver.
	Aspectos Sensitivos: Tranquilidade, segurança, aconchego.
	Aspectos de Localização: Condomínio Fechado.
	Aspectos Funcionais: Bem dividida.
	Aspectos Infra-estruturais: Piscina, jardim, varanda,
	Observações: Alguns elementos como a rede, cadeiras ao fundo, janelas abertas; reforçam uma ambiência de aconchego típica de um espaço territorializado.



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia... um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 17	
	<p>Descrição geral: Esta imagem mostra um desenho de uma casa de luxo, devido ao alto padrão construtivo evidenciado pelos materiais empregados e pelos elementos da área externa que a compõe, como: piscina com deck, jardim e varandas. É uma edificação de dois pavimentos e parece se localizar numa zona residencial como a de um condomínio fechado. A proposta arquitetônica apresenta um jogo de volumes interessante e diferente.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Status, luxo, conforto.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Segurança, conforto, comodidade.</p> <p>Aspectos de Localização: Condomínio Fechado.</p> <p>Aspectos Funcionais: Espaços fluidos.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Piscina, varandas, jardim, muitos cômodos.</p>
<p>Observações: Por se tratar de uma perspectiva em desenho, esta imagem apresenta um caráter mais impessoal.</p>	<p>Aspectos Estéticos: Beleza, requinte, espaçosa.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: CASA</p>
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 18	
	<p>Descrição geral: Este cartão apresenta um conjunto de casas compactas, de um padrão construtivo muito simples e comum, evidenciado pelo acabamento, esquadrias e telhados de duas águas. Remete à ideia de um conjunto habitacional para população de baixa renda, fruto de políticas públicas. A falta de elementos particulares reforça uma noção de impossibilidade na imagem posta.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Posse (casa própria).</p> <p>Aspectos Sensitivos: -----</p> <p>Aspectos de Localização: Bairros periféricos.</p> <p>Aspectos Funcionais: Fácil manutenção, bem delimitada.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Cômodos necessários.</p>
<p>Observações:</p>	<p>Aspectos Estéticos: Comum, compacta e simples.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: CASA</p>



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...	
um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 19	
	<p>Descrição geral: O cartão ao lado mostra uma área de cozinha, disposta sem divisões (paredes), isto é, reforça a ideia de fluidez dos espaços. Os equipamentos, mobiliário e acabamentos são de alto padrão, típicos de um "show-room". Todos os objetos estão postos de uma maneira muito organizada. O sistema de iluminação ambiente também apresenta um padrão requintado. É possível perceber ainda uma série de eletrodomésticos - representativos de uma realidade contemporânea das moradias de luxo.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Luxo.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Comodidade.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: Espaços fluidos, organização.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Cozinha, aparatos tecnológicos</p>
<p>Observações: Esta imagem transmite uma ambiência de im_ personalidade.</p>	<p>Aspectos Estéticos: Requite, ostentação, espaçosa.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: CASA</p>
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 20	
	<p>Descrição geral: A cozinha deste cartão, diferente_ mente da do cartão 19, apresenta uma grande quanti_ dade de elementos típicos de uma cozinha (comida, panelas, pratos, temperos, depósitos, etc.), dispostos de uma maneira a transparecer uma rotina.</p> <p>Reflete um espaço bem compacto e apresenta caract_ erísticas da moradia de uma pessoa de menor poder aquisitivo, devido, sobretudo, ao mobiliário.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Cotidiano, rotina do lar, ação de comer (caseira).</p> <p>Aspectos Sensitivos: Familiaridade.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: -----</p>
<p>Observações: É representativo de um espaço bem territoriali_ zado.</p>	<p>Aspectos Infra-estruturais: Espaço necessário - cozinha.</p> <p>Aspectos Estéticos: Compacta, simples e comum.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: LAR</p>





por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...	
um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 21	
	<p>Descrição geral: Este cartão também apresenta uma área de cozinha sem delimitações (espaços fluidos), assim como o cartão 19, contudo é bem mais compacta que a cozinha do referido. Os elementos componentes desta, móveis e equipamentos, também são semelhantes aos do cartão mencionado, por isso a presente imagem reforça, da mesma maneira, uma ideia de moradia de alto padrão e luxo.</p>
	Aspectos Simbólicos: Luxo e Praticidade.
	Aspectos Sensitivos: Comodidade
	Aspectos de Localização: -----
	Aspectos Funcionais: Fácil organização e fluidez espacial.
	Aspectos Infra-estruturais: Cozinha, eletrodomésticos.
	Aspectos Estéticos: Compacta e requintada.
Observações: A impessoalidade do ambiente também se apresenta de maneira evidente na imagem posta.	Categoria apontada pela pesquisadora: CASA
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 22	
	<p>Descrição geral: A imagem ao lado mostra a área social de uma casa espaçosa, mas simples. A integração entre ambiente externo - varanda - e ambientes internos é notória, transmitindo uma sensação de fluidez espacial e amplitude. Os acabamentos e materiais construtivos são de boa qualidade, todavia, comuns. A imagem ainda evidencia uma rotina familiar, reforçada pelos objetos como: brinquedos, cadeiras, planta, etc.</p>
	Aspectos Simbólicos: Familiaridade.
	Aspectos Sensitivos: Segurança, tranquilidade.
	Aspectos de Localização: -----
	Aspectos Funcionais: Áreas confluentes.
	Aspectos Infra-estruturais: Varanda, área social.
Observações: Os elementos componentes desta imagem reforçam sua categoria como lar.	Aspectos Estéticos: Espaçosa, simplicidade, comum.
	Categoria apontada pela pesquisadora: LAR



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...	
um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 23	
	<p>Descrição geral: Este cartão apresenta um banheiro bem simples e comum, evidenciando uma rotina do lar devido aos elementos postos, tais como: frascos de cosméticos, toalhas, cestas, espelho, jarrinhos, etc. Este parece ser um banheiro de uma moradia pertencente a uma família com renda não muito alta, já que os armários e objetos são bem populares. Vale ressaltar ainda que este espaço evidencia ser de usufruto de vários membros de uma mesma família, pela grande quantidade de objetos territorializados.</p> <p>Aspectos Simbólicos: Rotina e higiene.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Familiaridade</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: Fácil manutenção.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Cômodo necessário.</p> <p>Aspectos Estéticos: Compacto, simples e comum.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: LAR</p>
Observações:	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 24	
	<p>Descrição geral: A imagem ao lado apresenta um edifício residencial de alto padrão construtivo, típico reduto de moradia de um segmento social mais abastado. Os elementos do entorno ratificam que a localização deste também se refere a uma área privilegiada da cidade em termos de infra-estrutura. Este edifício tem dois módulos de apartamento por andar.</p> <p>Aspectos Simbólicos: Bem-viver e segurança.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Segurança e conforto.</p> <p>Aspectos de Localização: Reduto de morar da alta classe.</p> <p>Aspectos Funcionais: Áreas bem delimitadas.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Varanda, área de lazer próxima.</p> <p>Aspectos Estéticos: Grande e espaçoso.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>
Observações: Os elementos das fachadas evidenciam que apesar de ser um prédio de alto padrão construtivo, com emprego de bons materiais e acabamentos, este é um edifício mais antigo, se comparado ao do cartão de número 06.	



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia... um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 25	
	<p>Descrição geral: Esta imagem mostra um edifício residencial de bom padrão construtivo, entretanto, não equivalente aos padrões dos edifícios dos cartões 06 e 24, já que os materiais de acabamento das fachadas, por exemplo, são mais simples. Além disso, a prédio é composto por três ou quatro módulos de apartamentos por andar. Por outro lado, a localização parece ser boa e segura.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Bem-viver .</p> <p>Aspectos Sensitivos: Segurança.</p> <p>Aspectos de Localização: Bairro residencial classe média.</p> <p>Aspectos Funcionais: Espaços bem delimitados.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Varanda, garagem e cômodos necessários.</p>
<p>Observações:</p>	<p>Aspectos Estéticos: Espaços compactos.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 26	
	<p>Descrição geral: Esta imagem representa uma moradia de padrão construtivo muito baixo, aparentando ser composta por uma infra-estrutura precária, em termos de configuração espacial e sistemas de saneamento, iluminação. Contudo, os elementos do entorno, as árvores, transmitem uma sensação de tranquilidade.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Viver simples e humilde.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Tranquilidade - sobretudo pelo entorno.</p> <p>Aspectos de Localização: Bairro periférico.</p> <p>Aspectos Funcionais: -----</p>
<p>Observações: O varal e os vasos de plantas do quintal reforçam uma ambiência imagética simbólica do morar.</p>	<p>Aspectos Infra-estruturais: Casa com quintal.</p> <p>Aspectos Estéticos: Muito compacta, simples e comum.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: LAR</p>



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...	
um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 27	
	<p>Descrição geral: A imagem ao lado demonstra um ambiente interno, da zona íntima de uma moradia. É um quarto de casal, simples e comum, mas que parece ser confortável; além disto, parece ser bastante compacto. É um quarto típico de uma moradia de pessoas com poder aquisitivo médio.</p> <p>Aspectos Simbólicos: Repouso, descanso.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Privacidade e aconchego.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: Espaço bem delimitado, de fácil manutenção, organização e limpeza.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Cômodo necessário - Quarto.</p>
<p>Observações:</p>	<p>Aspectos Estéticos: Compacto, simples e comum.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 28	
	<p>Descrição geral: Este cartão apresenta um apartamento duplex, tipo <i>loft</i>, composto por espaços fluidos, sem muitas delimitações. É bastante semelhante, em termos de configuração espacial, ao cartão número 02. O padrão construtivo, os materiais aplicados, acabamentos, a mobília e os objetos pessoais demonstram que esta é uma moradia de luxo, principalmente para solteiros e casais (sem filhos).</p> <p>Aspectos Simbólicos: Praticidade, luxo e requinte.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Conforto, segurança e comodidade.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: Áreas fluidas, de fácil manutenção.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Cômodos necessários.</p>
<p>Observações:</p>	<p>Aspectos Estéticos: Requinte e espaços compactos.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...	
um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 29	
	<p>Descrição geral: Esta imagem representa uma sala de estar espaçosa, com mobiliário e acabamentos requintados e bem clássicos. Parece ser parte de uma moradia da alta classe, bem como parece ser bem agradável e confortável. Diferentemente das demais salas de estar de padrão alto, esta não se encontra aparelhada com equipamentos tecnológicos típicos da atualidade (televisão de plasma, <i>home theater</i>, etc.).</p> <p>Aspectos Simbólicos: Requite clássico .</p> <p>Aspectos Sensitivos: Conforto, comodidade.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: Bem dividida.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Sala de estar.</p> <p>Aspectos Estéticos: Grande, espaçosa, requintada.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>
<p>Observações:</p>	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 30	
	<p>Descrição geral: Este cartão apresenta uma fachada e área externa de uma casa de bom padrão construtivo, com um pavimento superior, garagem, jardim e varandas. Tem uma infra-estrutura boa para comportar uma família, mas não conta com espaços de lazer como piscina, espaço para festas, etc.; diferentemente das moradias de luxo dos cartões 3, 11, 16 e 17.</p> <p>Aspectos Simbólicos: Sossego e bem-estar.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Segurança, tranquilidade.</p> <p>Aspectos de Localização: Remete à ambiência de um condomínio fechado.</p> <p>Aspectos Funcionais: Bem dividida.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Jardim, varandas, garagem.</p> <p>Aspectos Estéticos: Grande e espaçosa.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>
<p>Observações:</p>	



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia... um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº: 31	
	<p>Descrição geral: Este cartão mostra um edifício tipo "caixote" - térreo mais três pavimentos - com quatro módulos por andar. É um conjunto habitacional, construído para ser vendido a pessoas de renda média-baixa, através de financiamentos com parcelas de valor baixo. Os acabamentos e a concepção arquitetônica são bem simples e comum. Estes conjuntos contam ainda com áreas de lazer para crianças, jardins e uma vaga de garagem por apartamento.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Posse (casa própria), conquista.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Segurança, privacidade.</p> <p>Aspectos de Localização: Redutos de renda média-baixa.</p> <p>Aspectos Funcionais: Fácil manutenção e limpeza.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Jardim, área de lazer coletiva, cômodos necessários, uma vaga de garagem.</p>
<p>Observações: Semelhante ao padrão de construção das edificações do PAR - Programa de Arrendamento Residencial.</p>	<p>Aspectos Estéticos: Comum, simples e compacto.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº: 32	
	<p>Descrição geral: A imagem ao lado mostra um quarto de casal todo equipado com mobiliários, acabamentos e objetos de luxo. É um ambiente representativo de uma moradia de alto padrão. A vista da varanda transmite uma sensação de tranquilidade e segurança. A decoração do ambiente, por sua vez, foi pensada de maneira a deixá-lo muito aconchegante e confortável.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Luxo e bem-estar.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Aconchego, conforto, comodidade.</p> <p>Aspectos de Localização: A vista da varanda remete à localização desta moradia em um condomínio fechado.</p> <p>Aspectos Funcionais: Bem dividido.</p>
<p>Observações:</p>	<p>Aspectos Infra-estruturais: Suíte, jardim, varanda.</p> <p>Aspectos Estéticos: Espaçoso e requintado.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...	
um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 33	
	<p>Descrição geral: Este cartão reforça um aspecto de localização da edificação, isto é, próxima à praia, devendo à vista, paisagem exposta. Apresenta uma varanda de um edifício de luxo à beira-mar. Os objetos e materiais de acabamento deste ambiente são de alto padrão e requintados. Em relação à cidade de Maceió, esta localização seria bem representativa de redutos de morar da alta classe.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Bem-viver e luxo.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Conforto, tranquilidade, comodidade.</p> <p>Aspectos de Localização: Bairro à beira-mar.</p> <p>Aspectos Funcionais: Bem dividido.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Varanda, área social.</p> <p>Aspectos Estéticos: Grande, espaçoso, requinte.</p>
<p>Observações:</p>	<p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 34	
	<p>Descrição geral: Esta imagem mostra uma sala de estar bem territorializada, visto que é composta por vários elementos os quais representam um estilo de viver. É identitária de preferências, gostos e hábitos que os moradores desta casa devem ter em suas rotinas. As cores das paredes e dos objetos são bem vibrantes.</p>
	<p>Aspectos Simbólicos: Hábitos e gostos culturais.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Familiaridade, identidade.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: Bem dividida.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Sala de estar.</p>
<p>Observações: Espaço bem territorializado, com uma série de elementos e objetos pessoais os quais caracterizam bem a personalidade dos moradores desta casa, ou seja, um interesse cultural, devido à quantidade de livros, quadros, etc.</p>	<p>Aspectos Estéticos: Cores vibrantes.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: LAR</p>



por uma **significação** da **moradia** ...

Por uma significação da moradia...	
um estudo de caso em Maceió-AL	
Descrição dos Cartões Elaborados	
CARTÃO Nº.: 35	
	<p>Descrição geral: A imagem ao lado apresenta uma cozinha, sem muitas delimitações de paredes, conju_ gada à sala de estar. Os materiais de acabamento e o mobiliário de decoração são muito bons, o que re_ força a ideia de que este ambiente pertence a uma moradia de um segmento social de renda mais alta. É uma solução espacial bem difundida pelos designers de interiores na atualidade, pois ratifica uma opção de vida voltada para a praticidade e fluidez dos ambientes.</p> <p>Aspectos Simbólicos: Praticidade.</p> <p>Aspectos Sensitivos: Comodidade.</p> <p>Aspectos de Localização: -----</p> <p>Aspectos Funcionais: Bem dividida, espaços fluidos.</p> <p>Aspectos Infra-estruturais: Cozinha e sala de jantar.</p> <p>Aspectos Estéticos: Compacta e requintada.</p> <p>Categoria apontada pela pesquisadora: MORADIA</p>
<p>Observações:</p>	

Imagem 22. Coletânea de imagens componentes dos cartões. **Fonte:** acervo pessoal / pesquisas em www.google.com.br/imagens - busca "moradia".

3.5 – A Análise de Conteúdo:

O método da análise de conteúdo é uma técnica de investigação que, por meio de uma descrição ou emissão de mensagem, objetiva, sistematiza e quantifica o conteúdo manifesto em comunicações. Pode ser desenvolvido a partir de uma análise de significados, ou seja, uma análise temática; como também de uma análise dos significantes (uma análise léxica, análise dos procedimentos).

Contudo, existem categorias estabelecidas para que as análises sejam válidas, tais como: homogêneas, exaustivas, exclusivas, objetivas e adequadas ou pertinentes.

Portanto, esta metodologia é apontada como uma ferramenta eficaz quando se pretende explorar e interpretar as comunicações humanas.



por uma **significação** da **moradia** ...

Sendo assim, nesta investigação a referida ferramenta foi utilizada na tentativa de captar a expressão das emoções e das tendências através das mensagens transmitidas pelos respondentes componentes de diferentes amostras, as quais serão explicitadas logo a seguir.

A análise de conteúdo aqui explorada partiu primeiramente das avaliações dos significados emitidos pelos entrevistados em relação ao objeto abordado, isto é, suas moradias atuais e seus ideais de moradia, e através da sistematização e do exame dos conteúdos das mensagens diversas emitidas por construções imagéticas, verbalizadas ou ancoradas nas outras imagens já referendadas nos cartões apresentados; buscou-se definir uma significação para a moradia, que deve englobar representações subjetivas, valorativas, emocionais, todas contextualizadas no morar do presente e de um futuro ideal dos segmentos sociais avaliados.

Para compreender melhor a relação que se estabelece entre o comportamento humano e as representações sociais, devemos partir da análise do conteúdo das representações e considerar, conjuntamente, os afetos, as condutas, os modos como os atores sociais compartilham crenças, valores, perspectivas futuras e experiências afetivas e sociais. (MOSCOVICI, 2003, p.86)

Nesta perspectiva, a pesquisa final foi desenvolvida e os conteúdos de seus resultados foram devidamente analisados conforme explicitará o item a seguir.



por uma **significação** da **moradia** ...

3.6 – A Pesquisa Final:

O instrumental metodológico, já apresentado, foi especificamente pensado para este estudo, com o intuito de validar a hipótese principal – verificar a existência de um eixo significativo da moradia; a partir do entendimento da situação atual do morar dos respondentes, bem como através do entendimento dos ideais de morar dos mesmos.

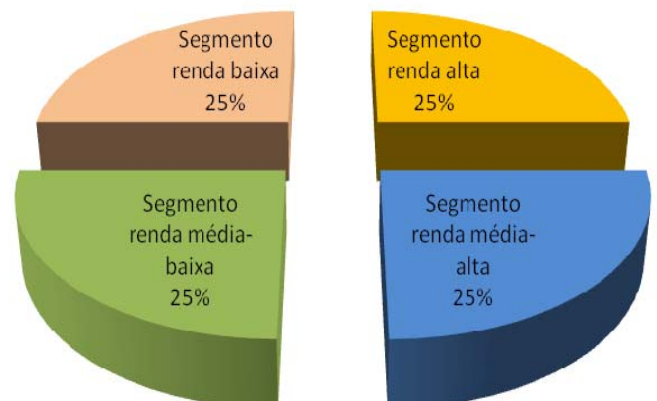


Gráfico 06. Repartição das amostras. **Fonte:** a autora.

Com base nesses objetivos, tal instrumental foi aplicado, numa pesquisa final, com quarenta pessoas, separadas equitativamente em quatro diferentes amostras, dimensionadas a partir de uma análise do padrão e modos de viver destas pessoas, bem como do arquétipo construtivo de suas residências.

Os critérios utilizados para separar os respondentes nas quatro amostras foram um conjunto de fatores, já que o trabalho em tela não partiu somente de um viés de diferenciação de classes sociais, mas, sobretudo, focou nos padrões e modos de viver.

Dessa maneira, foi avaliado o estilo de vida dos entrevistados, englobando fatores como: renda familiar (relativizando com a quantidade de membros das famílias), padrão construtivo, tamanho (área) e localização das residências dos entrevistados, além da quantidade de bens não-duráveis, como quantidade de veículos por morador acima de dezoito anos e toda a aparelhagem eletrônica que estas casas contêm, isto é, aparelhos de televisão, computadores, celulares e telefones fixos.

Assim, a amostra denominada segmento de renda alta, agrupou os dez respondentes que apresentavam os estilos de viver de índices mais elevados. Por sua vez, a amostra determinada como segmento de renda média – alta foi composta por respondentes que apresentavam um padrão bom de vida, mas não tão alto quanto os da amostra anterior.

Os respondentes que formaram a amostra delineada como segmento de renda média - baixa são bem representativos da realidade do morar da grande maioria dos habitantes da cidade em estudo. Este padrão corresponde a uma maneira de viver



por uma **significação** da **moradia** ...

simples, mas com acesso assegurado às necessidades básicas juntamente com um lazer mínimo. Já os entrevistados que compuseram o segmento de baixa renda apresentaram o mais baixo padrão de vida, se comparado aos demais, bem como apresentam as menores rendas familiares.

As descrições detalhadas de cada uma destas amostras serão melhor apresentadas no item 3.6.1.1, logo a seguir.

Os questionários foram aplicados com estas quarenta pessoas em suas casas ou em seus locais de trabalho, por uma questão de conveniência apontada pelos entrevistados.

Analisando o total de entrevistados, verificou-se que vinte e três deles moram em apartamentos (o correspondente a 57%), quatorze moram em casas isoladas (35%) e os três restantes (8%) moram em condomínios fechados.

■ Apartamento ■ Casa isolada ■ Condomínio Fechado

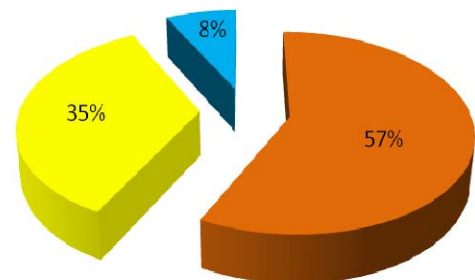


Gráfico 07. Tipo de moradia das amostras .

Fonte: a autora.

■ Imóveis Alugados ■ Imóveis Financiados ■ Imóveis Quitados

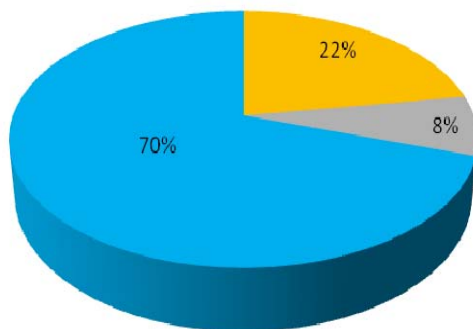


Gráfico 08. Situação atual das moradias.

Fonte: a autora.

Os demais vinte e quatro entrevistados (60%) eram moradores das residências, mas não se apresentaram como proprietários destas; dentre os quais, quatro (10%) moram em casas alugadas por algum parente.

Isto posto, verificou-se que 40% dos entrevistados (total de 16 pessoas) eram os proprietários das residências em avaliação; dentre estes, cinco entrevistados (12,5%) moram em casas alugadas e três entrevistados (7,5%) em casas próprias ainda não quitadas (em financiamento).

■ Proprietários ■ Não-Proprietários (moradores)

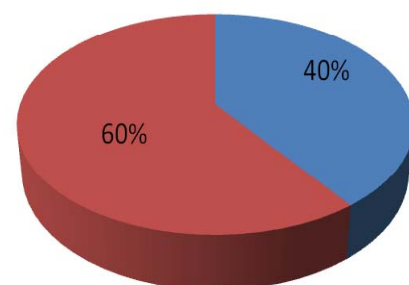


Gráfico 09. Percentagem de proprietários.

Fonte: a autora.



Estabelecer esta distinção entre morador-proprietário e morador não-proprietário foi importante para o entendimento dos resultados, pois se acreditava haver uma tendência a percepções diferentes no que diz respeito às avaliações das moradias atuais e dos níveis de agradabilidade das mesmas, quando se é, ou não, o real possuidor da moradia; o que acaba interferindo também na concepção de casa ideal. Esta colocação ratifica um sonho geral dos brasileiros que é a conquista da casa própria, o que simbolicamente corresponde à questão da posse, sentimento determinante quando se trata dos territórios do morar.

As pessoas que vivem em apartamentos disseram optar por esta forma de morar devido à segurança, praticidade (de manutenção, arrumação), ou porque conseguiram financiamentos do PAR (Programa de Arrendamento Residencial).

Já os moradores de casas isoladas ressaltaram a privacidade, liberdade, comodidade, melhor forma de adequação dos espaços ao número de moradores e às necessidades; como aspectos fundamentais que somente uma casa pode proporcionar. Dessa forma, os moradores de condomínios fechados agregam o valor de segurança, também ressaltado pelos moradores de apartamentos, a todos os demais de uma casa.

3.6.1 – Justificando a escolha das amostras:

Optou-se por realizar esta pesquisa com pessoas conhecidas, ou por indicação de algum conhecido, para facilitar o diálogo requisitado na aplicação do instrumental, como também pelo fato de se tratar de uma abordagem acerca da moradia sob um viés muito pessoal, fato este que demandava do entrevistado uma confiabilidade e segurança na pesquisadora.

Dessa forma, os questionários foram aplicados randomicamente com pessoas que apresentavam modos de viver característicos dos padrões previamente estabelecidos para completar as quatro amostras selecionadas.

Os perfis dos componentes das amostras já explicitadas representam a grande massa populacional da cidade de Maceió-AL, isto é, são representativos da realidade mais característica do objeto de estudo. Sendo assim, é importante salientar que há outros modos de viver na cidade em questão, os quais não foram levantados neste estudo devido ao recorte estabelecido.



Nesta perspectiva os sem tetos não aparecem nas amostras, assim como famílias não-assalariadas, que não têm como manter o mínimo que uma moradia requisita. Esta exclusão se deu, principalmente, pelo fato do instrumental criado para o presente estudo requerer do entrevistado um nível adequado de entendimento das questões postas, isto é, para explorar a visão de um ideal de morar e de um entendimento da moradia com quem não as possui, talvez uma metodologia pautada numa coleta de relatos orais se apresentasse mais eficiente.

Os habitantes de mais alto poder aquisitivo da cidade também não estão contidos na amostra de segmento de renda alta, já que se trata de um número muito ínfimo dentro da massa populacional da cidade, pouco representativo para este estudo em questão.

Essas pessoas vivem de uma maneira mais representativa dos grandes centros urbanos, possuem jatinhos particulares ou helicópteros, demandam uma estrutura muito peculiar de casas que comportem seus hábitos, suas rotinas. São, em sua grande maioria, proprietários de grandes porções de terras, usineiros, e têm residências em várias localizações do estado, bem como fora do estado.

A ampliação desta pesquisa com essa parcela da sociedade, considerada exceção quando se trata dos modos de viver em Maceió, pode vir a ser realizada em outro estudo, numa continuação da abordagem aqui iniciada.

Vale ressaltar, por fim, que o objetivo principal deste trabalho é avaliar qualitativamente estes diferentes modos de viver em Maceió, na tentativa de elucidar um eixo significativo da moradia, a partir das convergências apontadas por todas as amostras selecionadas, bem como comprovar que o instrumental criado é eficaz em relação aos objetivos almejados.

Não se pretende apresentar os resultados levantados como parâmetros quantitativos, em termos de uma representatividade estatística, no que concerne a uma construção imagética do morar e dos ideais de morar em Maceió; o objetivo é mostrar alguns referenciais e discussões sobre uma tendência da avaliação do morar em Maceió, na visão dos respondentes que compõem as amostras selecionadas.



3.6.1.1 – Apresentando as amostras – Objetos de estudo:

- Descrição das amostras:

- Segmento renda ALTA:

A referida amostra é formada por componentes que têm uma renda familiar acima de cinco salários mínimos. 70% desses respondentes são pessoas solteiras e 30% são casais; dentre estes, 60% possuem grau de escolaridade superior completo e os demais 40% são jovens que ainda cursam a universidade.

Das dez pessoas entrevistadas, 70% moram em edifícios residenciais de apartamentos, com no máximo dois módulos por andar, nos bairros da planície litorânea, nos redutos de concentração de habitantes de alta renda da cidade e edifícios de luxo. Outros 20% da amostra moram em condomínios residenciais fechados de luxo – Aldebaran e Jardim do Horto – e os demais 10% em casa isolada.

Suas moradias dispõem de uma área construída superior a 180m², com quantidade de quartos equivalente ao número de moradores, além disso a maioria destes são suítes, ou seja, cada morador possui seu próprio quarto e banheiro. Os imóveis contam ainda com dependência de empregada, lavabo, ambientes da área social equipados com *home theater*, a grande maioria dispõe de piscina, salão de festas e garagens. Dentre estes mesmos entrevistados, 90% possuem imóveis próprios quitados, com exceção de um entrevistado, o qual se encontra em uma situação temporária, morando de aluguel, já que espera o término da construção de sua casa no condomínio residencial fechado Aldebaran.

Estado Civil - Segmento renda alta

■ solteiros ■ casados

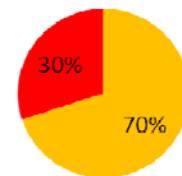


Gráfico 10. Estado civil – Amostra 1.

Fonte: a autora.

Tipo de moradia - Segmento renda alta

■ Casa ■ Apartamento ■ Condomínio Fechado

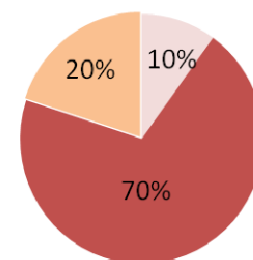


Gráfico 11. Tipo de moradia – Amostra 1.

Fonte: a autora.



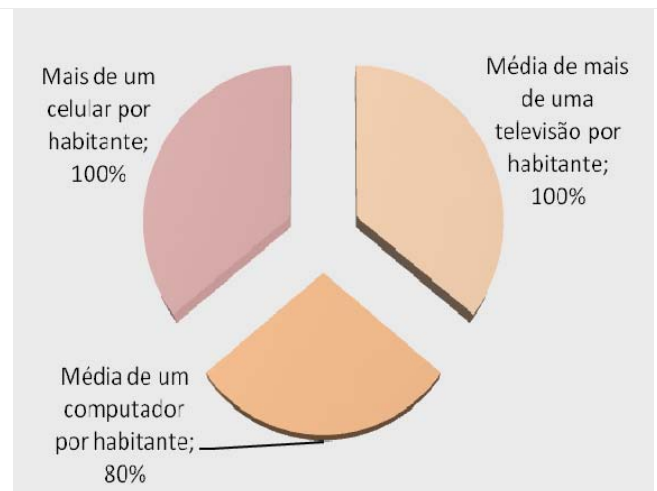
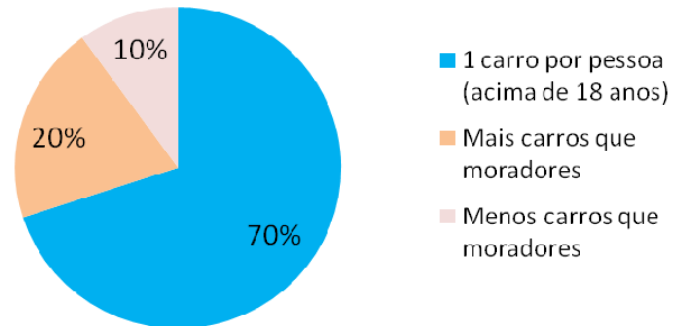
por uma **significação** da **moradia** ...

O padrão de vida desta amostra é bem alto, como se pode ver no gráfico ao lado, o qual mostra que 70% destes entrevistados possuem um veículo por pessoa acima de dezoito anos em casa, 20% possuem mais carros que moradores e apenas um respondente possui um número menor de carros em relação a quantidade de moradores acima de 18 anos, mesmo assim, a casa tem dois carros para três pessoas que dirigem.

Estas casas são equipadas com televisões em todos os quartos, além da área social. Cada morador possui normalmente mais de um celular, e a quantidade de computadores/laptops são também quase sempre equivalentes ou superiores ao número de residentes.

A imagem do morar desta amostra pode ser bem representada pela composição das imagens abaixo:

Quantidade de veículos - Segmento renda alta



Gráficos 12 e 13. Quantidades de bens não duráveis – Amostra 1.

Fonte: a autora.



Imagem 23. Imagens do morar - Amostra 1. Fonte: acervo pessoal.



- Segmento renda MÉDIA - ALTA:

Esta amostra foi composta por 50% de pessoas solteiras, 20% de casais e 30% de divorciados. Destes mesmos respondentes 90% já concluíram o ensino superior e os demais 10% o está cursando.

A renda familiar de todos os componentes desta amostra, assim como os respondentes do segmento de renda alta, também está acima de cinco salários mínimos. Contudo o padrão de vida destes é apontado como inferior ao da amostra de renda alta em alguns limiares diferenciais, tais como:

Estado Civil - Segmento renda média - alta

■ Solteiros ■ Casados ■ Divorciados

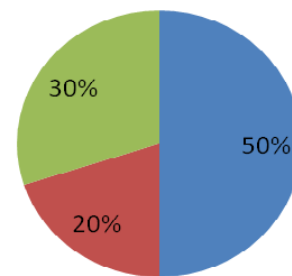


Gráfico 14. Estado civil – Amostra 2.

Fonte: a autora.

Quantidade de Veículos - Segmento renda média - alta

■ 1 carro por pessoa (acima de 18 anos)
■ Menos carros que moradores

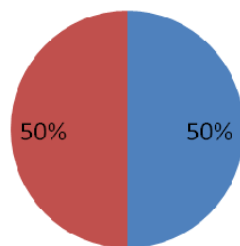


Gráfico 15. Quantidade de veículos – Amostra 2.

Fonte: a autora.

para cada morador acima de dezoito anos, conforme explicita o gráfico acima.

Em relação ao tipo de moradia dos entrevistados desta amostragem, 50% moram em apartamentos de edifícios residenciais de três ou quatro módulos por andar, tendo os módulos uma área média entre 100 e 170m². O número de quartos,

Esta amostra apresenta um diferencial quantitativo em relação à amostra de renda alta no quesito quantidade de veículos por quantidade de moradores. Aqui a situação mais comum é duas pessoas da mesma família dividirem um carro, como por exemplo os filhos do casal têm um carro para dividir. Contudo, em todas as residências levantadas tem-se dois ou mais carros; bem como para a outra metade dos entrevistados há um carro para cada morador acima de dezoito anos,

Tipo de Moradia - Segmento renda média - alta

■ Casa ■ Apartamento ■ Condomínio Fechado

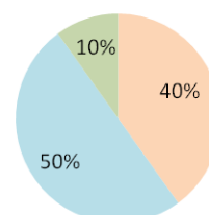


Gráfico 16. Tipo de moradia – Amostra 2.

Fonte: a autora.



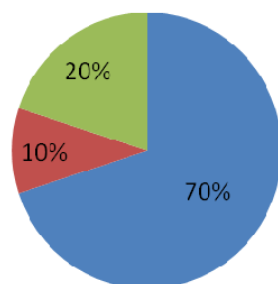
em sua grande maioria, equivale à quantidade de moradores, mas o número de banheiros é inferior, ou seja, nem todos os cômodos íntimos são suítes. Além disso, apenas alguns apartamentos possuem dependência e área de serviço com espaço adequado.

Outros 40% dos entrevistados moram em casas isoladas que apresentam um bom padrão construtivo, mas já não contam com a mesma infra-estrutura das casas pertencentes à amostra de renda alta, pois nenhuma delas tem piscina e a área construtiva também é menor que as citadas. A casa do respondente que mora no condomínio fechado segue o mesmo padrão destas casas isoladas.

Os bairros residenciais destas moradias levantadas variam entre parte baixa (planície) e parte alta da cidade; 70% se localizam entre Jatiúca e Ponta Verde, ressaltando que encontram-se em quadras mais distantes da praia (diferentemente da amostra de renda alta) e as demais 30% estão situadas nos bairros do Farol e Gruta de Lourdes.

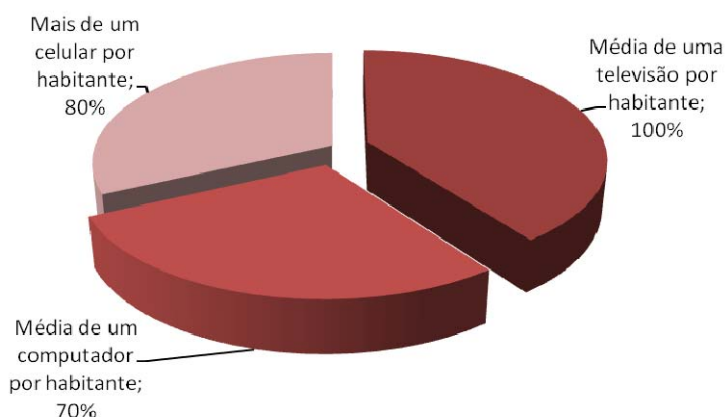
Situação dos imóveis - Segmento renda média - alta

■ Imóveis próprios quitados ■ Alugados ■ Financiados



Estes imóveis são na sua grande maioria próprios e quitados, o correspondente a 70%. Apenas um respondente vive na situação de aluguel e os demais 20% moram em casas próprias, mas que ainda se encontram financiadas.

As moradias levantadas para composição desta amostra encontram-se equipadas com no mínimo uma televisão por habitante, a grande maioria tem mais de um celular por habitante e a média de um computador/laptop por habitante se dá em 70% das residências, nas demais têm-se pelo menos dois computadores em casa.



Gráficos 17 e 18. Situação dos imóveis e quantidade de bens não-duráveis – Amostra 2.

Fonte: a autora.



por uma **significação** da **moradia** ...

A composição imagética abaixo mostra a condição atual da forma como vivem os respondentes desta amostra.



Imagem 24. Imagens do morar - Amostra 2. **Fonte:** acervo pessoal.

- Segmento renda MÉDIA - BAIXA:

Esta amostra engloba 60% de solteiros, 30% de casais e 10% de pessoas divorciadas. A renda familiar da maioria dos respondentes, 60%, varia entre três e cinco salários mínimos, sendo esta a realidade dos solteiros que moram só ou dividem apartamento com algum inquilino, bem como dos casais recém-casados. Os demais

Estado Civil - Segmento renda média - baixa

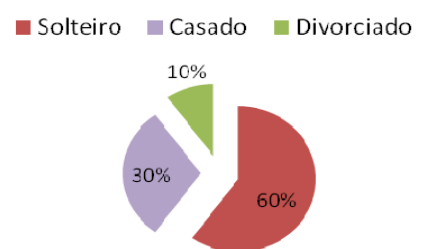


Gráfico 19. Estado civil – Amostra 3.

Fonte: a autora.

Renda Mensal Familiar - Segmento renda média - baixa

Acima de 5 SM Entre 3 e 5 SM



Gráfico 20. Renda mensal familiar – Amostra 3.

Fonte: a autora.

40% dos entrevistados têm uma renda familiar acima de cinco salários mínimos, sendo suas famílias compostas por quatro ou cinco membros.



por uma **significação** da **moradia** ...

Dentre estes mesmos respondentes 20% ainda estão cursando a universidade e os outros 80% já concluíram o ensino superior. Nota-se que apesar de uma qualidade de vida não tão alta quanto às das demais amostras já apresentadas, o grau de escolaridade destes entrevistados é semelhante.

80% moram em apartamento e 20% moram em casas, sendo 50% destes imóveis alugados, 40% próprios e quitados e os 10% restantes, ainda em situação de financiamento.

Estes apartamentos são estilos “caixotes”, com três andares, sem elevador, muito semelhante com o padrão construído pelo PAR (Programa de Arrendamento Residencial), contendo três quartos e dois banheiros, sem dependência e com uma mínima área de serviço (somente com espaço para lavanderia). As casas, por sua vez, são antigas, isto é, anterior à década de 70, bem longitudinais com apenas uma vaga de garagem.

Estas residências se encontram em localidades diversas da cidade, em zonas não muito especuladas no ramo imobiliário atual, por conta da infra-estrutura local.

Os bairros variam entre Santo Eduardo, Mangabeiras, Bebedouro (um dos bairros mais antigos da cidade), Feitosa, Serraria e Petrópolis (que ficam na parte alta da cidade).

Tipo de moradia - Segmento renda média - baixa

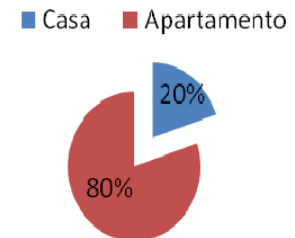


Gráfico 21. Tipo de moradia – Amostra 3.
Fonte: a autora.

Situação do Imóvel - Segmento renda média - baixa

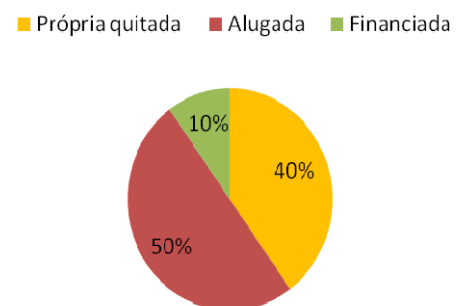


Gráfico 22. Situação do imóvel – Amostra 3.
Fonte: a autora.

Quantidade de veículos - Segmento renda média - baixa

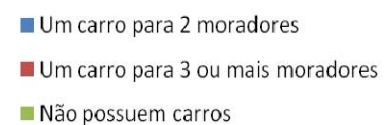


Gráfico 23. Quantidade de veículos – Amostra 3.
Fonte: a autora.



por uma **significação** da **moradia** ...

Nesta amostra 30% dos respondentes disseram não possuir veículos, e os demais possuem menos carros que moradores acima de dezoito anos, sendo que 50% dividem um carro com algum outro morador da casa e os 20% restantes possuem apenas um carro para dividir com três ou mais moradores acima de dezoito anos. É válido ressaltar que esses carros são os chamados “populares”, pelo preço de mercado mais acessível, diferente do padrão de veículos consumidos pelos segmentos apresentados nas amostras passadas.

Estas casas levantadas encontram-se equipadas com uma quantidade menor de aparatos tecnológicos se comparadas às dos segmentos de renda anteriores (alta e média-alta). Apenas 20% das residências possuem a mesma quantidade de televisões que moradores. 30% têm somente uma televisão e as demais possuem de dois a três aparelhos de televisão, compartilhados por todos os moradores destas casas.

Quantidade de Televisões - Segmento renda média - baixa

■ Apenas uma televisão ■ De 2 a 3 televisões ■ Uma televisão por habitante

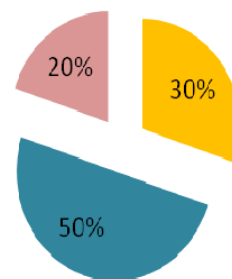


Gráfico 24. Quantidade de televisões – Amostra 3.

Fonte: a autora.

Todos os moradores têm um ou mais de um aparelho de celular, o que reforça a facilidade de compra deste equipamento na atualidade. Todas as casas ainda possuem pelo menos um computador, entretanto as que possuem um número maior de habitantes (de 3 a 5), estes têm que dividir uma máquina de informática com um dos membros familiares.



Imagem 25.

Representações do morar atual - Amostra 3.

Fonte: acervo pessoal.



- Segmento renda **BAIXA**:

O universo desta amostra é composto por 50% de pessoas casadas, 20% de separados e 30% de solteiros. O grau de escolaridade destes respondentes é baixo em relação aos das amostras anteriores. 60% cursaram até o ensino médio, 10% são analfabetos e outros 10% cursaram apenas o ensino fundamental, contudo 20% conseguiram ingressar no ensino superior e o estão cursando.

A renda média familiar desta amostra permeia entre três e cinco salários mínimos para 60% dos entrevistados, e os demais 40% recebem entre um e dois salários mínimos.

Destes respondentes, 70% moram em casas e 30% moram em apartamentos. 70% destas moradias são próprias e quitadas, 20% alugadas e 10% estão em processo de financiamento.

Essas moradias possuem menos cômodos que a quantidade de moradores, são casas antigas, simples, de baixo padrão construtivo, com uma área que normalmente não comporta as necessidades das famílias que as ocupam. Os apartamentos são típicos do PAR, mas se encontram em bairros bem afastados das principais centralidades da cidade. As famílias possuem, em sua grande maioria, quatro ou mais membros.

As localizações destas residências são variadas em diversos bairros da cidade, redutos de baixa classe, com uma precária infra-estrutura local, tais como:

Estado Civil - Segmento renda baixa

■ Solteiro ■ Casado ■ Separado

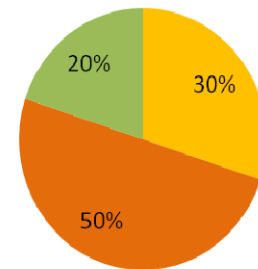


Gráfico 25. Estado civil – Amostra 4.

Fonte: a autora.

Grau de escolaridade - Segmento renda baixa

■ Fundamental ■ Médio ■ Universitário ■ Analfabeto

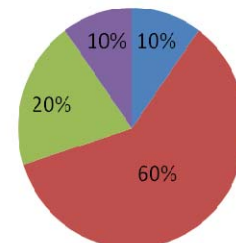


Gráfico 26. Grau de escolaridade – Amostra 4.

Fonte: a autora.

Tipo de moradia - Segmento renda baixa

■ Casa ■ Apartamento

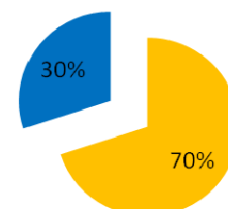


Gráfico 27. Tipo da moradia – Amostra 4.

Fonte: a autora.



por uma **significação** da **moradia** ...

Centro, Tabuleiro, Benedito Bentes, Clima Bom, Feitosa, Serraria, Jacintinho e Bebedouro.

50% destes entrevistados não possuem veículos e os outros 50% possuem apenas um veículo para todos os moradores. Estes veículos são carros antigos e bem desvalorizados, diferentemente dos carros das amostras já apresentadas.

As residências da amostra de segmento de baixa renda são equipadas com menos aparatos tecnológicos que as das outras amostras. Apenas 50% destas possuem um computador para todos os moradores. 40% possuem somente uma televisão e as demais têm até quatro aparelhos de televisão, ressaltando que isto ocorre nas casas que possuem um número maior de moradores. Todavia, celular é um aparelho tecnológico de muito fácil acesso e manutenção de contas (devido aos planos pré-pagos); dessa forma, 40% destes respondentes afirmam ter mais de um celular por pessoa nas casas.

Situação da moradia - Segmento renda baixa

■ Quitada ■ Alugada ■ Financiada

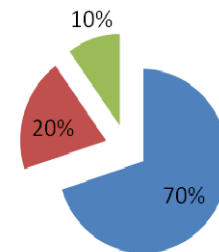


Gráfico 28. Situação da moradia atual – Amostra 4.

Fonte: a autora.

Quantidade de veículos - Segmento renda baixa

■ Não possuem veículos ■ Possuem 1 carro para todos os moradores

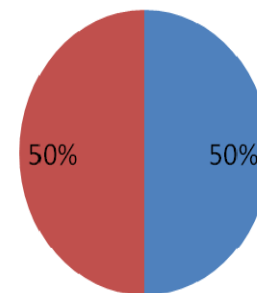
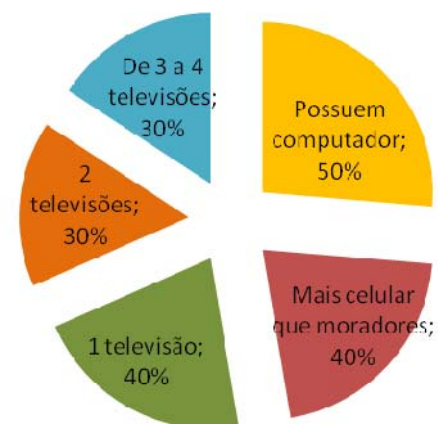


Gráfico 29 e 30. Quantidade de veículos e bens não-duráveis – Amostra 4.

Fonte: a autora.



Imagem 26. Representações do morar atual – Amostra 4. Fonte: acervo pessoal.





CAPÍTULO IV – Minha Casa, Sua Casa...

Refletir sobre os espaços de moradia requer uma abordagem que transcende os aspectos estéticos e formais da arquitetura, visto que focaliza a intimidade, o privado, as rotinas de cada lar e, conseqüentemente, os seus respectivos significados e valores para as pessoas que neles vivem.

Neste contexto, é preciso também considerar que cada indivíduo tem uma concepção de casa, extremamente singular. No entanto, quando o enfoque é sobre a **moradia**, esta deve ser considerada como um **objeto cultural** de investimentos individual, relacional e/ou coletivo (como é um caso da moradia de uma família), com um alto valor simbólico, onde o passado, sobretudo a referência que se tem do abrigo uterino, da casa da infância; são elementos norteadores para a concepção que se tem de moradia, tanto real como ideal.

Portanto, para se entender os processos do morar é preciso pensá-lo como algo sempre incompleto, pois acredita-se que a concepção de moradia concebida no presente é resultante das relações que se dão através de processos de simbolização, os quais ocorrem em consonância com o passado (as referências que se tem de abrigo – desde o útero), o presente (referência da casa atual, real) e o futuro (referência de um ideal de casa); ratificando novamente a noção de *dever* e, conseqüentemente, a visão da casa como território, numa abordagem “deleuziana”.

Assim, a casa é entendida como um lugar em constante mudança e renovação; na medida em que se modificam os hábitos e os momentos de vida, o ideal de casa também vai mudando, vai precisando se ajustar; já que esta deve ter o perfil da(s) pessoa(s) que nela reside.

Logo, para poder representar essencialmente seus moradores, a “*minha casa*” é fundamentalmente diferente da “*sua casa*”. Contudo, como é possível integrar-se num contexto sócio-cultural semelhante ao de outras pessoas; a depender dos hábitos e do padrão de vida (social, econômico, cultural), com a ressalva de todos estarem inseridos num mesmo panorama temporal; entende-se que há convergências em formas de viver, devido às semelhanças citadas, que fazem da “*minha casa*” algo parecido (mas não idêntico!) com a “*sua casa*”.



4.1 – Por um universo semiótico no contexto do MORAR:

A semiótica se apresenta como um universo fundamental para a compreensão das questões relativas ao morar, no sentido de que é teoria-suporte para o entendimento da valoração dos objetos, a partir de um sujeito.

Assim sendo, salienta-se novamente que a presente investigação pretende abordar a significação através do entendimento do conteúdo imagético conexo ao contexto dos diversos morar na cidade de Maceió, pois entende-se que o signo não existe senão pelo contexto e não é nada por si próprio senão pelo sujeito que o (re)valora, (re)interpreta e (re)apresenta.

Portanto, estudar certos fenômenos em seu aspecto semiótico é considerar seu modo de “produção de sentido”, a maneira como provocam interpretações. Nesta perspectiva, o procedimento 1 – Associação Livre – pretendeu analisar essa “produção de sentido” objetivada pelos respondentes em relação aos signos fornecidos em primeira instância – CASA, LAR e MORADIA; para que através das valorações, isto é, dos interpretantes dados em segunda (índices) e terceira (símbolos) instâncias sígnicas fosse possível compreender quais são esses outros signos (objetos dinâmicos) mais fortemente associados e anexos a estes primeiros.

Dessa maneira, os signos foram assimilados, utilizados e re-inventados pelos respondentes num processo dinâmico de autogeração. O interpretante foi entendido como um signo re-elaborado, um “super-signo”, que (re)organizou o repertório dos respondentes a partir da experiência de atribuição de significados aos objetos fornecidos. Neste sentido, as imagens cedidas através dos cartões do procedimento de ancoragem (4.0), também funcionaram como signos (re)interpretados pelos respondentes, gerando uma série de novos interpretantes.

Analisando-se, então, alguns resultados provenientes destes procedimentos, constatou-se que quando incitados a pensar sobre definições de casa, lar e moradia, a maioria dos entrevistados valoraram **casa** como: espaço físico, “objeto de quatro paredes”, estrutura física, edificação; bem como associam casa aos substantivos residência e habitação.

Da mesma forma o objeto **moradia** é também comumente associado ao espaço físico, como uma edificação, reforçando uma percepção de impessoalidade espacial, caracterizando simplesmente sua função e utilidade, conforme demonstra o



por uma **significação** da **moradia** ...

gráfico abaixo, no qual as definições de casa e de moradia foram apontadas percentualmente semelhantes nestas categorias.

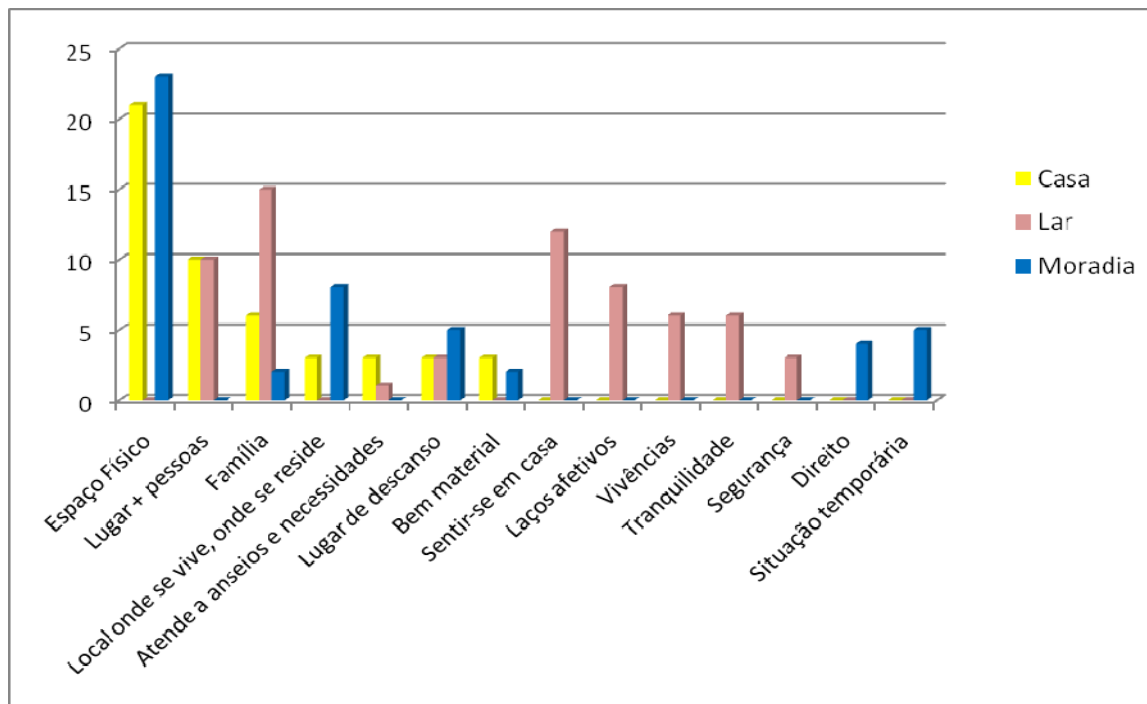


Gráfico 31. Categorizações casa, lar e moradia – Associação Livre. **Fonte:** a autora.

Contudo, ao relacionar moradia com os demais objetos relativos ao âmbito do doméstico (casa, domicílio, lar, habitação e residência), conforme solicitado no procedimento 1.1 – Associação Dirigida – a maioria dos respondentes relacionam a ação do morar aos substantivos lar e moradia, sendo a moradia relacionada ao verbo morar também por uma questão de derivação etimológica deste. Neste mesmo procedimento, o substantivo casa encontrou-se cambiante entre as ações de habitar, residir e morar, e portanto, associado a todos os demais substantivos.¹⁹

Acredita-se que isso ocorreu devido às variações da concepção que se tem de casa, ora como objeto físico, ora associada à expressão “*em casa*”, pois quando isto ocorre o que antes era visto apenas como estrutura física, assume um caráter mais simbólico igualmente ao valorado como referencial de lar, sem contudo, negligenciar que a casa corresponde à edificação, conforme mostra o gráfico na categoria – lugar juntamente com as pessoas, que teve uma ênfase de apontamento semelhante nas categorias casa e lar.

¹⁹ Verificar matriz no anexo 04 – categorizações finais, p.04.



Com o exposto, verificou-se que quando se tratam de categorias relacionadas a aspectos sentimentais e afetivos, as associações se revelam mais atreladas ao que os entrevistados entendem por **lar**, bem como com o que está ligado à família e às recordações, convivências e vivências.

Todavia, constatou-se um aspecto interessante, os entrevistados de estado civil solteiro e os recém-casados, tendem a ressaltar aspectos mais “pessoais, individuais” no tocante ao entendimento da concepção de lar, tais como: o “sentir-se em casa” (o lar como lugar de aconchego, conforto, o sentir-se a vontade, etc.), associam ainda o lar como um referencial de descanso, tranquilidade, algo vinculado ao estabelecimento de laços afetivos com o espaço, etc.; não associando lar diretamente à família, assim como os demais respondentes, talvez pela não constituição de seu próprio núcleo familiar.

Analisando os demais aspectos correlatos à moradia apontados pelos respondentes, tais como: direito de todos, necessidade básica e situação temporária (ressaltando a efemeridade da relação com um objeto que não representa o ideal, apenas uma situação passageira), ficou notório que as concepções que a grande maioria dos entrevistados fazem no que concerne à moradia correspondem a uma idéia difundida pelos agentes públicos e criticada pelos urbanistas, de que moradia é um direito básico de qualquer pessoa; só que o significado de básico, neste caso, reforça uma impessoalidade, um caráter apenas habitacional e não de habitabilidade.

Contudo, este equívoco é desfeito, pelos mesmos entrevistados, no procedimento de Associação Dirigida (1.1), quando eles associam o verbo e a ação do morar tanto ao objeto lar, como ao objeto moradia, colocando-os sob uma mesma instância sógnica.

Em essência, esses dois objetos devem ser complementares para os respondentes e para os cidadãos em geral, fazendo valer o real direito à moradia, tão atualmente reivindicado, o associado a condições reais de habitabilidade; o mesmo conceituado neste trabalho, conforme exposto no capítulo II (item 2.1).

É válido frisar ainda que quatro entrevistados não apontaram diferenças entre as categorias casa, lar e moradia; conceituando-as como similares, no sentido de “locais de moradia” ou “onde se mora”.

No que tange à ancoragem dessas associações livres às imagens dispostas nos trinta e cinco cartões, obteve-se resultados bem diversos. A grande maioria dos cartões variou bastante entre as categorias casa, lar e moradia, até por conta da



variedade de elementos que os compõem, o que dá margem para uma avaliação e parâmetros diferentes do que é mais preponderante para cada um dos entrevistados em termos simbólicos, afetivos, ou simplesmente são considerados atributos físicos.

Segundo Lynch (1999) isto é um aspecto que deve ser esperado na análise de imagens, pois na existência de elementos variados componentes destas imagens, é provável que haja sobreposição dos conteúdos imagéticos comunicantes e/ou comunicados, na qual alguns elementos adquirem uma força representativa mais evidente.

Acredita-se que tal variação se deu também devido ao significado imbricado da expressão “em casa”, associada tanto ao objeto casa (espaço físico), como ao objeto lar, conforme já foi comentado.

Todavia, alguns cartões, especificamente, delineiam um certo padrão de enquadramento de elementos nas categorias – casa, lar e moradia - em abordagem no referido procedimento de ancoragem. Assim sendo, foi possível tecer as seguintes considerações:

- No que corresponde ao LAR:



O cartão 4 (imagem da família) foi escolhido por trinta e duas pessoas (80% do total de respondentes) e foi apontado como o mais expressivo da categoria lar por onze pessoas, principalmente pelos respondentes dos segmentos de renda alta e média alta

O cartão 8 foi igualmente bem representativo do que se entende por lar, representado por uma varanda com rede, também apontado por 80% dos respondentes, dentre estes todos os pertencentes ao segmento de renda média - baixa. Esta verificação foi bem interessante pelo fato de ratificar um hábito cultural do nordestino – o descansar ao balanço da rede – sob uma instância bem simbólica, já que foi ancorado com lar.



O cartão 23 foi outro bem ressaltado na categoria lar, por vinte e seis pessoas (65%), variando nas demais categorias, sobretudo, pelos respondentes do segmento de renda alta e média alta, bem como ocorreu com o cartão 20 (escolhido por 24 pessoas, 60%) e o cartão 34 (escolhido por 23 pessoas – 57,5%). Esses cartões são bem representativos de um tipo de morar simples, mas bem aconchegante e



por uma **significação** da **moradia** ...

territorializado, uma vez que há uma superposição de elementos postos que mostram bem um cotidiano familiar, o dia-a-dia, as questões rotineiras, os pertences – são cartões bem simbólicos de cotidianos domésticos.

Esta verificação comprova que as pessoas tendem a valorar como lar representações imagéticas semelhantes às suas realidades, às suas formas de morar. Da mesma forma aconteceu com o cartão 5 que apesar de variar bem entre as categorias casa (35%) e lar (55%), 60% das pessoas com renda baixa e média baixa o apontaram como lar, por ser um referencial mais simbólico do que eles imaginam como lar.



Cartão 23



Cartão 20



Cartão 34



Cartão 05

- No que corresponde à MORADIA:

No que tange o objeto moradia, os cartões mais apontados foram os de número 31 (escolhido por 77,5% dos entrevistados), 24 e 25 (67,5%), 6 (65%), 18 (57,5%) e 26 (52,5%).



O cartão 31 é reflete bem um edifício típico do PAR. Acredita-se que este foi apontado como referencial enquanto concepção de moradia por representar exatamente o que as políticas públicas “vendem” como objeto de direito à moradia.

Os demais cartões 24, 25 e 06 também mostram edifícios residenciais semelhantes às perspectivas de bem morar mais comercializadas frequentemente pelo marketing imobiliário de Maceió.



Cartão 24



Cartão 25



Cartão 06



por uma **significação** da **moradia** ...

Já os cartões 18 e 26, que apresentam casas bem simples, são tanto reconhecidas como moradia, nesta mesma perspectiva de avaliação de “um mínimo para se viver”, como também foram bem apontadas como casa, já que são casas no sentido físico e estrutural da construção apresentada na imagem.

Vale ressaltar que o cartão 26 foi apontado por seis pessoas como lar, igualmente à categoria apontada pela pesquisadora, por conta do valor simbólico que este reflete, já que estão contidos varais, jarros de plantas, uma pequena horta; enfim, elementos que mostram uma ação humana, interação humana com o espaço.



Cartão 18



Cartão 26

- No que corresponde à CASA:

As imagens mais ancoradas ao objeto casa foram as contidas nos cartões 30 (70% dos respondentes), 16 (62,5%), 17, 14 (60%) e 3 (52,5%). Todos esses cartões mostram casas de bom padrão construtivo, refletindo um pouco que a significação da palavra casa é bem associada a algo idealizado.

As imagens agregam também valores infra-estruturais ressaltados pelas piscinas, jardins, assim como valores de interação entre homem e espaço – redes, móveis, pessoas, jarros de flores, etc. Esta colocação indica que casa parece ser um objeto intermediário, simbolicamente falando, entre o lar (relacionado ao afetivo) e a moradia (que foi apontada como algo mais impessoal e uma necessidade humana).

Na medida em que essas imagens ressaltam aspectos físicos, como construções tipológicas de casas (a edificação propriamente dita), ou seja, imagens externas da própria construção; também agregam valores imateriais típicos de um cotidiano, de vivências. Esta evidência reforça as conceituações postas no presente estudo, como colocado no capítulo II (item 2.1), onde a casa é entendida como uma união entre o material (físico) acrescido de aspectos que reforçam o poder do simbólico, do lar.



por uma **significação** da **moradia** ...



Cartão 30



Cartão 16



Cartão 17



Cartão 14



Cartão 03

Com base no que foi exposto, torna-se indubitável afirmar que representações são resultantes de operações semióticas, a partir de um processo perceptivo-cognitivo pelo qual o sujeito possui e produz signos, sua única possibilidade de mediação com a realidade, a única maneira que possui de conhecer fatos concretos, a realidade material e de conviver com ela. (FERRARA, 1981, p.57.)

Os signos pertencem a uma série de códigos que estão sempre se transformando; o que acaba reforçando a idéia de que as moradias demandam modificações recorrentes, ou pelo menos há um desejo constante dos moradores em transformar suas moradias com o passar dos tempos, sentem novas necessidades aflorarem, novas relações e laços são estabelecidos, num permanente processo de des-re-territorializações.

Novamente voltamos para uma questão de contexto. O homem parece tentar se encontrar na sua moradia; é como se ela devesse ser um espelho, sempre pronta para refletir seu momento, seu auto-retrato. Talvez por isso, a moradia seja entendida como um objeto eternamente inacabado, pois ao passo em que os contextos mudam, as relações sígnicas do morar se modificam.

É próprio do simbólico ser múltiplo, impreciso, aberto, dinâmico, ambíguo, contestável e incompleto. (RIBEIRO, 2003, p.89)



por uma **significação** da **moradia** ...

Nesta mesma perspectiva afirma-se que signos semelhantes podem assumir instâncias diversas, isto é, diferentes facetas; como por exemplo, podem variar entre índices e símbolos, assim como demonstraram os resultados obtidos através do Procedimento 2, quando solicitou-se aos entrevistados que valorassem suas moradias em instâncias indiciais e simbólicas, através complementação das frases: “*meu espaço de moradia indica...*” e “*meu espaço de moradia simboliza...*”.

Assim, conforme explicita o gráfico abaixo, os signos mais apontados, em instâncias indiciais, foram descanso e repouso, ou seja, quando as pessoas pensam em suas moradias, elas fazem uma conexão imediata com o ato de descansar. A moradia para elas é o local mais apropriado para tal, onde após uma longa rotina de trabalho, elas se revigoram do cansaço cotidiano. Esta constatação é bem interessante, pois ratifica a noção mais específica da casa e do lar que é o espaço da intimidade, do privado e, portanto, do repouso.

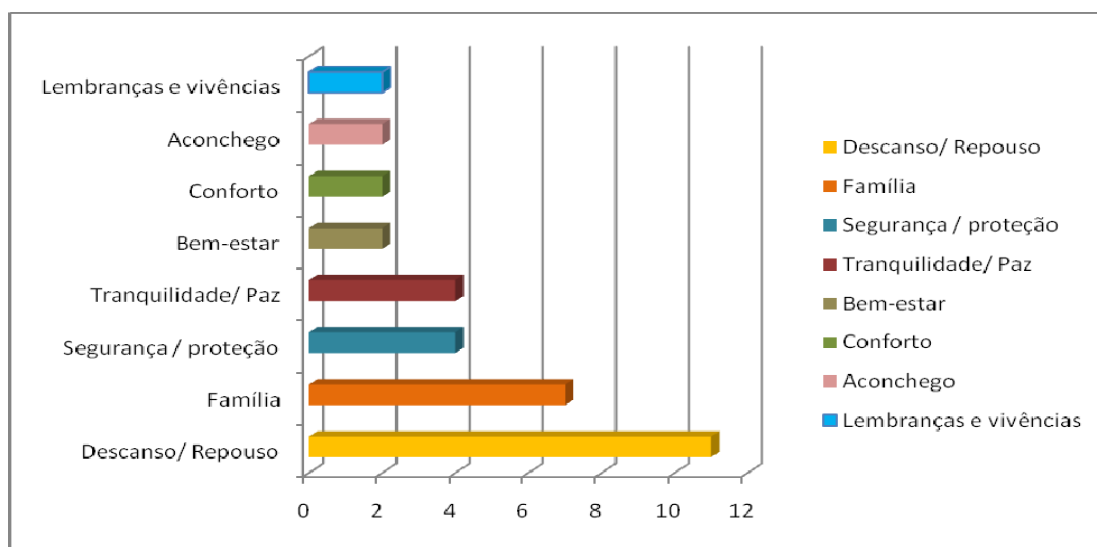


Gráfico 32. Índices da moradia – Facetas. **Fonte:** a autora.

Estes resultados evidenciam ainda características que enquadram certos signos na categoria de índices do morar, ou seja, são considerados índices de morar sensações, ações e elementos que representam uma relação existencial de contigüidade entre a moradia e seus moradores. Inserida nesta abordagem, a família aparece como o segundo objeto dinâmico mais indicativo de moradia. As vivências e convívio com o núcleo familiar foram aspectos ressaltados como indicativos de moradia, sendo que esta referência muitas vezes é anexada às lembranças do



passado, da casa da infância. Os demais índices citados foram: segurança (proteção), tranquilidade e paz, bem-estar, conforto e aconchego.

Por sua vez, os elementos considerados mais simbólicos dos espaços de moradia aparecem como signos que possuem relações convencionais com o objeto denotado, ou seja, família e o aconchego familiar foram citados novamente, agora, no entanto, sob uma representatividade mais simbólica, mais convencionada ao campo imagético do morar. Da mesma forma aconteceu com os objetos dinâmicos tranquilidade/paz e segurança/proteção, associados ao morar, sobretudo, através dos elementos simbólicos da natureza - concha, ninho - que representam bem tais aspectos nesta instância sógnica. Descanso e seus símbolos - cama, rede - seguem na terceira colocação como aspectos mais citados, numa instância simbólica.

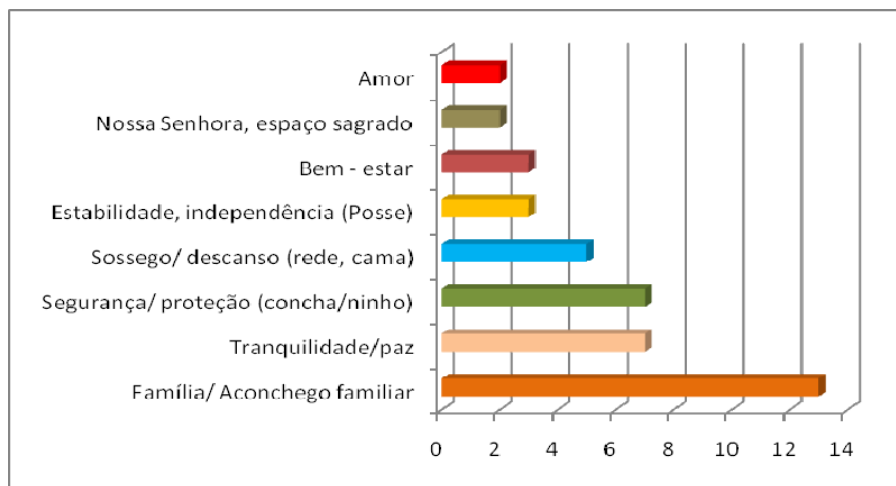


Gráfico 33. Símbolos da moradia – Facetas. **Fonte:** a autora.

Estabilidade no sentido de independência, atribuída à posse da moradia, foi outro aspecto simbolicamente ressaltado, confirmando a importância das pessoas serem detentoras da propriedade dos espaços onde moram. Outra associação simbólica feita por dois respondentes foi convencionar a moradia como um espaço sagrado ou vinculá-la à imagem de um santo (Nossa Senhora), revelando a religiosidade e suas crenças como aspectos compositores da ambiência de sua moradia.

Pontua-se, portanto, que entender as associações sógnicas feitas ao objeto do cotidiano – moradia - pelos seus moradores, pode ser um viés para a compreensão do contexto do morar, tão complexo, mas ao mesmo tempo muito expressivo, englobando questões que só podem ser associadas ao doméstico, ao íntimo, ao privado.



Enfim, estes resultados mostraram que a teoria semiótica permite-nos captar não apenas a complexidade das valorações dos objetos-signos do universo do morar, mas acima de tudo, possibilita uma força de comunicação através da imagem, numa variação sónica que pode se estabelecer por meio de semelhança, traço ou convenção, isto é, por meio de ícones, índices e símbolos.

4.2 - Os hábitos de Morar

Um dos fatores mais decisivos para as análises das convergências e divergências do morar está posto na compreensão que se tem dos hábitos de morar dos diferentes indivíduos-sujeitos que compõem grupos sociais distintos.

De acordo com Brasileiro; Duarte e Rheingantz ²⁰, fatores subjetivos, de caráter cultural, podem fazer com que espaços sejam interpretados de maneiras diversas, por diferentes usuários. Essa interpretação se revela nos fenômenos de territorialização, apropriação e personalização espacial.

Portanto, a importância dos hábitos de morar para o entendimento de como se dão essas convergências e divergências no campo do morar é devido ao fato destes serem identificados como agentes que moldam padrões de viver, atividades e, por conseguinte, terminam por estabelecer algumas semelhanças nos enquadramentos e configurações dos diversos espaços domésticos, isto é, parecem criar estereótipos.

Dessa forma, os hábitos e as atividades cotidianas são capazes de definir não só dimensões e qualidades, mas também as funções dos espaços. Neste sentido, a moradia é também constituída a partir dos hábitos e das atividades cotidianas que a define, não somente num sentido espacial (partido, planta arquitetônica), como também num sentido simbólico, afetivo.

Tais colocações foram confirmadas a partir dos resultados obtidos por intermédio de uma Avaliação Valorativa, aplicada com as amostras no procedimento 2.2 do instrumental metodológico.

Como pode ser visto no gráfico a seguir, tranquilidade é o aspecto de maior importância valorativa das moradias em todos os segmentos de renda levantados, seguido de descanso e repouso que é comumente um hábito doméstico. Isto reforça

²⁰ BRASILEIRO, Alice; DUARTE, Cristiane; RHEINGANTZ, Paulo. **Observação de fatores de ordem cultural na interpretação dos espaços**. Artigo publicado na internet. IN: http://www.fau.ufrj.br/prologar/arq_pdf/diversos/Fatores_Cult_AB_CD_PAR%20entac2004.pdf 2004. Acessado em maio de 2009.



por uma **significação** da **moradia** ...

que os principais hábitos de morar estão atrelados a um isolamento da agitação dos espaços externos, uma reclusão que se tem nos espaços de moradia, na maioria do tempo.

Família é um valor novamente ressaltado quando os entrevistados avaliam seus espaços de morar, sobretudo pelos componentes da amostra do segmento de renda mais baixa. A partir desta constatação, evidencia-se outro hábito doméstico que é a importância da convivência familiar na rotina destes lares, resultando num desenrolar de hábitos familiares, englobando, inclusive, valores culturais e comportamentais, bem como de territorialização dos espaços de morar, já que cada família tem um “jeito” único de viver.

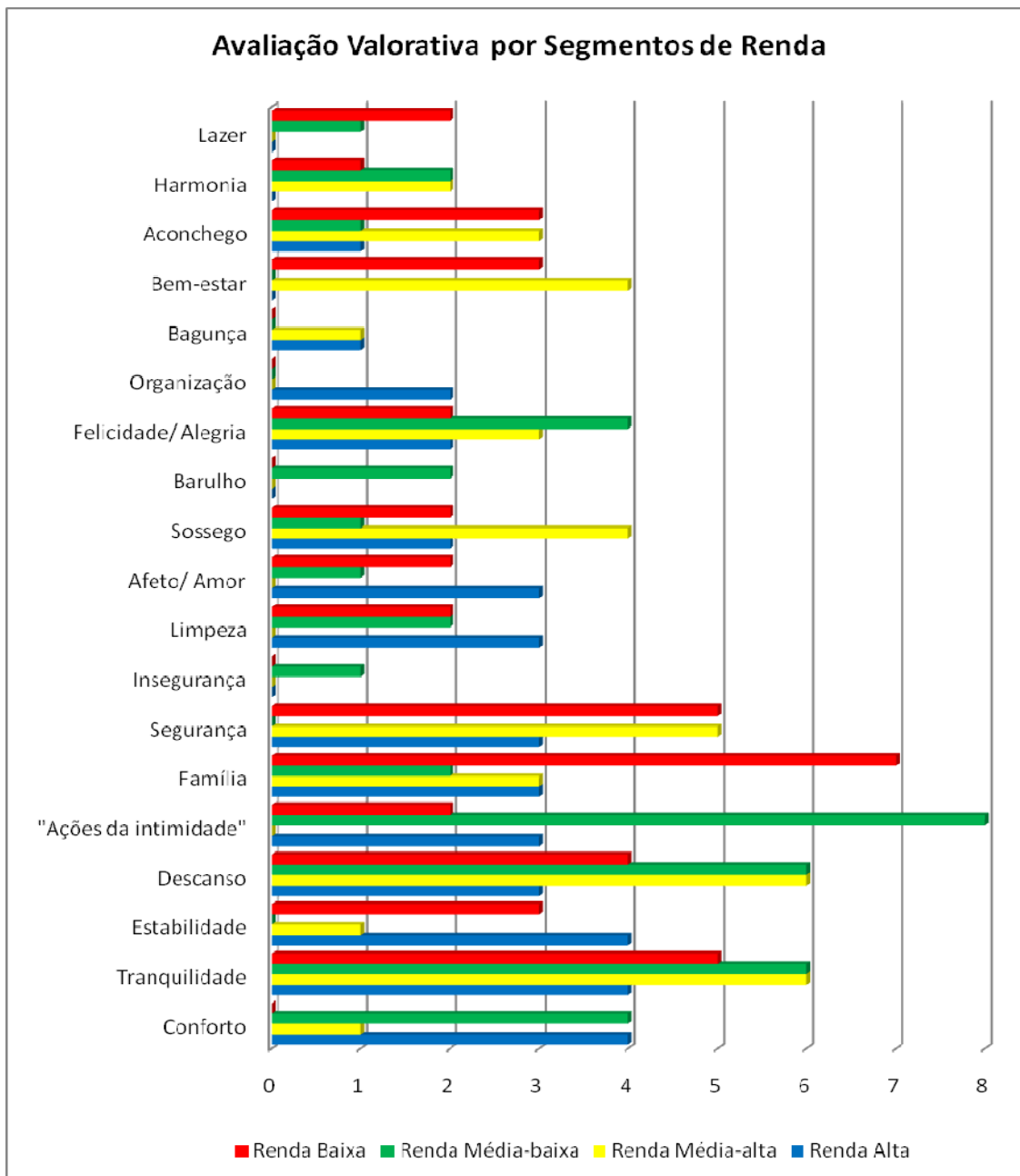


Gráfico 34.
Avaliação Valorativa.
Fonte: a autora.



Reforçando ainda mais a importância dos hábitos de morar na significação e na valoração da moradia, outro aspecto muito citado foram os categorizados como “ações da intimidade”, englobando uma série de ações domésticas citadas pelos respondentes das amostras em geral, com exceção do segmento de renda média – alta. Dentre as ações citadas destacam-se: comer, dormir, ler, ouvir música, assistir a filmes, cozinhar e inclusive foram citadas as brigas conjugais e familiares como aspectos que representam bem as rotinas de algumas moradias.

Segurança também foi citado como um valor de extrema importância associado ao morar. Isto também ressalta uma característica bem atual dos hábitos de morar das sociedades em geral, que é a preocupação em resguardar ao máximo os espaços privados da perversa violência urbana, cada vez mais crescente, fazendo com que as pessoas equipem suas casas com uma série de aparatos semelhantes às prisões, tais como: vigilantes, câmeras, grades, cercas elétricas, muros bem altos, trancas e mais trancas.

É válido ressaltar que nenhum componente da amostra do segmento de renda média - baixa apontou o aspecto segurança como um valor da sua situação atual de moradia, além do fato de um destes ter valorado sua moradia como um espaço onde ele se sente inseguro.

Acredita-se que a falta de segurança seja uma realidade do morar mais enfática para estes respondentes já que, diferentemente das amostras de renda mais alta, estes não dispõem de uma condição financeira suficiente para manter os sistemas de segurança (vigilantes, câmeras, cercas elétricas, etc.) comuns nas residências de maior padrão, além de residirem em bairros onde a segurança pública também não é tão assegurada.

Por outro lado, os respondentes com renda mais baixa que estes, e que também vivem numa situação semelhante, ressaltaram segurança como um valor inerente às suas moradias; fazendo-nos crer que talvez por conviverem mais habitualmente em redutos onde a violência é algo mais comum, possam estar mais precavidos a situações de risco, ou até podem ter se acostumado com esta realidade e, portanto, não se sentem ameaçados, nem inseguros dentro de suas casas.

Felicidade foi um valor bem ressaltado na avaliação das moradias atuais por seus moradores, embora seja mais um estado de espírito resultante de um conjunto de outros aspectos determinantes para que os sujeitos se sintam de tal forma. No caso



da moradia, o estado de felicidade pode ser associado a uma questão de satisfação com o ambiente em que se vive, com a sensação de bem-estar, de harmonia, etc.

Alguns respondentes ressaltaram ainda o conforto como um valor bem característico das suas condições atuais de moradia, principalmente os respondentes dos segmentos de renda alta e média - baixa, em contrapartida aos respondentes do segmento de renda baixa que não citaram conforto como um dos principais valores que melhor definem suas moradias, talvez devido à condição mais precária na qual eles vivem, tanto em relação ao entorno (bairro), como em relação às estruturas físicas das suas moradias (normalmente pouco espaçosas, pouco ventiladas, etc.).

Um interior confortável (fresco na época de calor, quentinho durante o frio, seco quando se tem chuva, espaçoso e acessível para a movimentação do corpo) é fundamental para que o morador esteja satisfeito com sua moradia. É fundamental para o habitar, o sentir-se-em-casa, o “ser no mundo”. (HEIDEGGER apud MALARD)²¹

Estabilidade também foi um aspecto bem apontado pelos entrevistados em termos de importância valorativa que a moradia representa para eles, no sentido de conquista, posse e propriedade do imóvel onde se mora. Tal verificação é compreendida como uma característica da cultura brasileira – a conquista da casa própria – veiculada por incentivos constantes de fundos de financiamentos para obtenção deste bem patrimonial. Nesta perspectiva, nenhum respondente do segmento de renda média – baixa apontou este aspecto na valoração de suas casas, uma vez que 60% desta amostra mora de aluguel ou ainda está pagando o financiamento de seus imóveis, ou seja, não se encontram numa situação de estabilidade nestas condições.

Outros valores apontados como característicos das moradias analisadas foram limpeza e organização, sendo o segundo apontado apenas por dois componentes do segmento de renda alta. Em contrapartida, bagunça foi apontada por dois respondentes como um valor que define bem as suas moradias. Estes aspectos citados são bem representativos de hábitos domésticos, questões ligadas à higiene e organização, ou até, como visto, a desorganização enquanto uma referência identitária dos moradores e, portanto, de seus hábitos e de suas moradias.

²¹ IN: <http://www.arq.ufmg.br/eva/docs/art014.pdf>. Acessado em maio de 2009.



Itens como nível de manutenção, limpeza, organização, objetos de decoração, móveis e utensílios tanto podem expressar a demarcação do território (marcadores contra a invasão), a apropriação do espaço (que não evidencia necessariamente a prevenção contra invasores, mas as marcas dos seus ocupantes), como também a identidade do usuário (a expressão de que o espaço é ocupado por *aquela* usuário em especial). O espaço pode funcionar, portanto, como indicador para o conhecimento de seus usuários **[e de seus hábitos]**. (BRASILEIRO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2004, p.03 – *grifo nosso*).

O lazer foi um aspecto ressaltado por alguns respondentes dos segmentos de renda média – baixa e baixa, enquanto valor que eles consideram importante e bem representativo das suas moradias atuais. Esta importância dada ao lazer nos espaços de moradia, sobretudo pelos componentes destas amostras, foi muito evidenciado na construção imagética que eles fizeram da casa ideal, como será melhor explicitado no item 4.3.2.

Continuando esta abordagem, no artigo “*Índices culturais refletidos no projeto de arquitetura: pesquisa e suas interfaces*”, Brasileiro e Duarte (2005) ressaltam que quanto maior for o padrão de vida das pessoas, mais isoladas elas tendem a ficar, no que concerne à utilização dos ambientes e quanto ao compartilhamento de equipamentos. Isto foi ratificado nas descrições das amostras do estudo em tela (Capítulo III, item 3.6.1.1), quando verificou-se que nos segmentos de renda mais alta as moradias têm quartos e banheiros para cada um dos moradores, bem como a maioria dos cômodos são equipados com televisões e cada morador tem seu computador. As autoras afirmam ainda que nos espaços de morar dos grupos com rendas mais baixas, os espaços sociais e de convívio são os mais usufruídos pelos moradores.

Em geral, foi percebido que as pessoas ressaltam mais aspectos positivos que aspectos negativos, quando avaliam suas moradias através de atribuição de valores. Logo, percebeu-se que os laços afetivos estabelecidos entre moradores e seus espaços de morar são sempre marcantes, posto que as pessoas tendem a exaltar muito mais aquilo que suas moradias têm de bom, do que os problemas ou defeitos das mesmas.

Por fim, pode-se dizer que novos hábitos estão sempre surgindo e, gradualmente, caracterizarão novas dinâmicas sociais. É neste sentido que Lima



(2007) afirma que: *“os hábitos se fazem no tempo, e, muitas vezes, os primeiros atos que os fundaram perdem-se em um início indeterminado”*.

Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer "suspender" o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. (BACHELARD, 1989, p.54)

4.3 – Construções Imagéticas do morar

Por acreditar que os símbolos podem atuar como mediadores no entendimento da relação pessoas-espacos edificados (assim como as palavras são mediadoras da comunicação verbal); é possível dizer que eles validam embasamentos para as construções imagéticas das diversas formas de morar. Assim, para compreender o morar, tem-se, primeiramente, que entender os símbolos que se relacionam com este morar.

Embora seja característico do simbólico ser múltiplo, heterogêneo; as noções, sensações e conceituações do referencial de casa para o ser humano podem ser categorizadas num eixo significativo, a partir de elementos que são colocados de forma parecida, com características tangenciais e paradigmáticas de significados. Dessa forma, acredita-se haver alguns aspectos consensuais nessas noções, sensações e valorações que enquadram a moradia tanto como um artefato simbólico imprescindível para o desenvolvimento humano, quanto como um artefato cultural que caracteriza e define as noções de propriedade.

Devido a isto, o instrumental metodológico (apresentado no capítulo anterior) foi criado com a finalidade de explorar este universo simbólico e cultural do morar, a partir das construções imagéticas concebidas pelos respondentes.

Essas imagens que definem o morar, normalmente, aparecem imbricadas com outras imagens, as quais podem não fazer muito sentido num primeiro momento, mas ao serem conectadas com símbolos mais convencionados, familiares, possibilitam verificações e análises muito substanciais.



“As imagens estão por aí... à espera de um laboratório”. Os conceitos e as significações só realizam sua natureza na conexão com as imagens, quando as fazem operar. As imagens parecem sempre guardar algo que é inerente ao conceito, às significações, e é nesse contato entre eles que se pode especificar e criar materialidades para algo que antes era totalmente subjetivo e abstrato. (BRANDÃO, 2002, p.146)

Por comodidade associamos imagens a conceitos e nos acostumamos a invocar a imagem para obter o conceito. O conceito, ou o bom conceito, é aquele que faz a imagem saltar da superfície e detonar os movimentos próprios a essas imagens contaminadas por esses conceitos. É sempre bom reunir o máximo de informação sobre o conceito com o qual se vai operar (...). (BRANDÃO, 2002, p.147)

Neste sentido, algumas perguntas devem ser postas quando se trata de entender as questões imagéticas, tais como: O que diz uma imagem? E, especialmente, como essa imagem diz?

Portanto, os próximos itens vêm explorar as convergências e divergências levantadas na pesquisa, pelos diversos padrões sócio-econômicos e culturais apurados, a fim de explicitar imagens, conceitos, idéias; enfim - uma significação da moradia.

4.3.1 – Imagens do Morar: avaliação dos espaços de moradia analisados em Maceió-AL:

Com base nos resultados obtidos através da aplicação dos procedimentos 2.0, 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4, foi possível compor algumas imagens dos modos de morar mais representativos da sociedade maceioense.

Segundo Hall (1914), o espaço é uma linguagem silenciosa que transmite informações a respeito de seus ocupantes. Ao penetrar num território de domínio de alguém, é possível "ler" suas aspirações, seus valores e seus códigos sociais, somente ao olhar o espaço.

Neste sentido, um primeiro passo para se entender a imagem que as pessoas constroem acerca de seus espaços de moradia é avaliar o grau de satisfação e o nível de agradabilidade que estas dizem ter em relação a estes espaços.



Você gosta da sua casa ?

■ Demais ■ Muito ■ Razoável

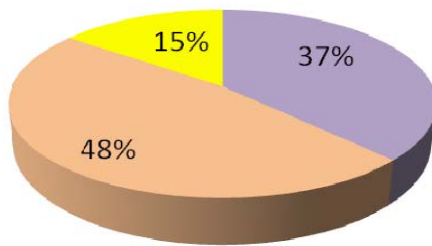


Gráfico 35. Facetas de avaliação da moradia atual. **Fonte:** a autora.

Assim sendo, o gráfico ao lado mostra que a maioria dos respondentes afirma gostar demais de suas moradias atuais, totalizando 48%. Outros 37% dizem gostar muito e os demais 15% afirmaram gostar razoavelmente de suas moradias, expressando logo em seguida algumas ressalvas para justificar tal colocação.

Dessa maneira, constatou-se que quem afirma gostar razoavelmente da sua situação atual de morar, não se encontra completamente satisfeito devido à localização da moradia que é tida como ruim, por ser distante do local de trabalho, ou por uma questão de segurança (bairro perigoso). Esses mesmos respondentes ressaltaram a importância da escolha de uma boa localização, no momento de reflexão sobre aspectos da casa ideal – procedimento 3.0. Nestes casos, os bairros escolhidos para a construção desta tal casa ideal foram: Ponta Verde e Aldebaran, atualmente tidos como redutos de moradia da alta classe.

Além disso, foi avaliada a diferença entre as facetas do grau de satisfação pela diferenciação entre proprietários²² dos imóveis avaliados e moradores não-proprietários destes, já que havia um pressuposto de que os não – proprietários tenderiam a ser mais críticos em relação a sua situação atual de morar visto que eles não escolheram efetivamente morar de tal maneira, tornando-se mais exigentes no que concerne a elementos que faltam para fazer com a moradia se torne mais adequada às suas necessidades.

Os proprietários das moradias tendem a avaliar os ambientes de maneira mais uniforme e, portanto, consideram a casa como um todo bem agradável, ou muito agradável. Quando fazem alguma ressalva a algum ambiente é em relação à ventilação e às dimensões não tão adequadas dos mesmos. Já os não-proprietários (moradores), tendem a variar mais os níveis de agradabilidade em relação a

²² Vale salientar que o termo proprietário utilizado neste caso é equivalente ao responsável pelo imóvel, o possuidor, mesmo nos casos de imóveis alugados, já que não foi significativa a diferença do grau de satisfação da moradia devido à situação do imóvel, mas sim pelo fato de não corresponder às necessidades almejadas.



determinados ambientes, chegando alguns a ser pouco, ou até nada agradáveis, em relação a questões de privacidade, conforto, dimensões inadequadas, falta de organização, estética dos ambientes (decoração, ambientação) e ventilação.

Toda vez que o corpo tiver que fazer demasiado esforço para manter seu balanço térmico a sensação de desconforto irá aparecer e, como consequência, o comportamento será afetado. Será, então, também afetado o modo de “sentir-se-em-casa”. (MALARD, 1992).

Acerca do enfoque posto, o gráfico abaixo mostra que o pressuposto se confirmou nestes casos avaliados, pois na faceta que pretendia medir o grau de satisfação que os respondentes têm com suas moradias atuais, na opção “gosta demais” a maioria dos apontamentos foram feitos pelos proprietários dos imóveis analisados. Já a faceta de grau “gosta razoavelmente”, foi mais enfatizada pelos não-proprietários.

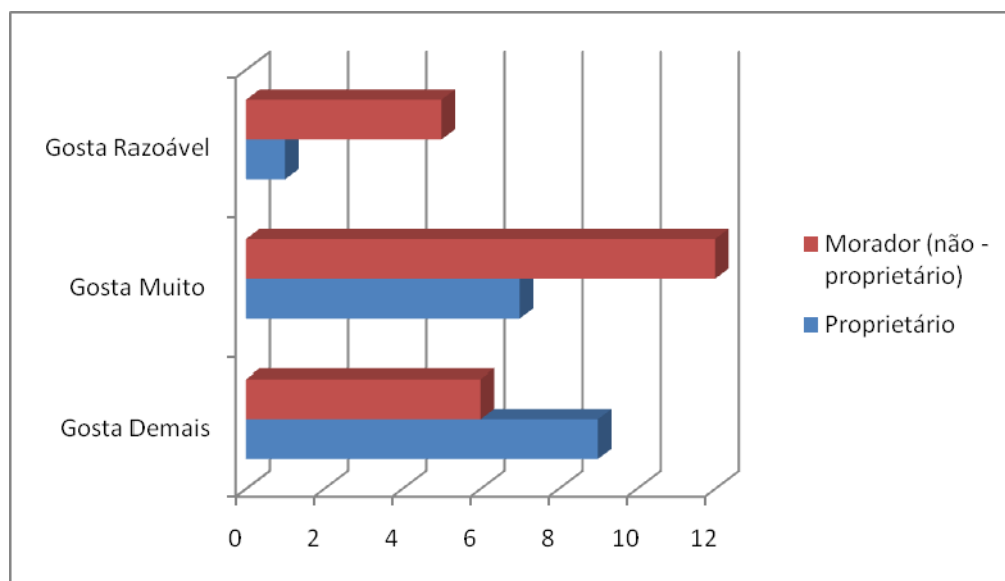


Gráfico 36. Facetas de avaliação da moradia atual x proprietários e moradores. **Fonte:** a autora.

Estes fizeram ainda algumas ressalvas quanto às modificações desejadas para que enfim suas moradias pudessem se tornar mais adequadas a ponto deles expressarem um grau maior de satisfação em relação a elas.

Dentre os não – proprietários que disseram gostar muito de suas moradias, mas que reivindicam mudanças, foi ressaltada principalmente a necessidade de mais espaço ou mais cômodos.



Dos respondentes que afirmam gostar razoavelmente de seus espaços de moradia atuais, somente um é proprietário, explicitando uma ressalva em termos da localização da moradia, isto é, a localização, para ele, não é adequada no que concerne à segurança local.

Os demais cinco entrevistados que afirmaram gostar razoavelmente de suas moradias, não são os proprietários, e normalmente, apontam a necessidade de mais espaço, diferente localização ou desejo de posse (quer ter sua própria casa).

Neste contexto, Malard (1992) afirma que a apropriação envolve a interação recíproca usuário/espço, na qual o usuário age no sentido de moldar os lugares segundo suas necessidades e desejos. Os lugares, em contrapartida, tornam-se receptivos. Essa influência mútua entre usuário/espço é a razão pela qual as pessoas e os grupos encontram - ou não - sua identidade nos diversos lugares em que vivem.

Em relação aos níveis de agradabilidade dos ambientes que compõem as moradias atuais dos respondentes, a avaliação foi feita separadamente por amostras, uma vez que foram constatadas diferenciações nos apontamentos destes níveis entre as quatro amostragens, bem como alguns critérios escolhidos para avaliar os ambientes e pontuar os tais níveis de agradabilidade, também variaram entre os segmentos agrupados.

Dentre os níveis de agradabilidade analisados, os respondentes dos segmentos de rendas mais altas tendem a reforçar maior agradabilidade nos ambientes de zona íntima, sobretudo seus quartos. Já os segmentos de renda mais baixas tendem a reforçar a maior agradabilidade nos ambientes de convívio social – salas, cozinhas, varandas; conforme explicitam os gráficos abaixo.

Seguindo esta abordagem, como já foi dito, diferentes índices de individualismo são constatados nos diversos grupos sociais. Desta forma, ressalta-se novamente que quanto mais alto é o padrão de vida das pessoas, mais isoladas elas tendem a ficar em suas moradias, em relação inclusive à utilização dos ambientes.

**Nível de agradabilidade dos ambientes em geral
- Segmento de renda alta**

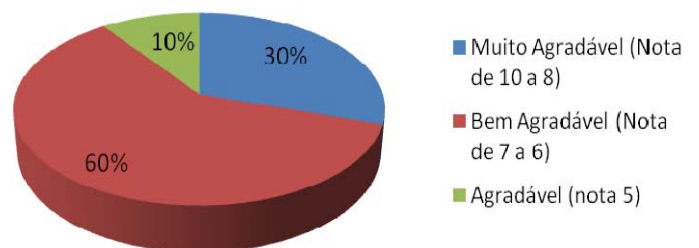


Gráfico 37. Níveis de agradabilidade moradia – amostra 1.

Fonte: a autora.



por uma **significação** da **moradia** ...

Assim sendo, a maioria dos respondentes do segmento de renda alta, 60%, avaliam suas moradias como muito agradável em relação aos ambientes como um todo, numa escala de nota entre 10 e 8. Outros 30% ponderam suas moradias como bem agradável, numa escala de nota entre 7 e 6, pois em um dos casos a moradia ficou grande demais para suas atuais necessidades, já que alguns dos filhos saíram de casa, e nos demais os respondentes disseram que pelo fato de morarem em apartamentos não há possibilidade de se ter um área verde própria para jardim em casa, aspecto que eles julgaram importantes na composição do morar.

O único respondente desta amostra pontuou a moradia apenas como agradável é a exceção desta amostra que está temporariamente morando de aluguel em um edifício residencial, enquanto aguarda o término da construção de sua casa no Condomínio Fechado Aldebaran, e afirmou não gostar de morar em apartamento.

Os espaços considerados mais agradáveis para a maioria dos componentes desta amostra foram os da zona íntima, com ênfase dada ao quarto do respondente como o espaço de maior agradabilidade da moradia. Os espaços de convivência também foram avaliados como muito agradáveis, numa faixa percentual semelhante.

Já a maioria dos respondentes da amostra do segmento de renda média-alta, avalia suas moradias como bem agradáveis, mas as pontuam entre 7 e 6, no geral, no que se refere ao grau de satisfação e agradabilidade.

Máxima agradabilidade dos ambientes - Segmento de renda alta

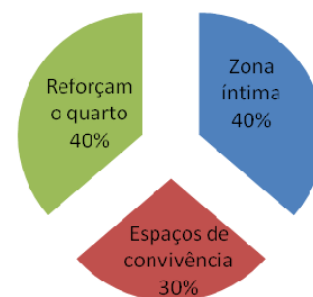


Gráfico 38. Máxima agradabilidade dos ambientes – amostra 1.
Fonte: a autora.

Nível de agradabilidade dos ambientes em geral - Segmento de renda média-alta

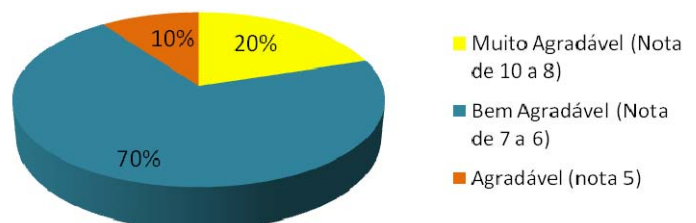
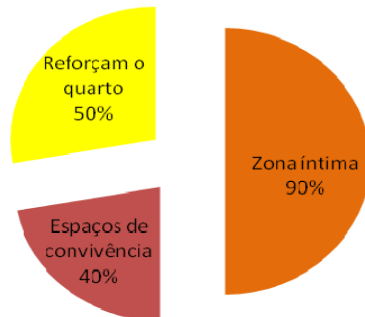


Gráfico 39. Níveis de agradabilidade moradia – amostra 2.
Fonte: a autora.



por uma **significação** da **moradia** ...

Máxima agradabilidade dos ambientes - Segmento de renda média - alta



Apenas 20%, ou seja, duas pessoas avaliaram suas moradias como muito agradáveis. Além disso, uma proprietária de uma dessas moradias a considerou somente como agradável em geral, devido a problemas de pouca ventilação nos ambientes, bem como pelas dimensões inadequadas destes, segundo a respondente.

Gráfico 40. Máxima de agradabilidade dos ambientes – amostra 2. **Fonte:** a autora.

Verifica-se aqui um notório desejo de modificação de alguns detalhes nas moradias desta amostra, pelos seus componentes, devido especialmente ao requerimento de mais espaço e mais conforto, no sentido de melhor aproveitamento da ventilação natural, por exemplo.

90% destes mesmos respondentes ressaltaram a zona íntima como os espaços de maior agradabilidade das suas moradias, e 50% reforçaram que o seu quarto é o melhor espaço da casa, em relação ao conforto, ventilação e, acima de tudo, à privacidade.

Este segmento de renda (média-alta), de acordo com os resultados avaliados na presente investigação, parece ser o mais insatisfeito com a sua situação atual de morar, sempre pontuam uma requisição de algo a mais na moradia, apesar de terem um padrão de vida muito bom.

As moradias das pessoas com uma renda média-baixa variaram um pouco entre as facetas dos níveis de agradabilidade, sendo que 50% dos entrevistados avaliam seus espaços de morar como muito agradáveis, ao passo em que 20% os avaliam apenas como agradáveis, por problemas como carência de conforto, mau

Nível de agradabilidade dos ambientes em geral - Segmento de renda média-baixa

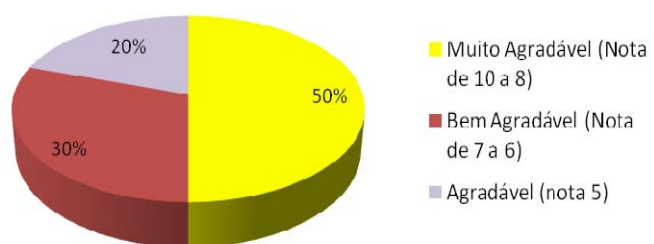


Gráfico 41. Níveis de agradabilidade moradia – amostra 3. **Fonte:** a autora.



aproveitamento da ventilação natural e dimensões espaciais não compatíveis com as necessidades.

Quando a abordagem recai sobre o grau de agradabilidade dos ambientes especificamente, 50% destes respondentes avaliam os espaços da zona íntima como muito agradáveis, bem como reforçam o seu quarto como um espaço de maior usufruto e conforto. No entanto, os espaços melhor avaliados pelos componentes desta amostra, no que se refere à agradabilidade, são os espaços de convivência (salas de estar, cozinha), o que deve refletir numa maior integração e convivência dos moradores, ou seja, um menor índice de isolamento e individualismo. (BRASILEIRO; DUARTE, 2005)

Máxima agradabilidade dos ambientes - Segmento de renda média-baixa

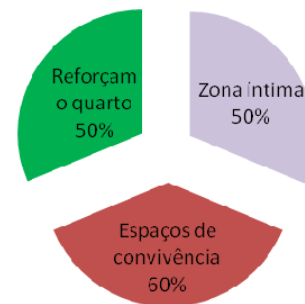


Gráfico 42. Máxima de agradabilidade dos ambientes – amostra 3. **Fonte:** a autora.

A coletividade é algo mais inerente aos segmentos sociais de mais baixa renda, as pessoas são obrigadas a dividir ambientes entre os moradores, e muitas vezes, até entre os visitantes e eventuais hóspedes. Acredita-se que nestes casos seja mais difícil o desenvolvimento de um processo de territorialização espacial, já que elementos que definem um morador especificamente, termina se misturando a outros que definem mais outro morador, tornando a moradia mais identitária da família em geral, do que evidenciando hábitos de cada um dos moradores especificamente.

Cada usuário que domina o território imprime nele uma marca própria, um sinal que transmita mensagens sobre si mesmo, com informações sobre sua origem, crenças, aspirações, visão de mundo, gostos pessoais. (BRASILEIRO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2004, p.01)

Os respondentes do segmento de renda mais baixa, por fim, avaliam seus espaços de moradia como bem agradáveis (50%) e em alguns casos como muito agradáveis (40%), apesar de muitas destas condições de morar apresentar uma qualidade baixa de vida. Tal constatação foi surpreendente, pois acreditava-se que estes respondentes seriam os que mais apontariam problemas em relação às suas moradias, bem como seriam os que apresentariam um maior grau de insatisfação com as mesmas.



por uma **significação** da **moradia** ...

Nível de agradabilidade dos ambientes em geral - Segmento de renda baixa

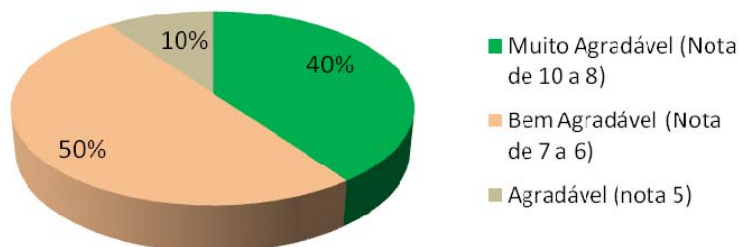


Gráfico 43. Níveis de agradabilidade moradia – amostra 4.
Fonte: a autora.

– é o estar e sentir *em casa* que parece definir muito mais a concepção que se tem do morar e, portanto, é peça fundamental para o entendimento e significação da moradia.

Conforme demonstrado no gráfico acima, somente uma pessoa desta amostra avalia sua moradia como somente agradável. Ela ressalta pouco espaço nos ambientes para suprimento das suas necessidades diárias, sobretudo dos ambientes íntimos e da cozinha. Vale frisar que esta moradia contém apenas três quartos e dois banheiros pequenos para atender as necessidades de seis pessoas que compõem esta família.

A questão de falta de espaço nas cozinhas é ressaltada pela maioria dos respondentes desta amostra, os quais dizem usufruir mais dos espaços de convivência das suas moradias, incluindo a cozinha. Portanto, eles gostariam que este ambiente fosse maior, já que boa parte do convívio familiar se dá neles.

O interessante é que poucos reivindicaram maior espaço na zona íntima, apenas 20%, apesar de todos compartilharem quartos e banheiros com demais moradores de suas residências. Isto nos faz acreditar que esta é a zona da moradia onde seus habitantes permanecem menos, a utilizam apenas para o que é necessário (dormir, se assear, etc.).

Isto reforça ainda mais a crença no eixo significativo da moradia, pois mesmo em baixas condições de habitabilidade, as pessoas parecem criar laços muito fortes com os espaços onde moram, ratificando que há uma

imaterialidade, que parece ser mais preponderante ao morar que apenas o corpo edificado

Máxima agradabilidade dos ambientes - Segmento de renda baixa

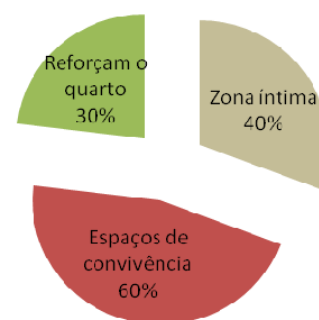


Gráfico 44. Máxima de agradabilidade dos ambientes – amostra 4. **Fonte:** a autora.



Em geral, pode-se dizer que os quartos pessoais são os espaços da moradia de maior nível de agradabilidade, seguidos da varanda, sala de estar e área verde (jardim). Os demais quartos são usualmente valorados como bem agradável por conta da ventilação e da luminosidade. A sala de estar por ser um espaço de convivência e pela ventilação e conforto normalmente são espaços bem agradáveis das casas, em geral, avaliadas desta forma, sobretudo, pelos respondentes dos segmentos de rendas mais baixas.

Contudo, áreas de serviço e banheiros algumas vezes foram apontados como espaços menos agradáveis, pois são locais de pouca permanência, e na maioria dos casos, são pequenos e abafados.

Quanto aos critérios escolhidos para avaliar os ambientes por níveis de agradabilidade, percebeu-se que estes estão diretamente associados aos aspectos explicitados na associação livre, justificativa do grau de afinidade com a moradia atual (facetadas), ou correspondem aos aspectos levantados na avaliação valorativa; todos já comentados.

Conforme expõe o gráfico abaixo, o aproveitamento da ventilação natural foi o critério mais levado em consideração por todas as amostras no momento de avaliação do grau de agradabilidade dos ambientes de suas moradias. Desta forma, os segmentos de renda alta e baixa apontam uma boa condição de ventilação nas suas moradias, o que, conseqüentemente, reforçou o alto índice de apontamento *bem agradável* nas análises das moradias destas amostras. Já os segmentos de rendas médias apontam o mal aproveitamento da ventilação natural em suas moradias, fazendo com que os ambientes destas não sejam avaliados como muito agradáveis.

Este é um apontamento feito, inclusive, pelo segmento de renda baixa, os quais são afetados diretamente quando não há eficácia no aproveitamento natural da iluminação e da ventilação, já que não dispõem de aparelhos artificiais para suprir tal carência, ou mesmo, não podem pagar um consumo de energia muito alto.



por uma **significação** da **moradia** ...

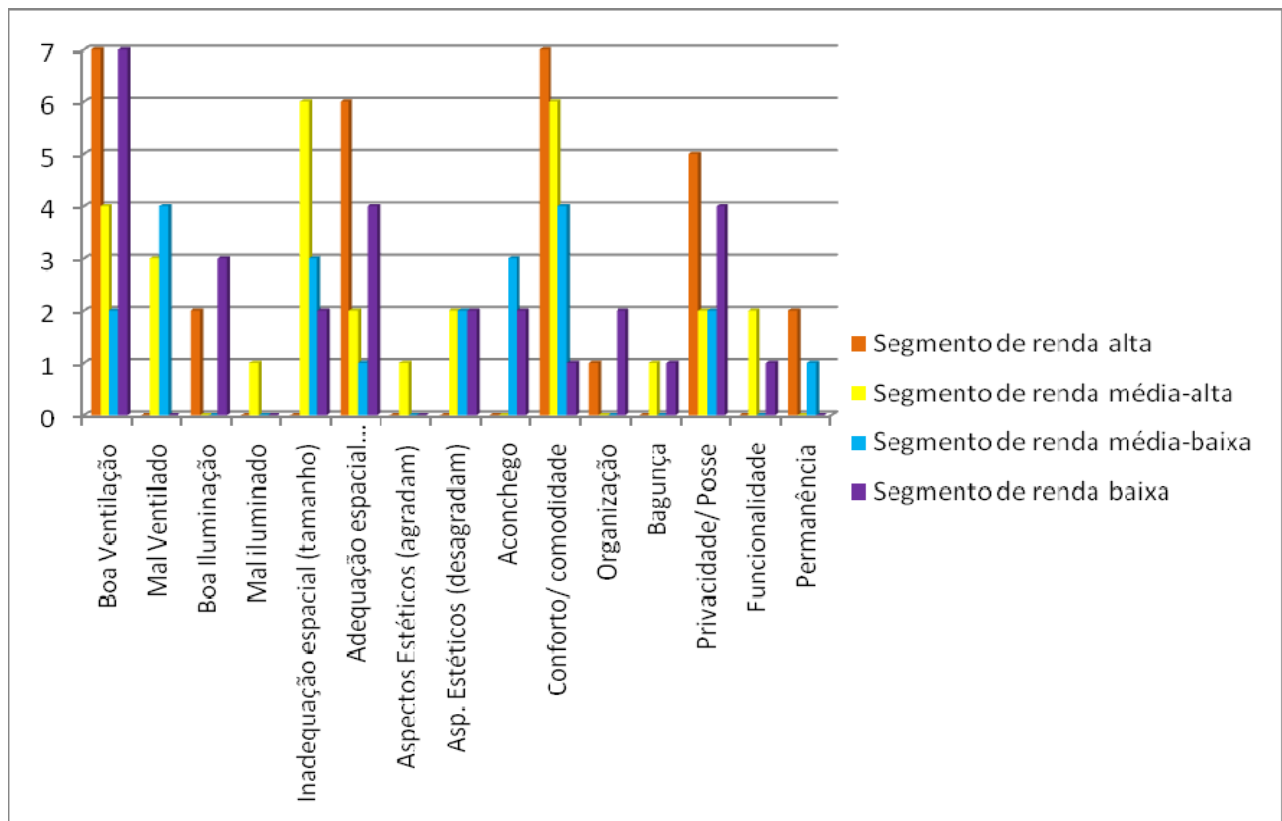


Gráfico 45. Critérios das avaliações dos níveis de agradabilidade das moradias. **Fonte:** a autora.

O aproveitamento da iluminação natural também foi um critério ressaltado pelos respondentes para avaliar suas moradias no que se refere à agradabilidade. O interessante é que estas questões são tratadas mais como técnicas pelos profissionais, no entanto, interferem diretamente na forma como as pessoas valoram os espaços onde vivem, ou seja, esta realmente é uma questão de percepção do conforto ambiental, muito mais do que técnica, que deve ser levada em consideração no ato de projetar.

Outro aspecto bem ressaltado foram as dimensões (tamanhos) dos ambientes de acordo com as necessidades das diversas moradias. Nesta perspectiva, os respondentes de renda média-alta foram os que mais apontaram a inadequação da espacialidade dos ambientes ao suprimento de suas demandas, seguidos dos componentes da amostra de renda média-baixa.

Por outro lado os respondentes da amostra de renda alta apontam a boa adequação das dimensões espaciais dos ambientes como um critério que reforça o alto grau de agradabilidade das suas moradias.

Vale comentar que alguns respondentes de renda baixa pontuam a inadequação espacial como um ponto negativo das suas situações atuais de morar,



sendo estes casos os correspondentes às pessoas entrevistadas nesta amostra que possuem famílias com muitos membros morando numa mesma casa, normalmente muito pequena para comportar tal quantidade de moradores. Contudo, os demais respondentes desta amostra afirmam que os ambientes de seus espaços de moradia são adequados e suficientemente bem dimensionados para seus usos, apesar de compactos.

A presente constatação reforça mais uma vez que, nesta investigação, as pessoas com rendas baixas encontram-se satisfeitas com suas moradias atuais, diferentemente dos componentes de rendas médias.

Em relação aos aspectos estéticos, uma pequena parte dos respondentes das amostras de rendas médias e baixa fez algumas ressalvas no que concerne à decoração, ambientação e aos acabamentos dos ambientes em geral das suas moradias. Afirmaram que esses fatores desagradam e, portanto, afetam a maneira como eles percebem e pontuam o nível de agradabilidade destes espaços. A estética, aqui, também aparece como um critério que determina o “*sentir-se bem*” nas moradias.

O aconchego, característico dos ambientes de moradia, só foi ressaltado como critério de avaliação dos níveis de agradabilidade dos ambientes pelos segmentos de renda média-baixa e baixa, embora tenha sido bem citado por todas as amostras na avaliação valorativa das moradias.

O que se mostra válido destacar é o fato de nenhum respondente dos segmentos de rendas mais altas ter pontuado aconchego como um dos critérios de avaliação dos seus ambientes de moradia, mas, por outro lado, eles destacam o conforto e a comodidade como algo que os fazem valorar estes mesmos ambientes como bem agradáveis, ao contrário do segmento de baixa renda, que não citou conforto como um dos parâmetros de avaliação dos ambientes.

Talvez isso tenha ocorrido porque devido à falta de maior aporte financeiro, as moradias de padrão mais baixo não devem ser tão confortáveis como as das rendas mais altas, embora sejam muito aconchegantes, conforme citaram seus moradores entrevistados.

Em contrapartida, as moradias dos respondentes de renda mais alta devem ser muito confortáveis, pois são bem equipadas e acabadas, porém podem não transmitir a sensação de aconchego para seus moradores de forma enfática como acontece nas moradias das rendas mais baixas.



Isto pode se dá até por uma questão de maior grau de territorialização dos ambientes por parte dos componentes das amostras de rendas baixas, fazendo com que suas moradias reflitam melhor suas identidades e características (ou das famílias que nelas vivem), fugindo de uma estética convencionada como “*bem-viver*”, mais padronizada pelo marketing do design de interiores, como parece ser o padrão de vida das pessoas com uma renda mais alta, entrevistadas nesta investigação.

A organização também foi um critério utilizado pelos respondentes como parâmetro para se medir o grau de agradabilidade da moradia, assim como a bagunça apareceu como um fator negativo no momento desta avaliação.

Novamente, a privacidade, atrelada à posse individual dos ambientes, aparece como um fator determinante para se avaliar um espaço como agradável; reforçando mais uma vez que as dinâmicas e os hábitos de morar estão diretamente ligados ao sentimento de possuir, de personalizar os espaços, aos territórios deleuzianos, que resultam no sentir-se “*em casa*”.

Os demais critérios citados foram: a funcionalidade dos espaços componentes das moradias, como também a permanência das pessoas nos ambientes, que faz com que eles sejam apontados como mais ou menos agradáveis.

Portanto, a partir da compreensão que se tem da forma como as pessoas percebem e valoram suas moradias, torna-se possível, então, avaliar o que é posto como ideal de moradia, conforme será explorado no item a seguir.

4.3.2 – Os ideais de morar da contemporaneidade:

Como já dizia Brandão (2002, p. 74), “*somos colagens de mundos (muitos deles mal colados...)*”, e assim como nós, nossas moradias também são múltiplas colagens de lembranças das vivências do passado, do presente e das perspectivas daquilo que está por vir. As moradias são ainda dinâmicas, e impõem mudanças àquilo que soa inerte; são junções de matérias (edificações, espaços) e não-matérias (territórios).

Tais “*colagens*” são, então, frutos de um engendrado de agenciamentos que, por sua vez, engendram territórios, produtos de vivências do morar passadas, cuja consistência engendra outros agenciamentos, frutos da experiência mais recente (atual) do morar; para que enfim, seja engendrado o agenciamento que resultará (naquele dado momento) no reflexo daquilo que se almeja como a moradia ideal.



Assim, quando se pensa em um ideal de moradia, surge um movimento sequenciado de construção e desconstrução territorial entre o morar do passado, do presente e do futuro idealizado, a partir dessas “*colagens*”, as quais são provenientes das lembranças e concepções de moradia que se tem até então.

A compreensão desta concepção de morar ideal é de suma importância para que tenhamos direcionamentos e perspectivas das atividades e práticas arquitetônicas. Desta maneira, os procedimentos 3.0 (Classificação Dirigida) e 5.0 (Ancoragem) serviram de ferramenta base para coleta de dados que foram categorizados e analisados, de forma a gerar um entendimento de como os diferentes segmentos sociais da cidade de Maceió almejam morar, sob a perspectiva do ideal.

Por meio de valores elencados através do ordenamento de facetas por instâncias de preferência e escolha de representações imagéticas, que continham características deste tal ideal de morar, foram delineadas as noções do morar ideal para os grupos sociais entrevistados.

Neste sentido, Fischer (1994)²³ afirma que através da escolha de imagens compostas por elementos territorializados e territorializantes, é possível apreender como cada indivíduo idealiza uma personalização do seu espaço. Além disso, a demarcação do território e a apropriação do espaço também têm influência nos processos de expressão da identidade do usuário.

O parâmetro comparativo das análises teve o foco, sobretudo, nas diferenças de níveis sociais, devido ao que se objetivava como direcionamento de resultados e discussões, baseados (conforme exposto nos objetivos específicos) nas diferenças e semelhanças imagéticas do morar das diversas amostras levantadas.

Assim sendo, obteve-se alguns resultados como: no geral, percebeu-se que quem vive muito bem, isto é, os que têm um padrão muito alto de vida querem algo mais prático, diferente; simples, porém requintado. E quem não tem um padrão alto de viver almeja apenas melhorar esta condição de vida, mas sem mudar muito a forma como já vivem.

Outro resultado geral importante de ser salientado foi que os cartões mais escolhidos na ancoragem deste ideal de moradia correspondem, em sua maioria, a ambientes internos do morar, ou seja, são mais relativos aos territórios de moradia que a própria moradia em si (as edificações).

²³ FISCHER apud BRASILEIRO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2004.



por uma **significação** da **moradia** ...

Neste sentido, Rapoport (1972) afirma que é a partir do processo de diferenciação entre o interior - (protegido, sagrado, o “meu espaço”) como algo de domínio pessoal - em contrapartida ao exterior (como o seu oposto - inseguro, profano, o “não meu espaço”); que o homem cria suas raízes e se conecta com o mundo existencial.

Dessa forma, é possível salientar que a dimensão simbólica que define a ambiência do morar como uma “manta” ou “concha protetora” é algo muito significativo e, portanto, deve ser extremamente levado em consideração nos processos projetuais.

Ainda sob uma perspectiva mais geral, englobando todas as amostras, os cartões mais escolhidos enquanto ideais de morar dos diversos segmentos sociais de Maceió, avaliados no estudo em tela, foram os de números 32 (25 pessoas, 62,50% dos entrevistados), seguido do número 7 (24 pessoas, 60%), número 1 (20 pessoas, 50%) e números 2 , 8 e 14 (18 pessoas, 45%).



Cartão 32



Cartão 07



Cartão 01



Cartão 02



Cartão 08



Cartão 14

Contudo, dentre os cartões escolhidos pelos respondentes como o mais representativo de um ideal de moradia, o mais citado em todas as amostras (em geral) foi o número 3, apontado como ideal por 16 pessoas e reforçado como o mais representativo por 50% destas, sendo a grande maioria pertencente ao grupo da amostra de renda baixa.





por uma **significação** da **moradia** ...

Os cartões 9 e 33 foram apontados como ideais de moradia por 17 entrevistados (42,5%), ressaltando que o número 9 foi bastante escolhido entre os entrevistados com alto padrão de viver e o 33 foi bastante apontado pelos segmentos de renda média - alta e média – baixa, representando o anseio destes de morar a beira-mar; e por apenas um respondente com renda baixa, pois acredita-se que se trata de uma representação muito diferente da situação atual de morar deles.



Cartão 09



Cartão 33

Os cartões que mostram edifícios residenciais não foram apontados, pela grande maioria dos respondentes, nem como possíveis opções de ideal de moradia, principalmente pelos segmentos de renda média-alta e alta, os quais vivem atualmente desta maneira. Desta forma, constatou-se que os cartões 24, 25 e 06 de edifícios residenciais semelhantes às perspectivas de bem morar mais comercializadas frequentemente pelo marketing imobiliário de Maceió, não representam efetivamente o grande ideal de morar dos segmentos sociais que compuseram as amostras desta pesquisa.

Dentre os aspectos apontados por ordem de preferência, em relação às concepções dos ideais de morar, verificou-se que cada amostra (segmentos de renda) ressalta uma ordem diferente da importância dos aspectos dirigidos no instrumental – sensitivos, estéticos, funcionais, infra-estruturais e de boa-localização.

Nesta perspectiva, a amostra de segmento de renda alta elencou os aspectos sensitivos como o mais importante quando se trata da construção imagética da moradia ideal, ou seja, reforçaram a importância do sentir-se bem em casa, seguro confortável, vivenciar a ambiência em família, se identificar com o espaço onde mora.

Os aspectos funcionais foram os priorizados em segunda colocação por este mesmo segmento, seguido do critério da boa-localização, que apareceu em terceira colocação como aspecto de maior importância quando se trata da concepção da moradia ideal para tais respondentes.



Com isso, entendeu-se que por já se encontrarem morando em zonas privilegiadas da cidade, conforme foi exposto anteriormente²⁴, a tendência dos respondentes desta amostra foi, diferentemente das outras, dar menos importância a este aspecto, como se boa localização já fosse algo implícito ao se tratar das condições de moradia da alta sociedade.

No que concerne ao ideal de localização para se morar na cidade de Maceió-AL, sob a perspectiva destas pessoas de um segmento de renda mais alta, 50% dos entrevistados, nesta pesquisa, optam como um ideal de moradia casas em condomínios fechados (Aldebaran, Jacarecica, Ipioca). Todavia, desses cinco respondentes, dois já se encontram nesta situação. Os outros três residem em apartamentos localizados na área litorânea da cidade. Neste sentido, vale ressaltar que as pessoas que moram próximas às praias, optam pela permanência deste quesito de localização, contudo, assim como direciona o mercado imobiliário, há uma tendência de expansão para os litorais como redutos promissores de moradia desta parcela da sociedade maceioense.

Os aspectos infra-estruturais seguem em quarta colocação e os aspectos estéticos em última, conforme demonstra o gráfico abaixo.

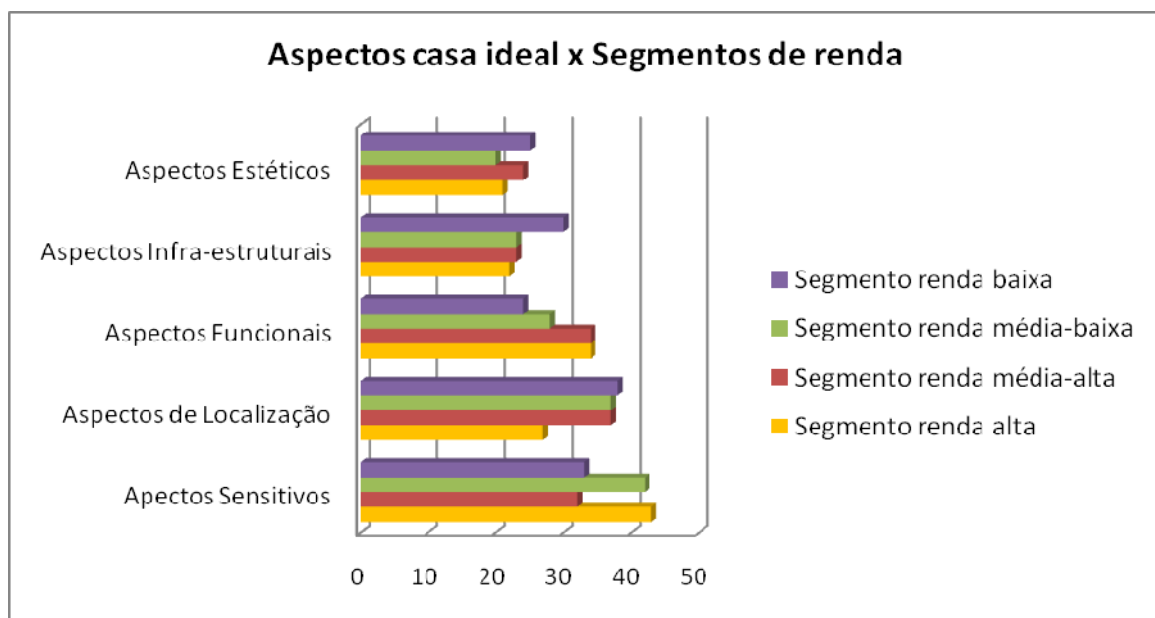


Gráfico 46. Aspectos da moradia ideal x amostras. **Fonte:** a autora.

²⁴ 80% desta amostra reside em bairros da planície litorânea da cidade (Ponta Verde, Jatiúca e Pajuçara) e os demais 20% em condomínios fechados de luxo.



Já os respondentes da amostra de segmento de renda média-alta consideram a escolha do bairro para construção da tal moradia ideal o aspecto mais importante na concepção desta. Para eles, a localização da moradia ideal em um bairro de grande especulação imobiliária é reflexo de *status* e de ascensão.

Os aspectos funcionais seguem na segunda colocação, assim como para os respondentes do segmento de renda alta, reforçando a exigência contemporânea da praticidade no âmbito do lar, sobretudo para as pessoas que têm boas condições financeiras. Os aspectos sensitivos foram apontados na terceira colocação, seguidos dos aspectos estéticos e infra-estruturais.

Para os componentes da amostra do segmento de renda média-baixa, os aspectos sensitivos são os critérios mais importantes na concepção da idealização do morar, bem como apontaram os respondentes do segmento de renda alta.

A escolha da localização ideal foi o critério apontado em segunda colocação por estes respondentes que, conforme já foi dito, ressaltam a insegurança do entorno de suas moradias atuais. Os aspectos funcionais seguem em terceira colocação, seguidos dos aspectos infra-estruturais e estéticos.

Por fim, os respondentes do segmento de renda baixa apontaram a escolha do bairro ideal para morar como o aspecto mais importante neste processo de concepção da “moradia dos sonhos”. No entanto, as localizações ideais apontadas por eles são bem diversas, e muitas não correspondem aos bairros tidos como ideais para as demais amostras. As localizações ideais para este segmento foram normalmente bairros de moradia de redutos da classe média da cidade – Farol, Tabuleiro, Serraria, Santa Amélia, com exceção de poucos que apontaram os bairros da Ponta Verde e Jatiúca, bem como o condomínio fechado residencial Aldebaran.

Os aspectos sensitivos ficaram na segunda colocação por ordem de importância desta concepção ideal de morar, seguidos dos aspectos infra-estruturais, estéticos e, por último, funcionais, divergindo das amostras de rendas mais altas, que ressaltaram a funcionalidade da moradia como um aspecto dentre os mais importantes.

Observado-se as colocações acima, demonstrou-se que os aspectos estéticos são os considerados de menor importância pelas amostras em geral, em contrapartida



por uma **significação** da **moradia** ...

aos aspectos sensitivos e de localização que são considerados os critérios mais importantes pelos segmentos como um todo, quando se trata de idealizar o morar.

Visto que os aspectos sensitivos foram os mais citados dentre as amostras em geral, vale ressaltar que cada uma delas priorizou elementos diferentes dentro desta mesma categoria, conforme está explicitado no gráfico abaixo.

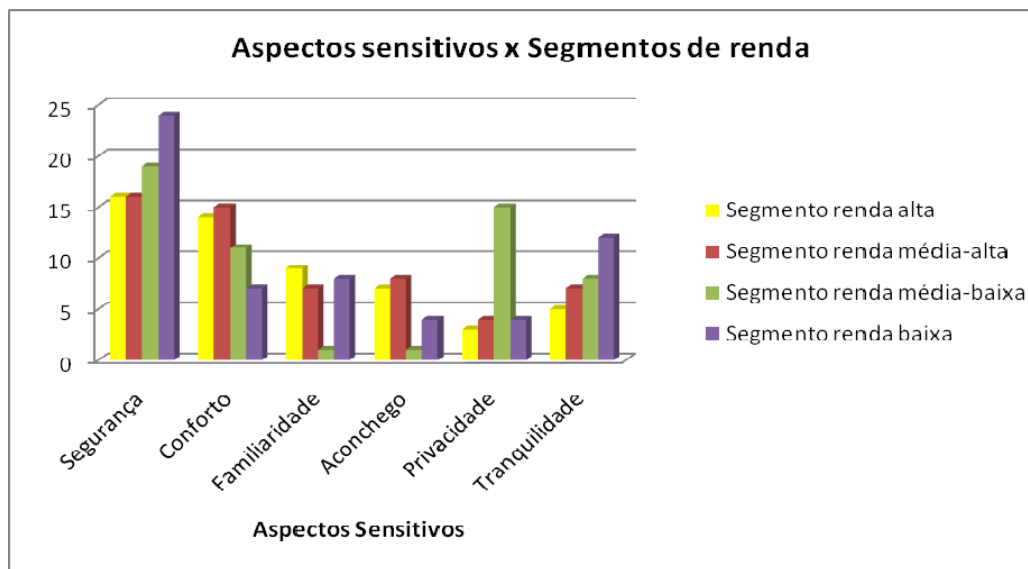


Gráfico 47. Aspectos sensitivos x amostras. **Fonte:** a autora.

Segurança foi o aspecto mais ressaltado, por ordem de importância, pelos respondentes de todas as amostras quando levados a pensar na moradia ideal, já que a situação atual das cidades reflete uma generalização do medo e da violência urbana. Tal aspecto foi enfatizado principalmente pelos componentes do segmento de renda baixa, até mesmo pelo fato deles morarem em bairros onde a segurança pública não é muito eficaz, e também porque eles já reforçam segurança como um valor atual do lugar onde moram, segundo comentado no item 4.2.

É relevante observar que, de acordo com o gráfico acima, quanto menor é o poder aquisitivo dos entrevistados, mais estes reforçam a importância dos aspectos segurança e tranquilidade nas suas concepções do morar ideal. O contrário acontece com os aspectos sensitivos *conforto* e *aconchego*, que foram mais ressaltados pelos segmentos de renda mais alta; o que acaba evidenciando que quanto menor é o padrão de vida das pessoas, igualmente menor é a tendência de considerar fatores não tão primordiais.



Os respondentes do segmento de renda alta ressaltaram ainda a necessidade da familiaridade, que deve haver entre as pessoas e os lugares onde vivem, uma questão de identidade com a moradia, que também envolve o aconchego familiar. Em menor proporção, este mesmo aspecto também foi apontado pelos demais segmentos de renda.

Privacidade, por sua vez, apareceu como um aspecto bem apontado pelo segmento de renda média-baixa no tocante ao que se requer de um ideal de moradia, visto que esta amostra é composta por pessoas que vivem numa situação de compartilhamento diário de cômodos íntimos, fato ressaltado como incômodo por estes respondentes na avaliação dos níveis de agradabilidade da moradia atual.

Em relação aos aspectos funcionais mais citados pelas amostras tem-se que uma moradia bem dividida, isto é, com espaços dos ambientes proporcionais aos seus usos e necessidades, aparece como algo muito importante na concepção do ideal de morar para todos os segmentos de renda.

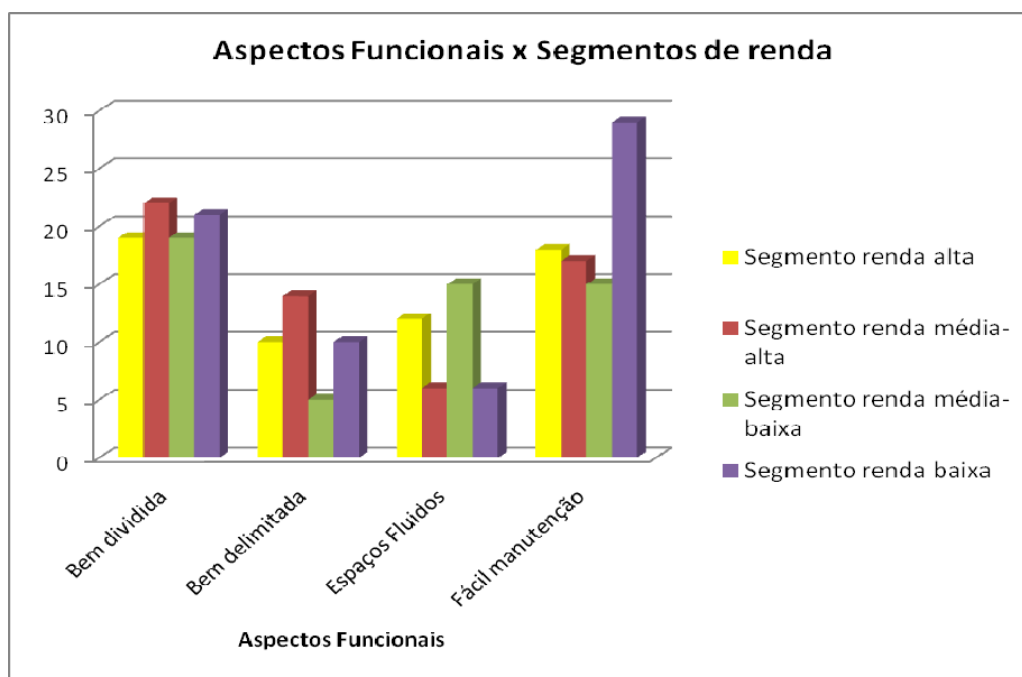


Gráfico 48. Aspectos funcionais x amostras. **Fonte:** a autora.

Todavia, quando a questão é sobre a disposição dos ambientes, há divergências entre as amostras, como mostra o gráfico acima. Os segmentos de renda alta e média-baixa (composta por uma maioria de solteiros e recém-casados) tendem a preferir espaços mais fluidos na concepção do morar ideal, ou seja, gostariam que



por uma **significação** da **moradia ...**

suas moradias dispusessem de áreas mais confluentes, sem muitas delimitações (paredes), o que é atualmente “vendido” como uma tendência no âmbito da arquitetura de interiores.

Já os segmentos de renda média-alta e baixa, têm uma preferência por moradias com áreas mais bem delimitadas, compartimentando bem a zona de estar, da área de serviço, bem como da zona íntima. A ancoragem desta constatação se torna mais evidente na escolha dos cartões como representativos deste ideal de moradia por estas amostras, que tendem a selecionar os ambientes que retratam espaços bem compartimentados, como mais adiante será discutido.

Uma moradia que seja de fácil manutenção, organização e limpeza é bem característica de um ideal de morar para todas as amostras em geral, sobretudo para as pessoas de renda mais baixa, já que elas mesmas têm que fazer a manutenção de suas moradias, pois não possuem funcionários contratados para tal função.

Mais uma vez fica evidente a importância de se ter uma moradia onde o cotidiano se dê de maneira prática, fato requisitado pelo estilo de vida contemporâneo. É importante frisar ainda que a maioria dos respondentes que ressaltaram a importância de uma moradia que seja de fácil organização e limpeza são pessoas do sexo feminino, ratificando o que foi dito no capítulo I, que a noção de domesticidade é atrelada aos espaços de moradia como um lugar associado, principalmente, à regência e ao controle feminino. (RYBCZYNSKI, 1996)

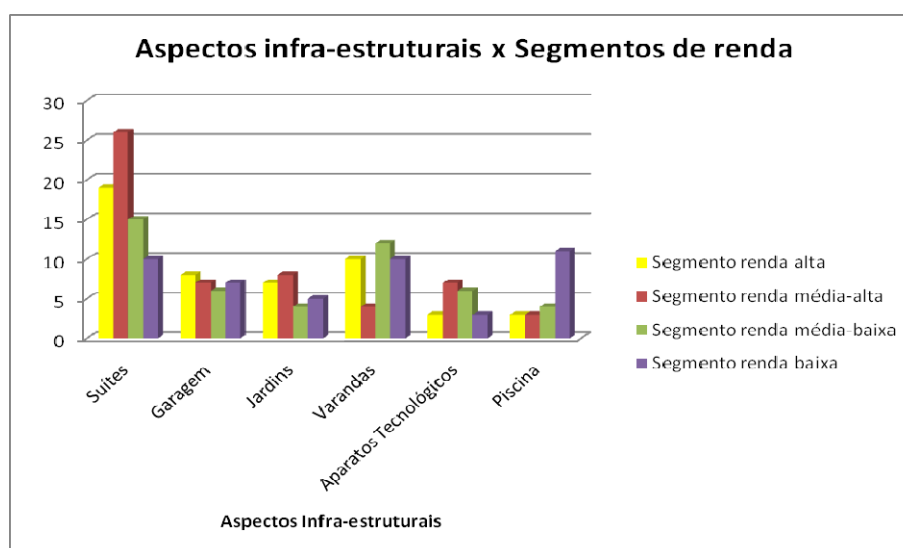


Gráfico 49. Aspectos infra-estruturais x amostras. **Fonte:** a autora.



Dentre os aspectos infra-estruturais, apontados por ordem de preferência entre as três primeiras colocações, suítes é o elemento mais importante na construção imagética do ideal de moradia, sobretudo para os segmentos de renda média-alta e alta, seguindo na segunda colocação por ordem de importância para os segmentos de renda média-baixa e baixa. Esta constatação demonstra que a ancoragem feita na escolha dos cartões reflete efetivamente o exposto nesta classificação dirigida, já que a maioria dos respondentes escolheu o cartão 32 (que mostra uma suíte de luxo) como o mais representativo da concepção do morar ideal.

Varandas também foi um elemento bem requisitado pelas amostras em geral, tendo sido enfatizado pelos respondentes do segmento de renda média-baixa. A escolha significativa do cartão 08 no momento da ancoragem imagética do ideal de moradia é reflexo desta constatação.

Piscina é o elemento mais significativo para os respondentes do segmento de renda baixa (1ª colocação), quando a abordagem recai sobre a moradia ideal. Além disso, espaço para festas e lazer (quadra de esportes, sala de jogos) também foram elementos bem selecionados por esta amostra, em colocações abaixo da terceira ordem de priorização. Isto evidencia novamente que as pessoas do segmento de renda baixa valorizam uma ambiência de convivência familiar, com amigos; nos seus espaços de moradia, anexando o lazer a algo que deve ser inerente ao lar.

Já os aparatos tecnológicos foram bem ressaltados pelas amostras dos segmentos de renda média-alta e média-baixa (ocupando a 3ª colocação), como representativos da concepção do morar ideal; reforçando a ideia de que a classe média é o segmento social que mais consome os ideais de morar veiculados pelas mídias globais.²⁵

Vale reforçar que piscina e aparatos tecnológicos também foram bem requisitados pelos respondentes do segmento de renda alta, porém enfatizado abaixo das três primeiras colocações, fazendo-nos crer que estes elementos são importantes, neste caso, para reforçar a condição de vida e o status social destas pessoas.

²⁵ Tal constatação vai de encontro à hipótese 4 delineada nesta pesquisa, na qual afirmou-se acreditar que os segmentos sociais que têm um padrão de vida mais baixo absorvem e almejam com maior intensidade os ideais de morar veiculados pelas mídias, se comparados aos seguimentos mais afluentes da sociedade. De fato, esta pesquisa demonstrou uma tendência da classe média em consumir mais aquilo que é difundido como ideal pelo marketing. Isto será abordado com mais ênfase nas considerações finais.



por uma **significação** da **moradia** ...

Jardim também foi um elemento bem requisitado pelas amostras em geral, no que concerne à concepção da moradia ideal, principalmente pelos entrevistados dos segmentos de renda média-alta e alta, cujas moradias atuais são, na grande maioria, apartamentos de edifícios residenciais, os quais possuem apenas uma pequena área destinada à vegetação nas áreas comuns do edifício.

Por fim, garagem foi igualmente levantada como um elemento bem importante, em termos de infra-estrutura que uma moradia ideal deve conter. Mesmo os respondentes do segmento de renda baixa que não possuem veículos, apontam garagem como algo importante para se ter numa moradia ideal.

Dessa forma, acredita-se que aquilo que as pessoas almejam como ideal de moradia também faz alusão a fatores “extra-domésticos”, tais como: desejo de obtenção de carros (para os que não os possuem) e o desejo de morar em bairros considerados mais apropriados, isto é, conforme posto preliminarmente na hipótese 3, o ideal de moradia está intrinsecamente relacionado ao ideal de bairro.

Quando a abordagem recai sobre os aspectos estéticos, avaliados como uma das categorias menos importante no que corresponde ao ideal de moradia de todas as amostras em geral, beleza é o requisito mais ressaltado por quase todos os segmentos de renda, com exceção do segmento de renda baixa, o qual enfatiza mais a simplicidade como o aspecto estético mais importante na concepção da moradia ideal; colocando beleza e requinte na terceira colocação em ordem prioritária.

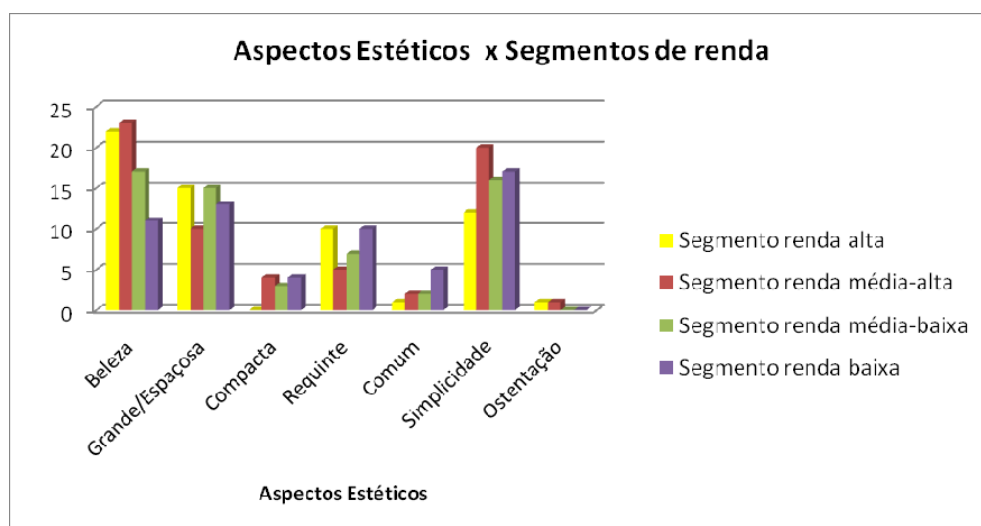


Gráfico 50. Aspectos estéticos x amostras. **Fonte:** a autora.



Mais uma vez, isto esclarece que as pessoas que têm um padrão de vida baixo, almejam, acima de tudo, melhorar apenas um pouco suas condições de moradia, sem modificar muito seus habituais modos de viver.

Embora evidenciado na primeira colocação pelos respondentes do segmento de renda baixa, simplicidade também foi uma característica muito aspirada por todas as outras amostras.

Ainda nesta abordagem, moradias mais espaçosas são idealizações objetivadas pela maioria dos respondentes de todos os segmentos de renda avaliados, ao contrário de moradias compactas, ressaltadas apenas por alguns respondentes das amostras em geral, na sua maioria pessoas solteiras, em que pese nenhuma delas pertencente ao segmento de renda alta.

Requite é algo colocado como importante na construção imagética do ideal de morar pelas amostras em geral, mas não no mesmo grau de importância que os demais critérios estéticos já mencionados.

A ideia de uma moradia comum, isto é, sem características específicas, não é algo muito almejado pelos respondentes em geral, sendo considerado algo componente do ideal de morar somente por alguns entrevistados da amostra de renda mais baixa, inclusive pelo fato já mencionado destes não idealizarem um morar muito diferente da sua situação atual. Em contrapartida, ostentação não foi um critério apontado pelos respondentes das amostras avaliadas, com exceção de apenas duas pessoas (uma do segmento de renda alta e a outra do segmento de renda média-alta).

As questões postas acerca das construções imagéticas dos ideais de morar dos diferentes segmentos sociais de Maceió foram confrontadas no procedimento de ancoragem requisitado pela pesquisadora no item 5.0 do instrumental, por meio do fornecimento dos trinta e cinco cartões, para que os entrevistados pudessem enfim reiterar (ou não) o que foi dito nos demais procedimentos.

Neste sentido, no que tange à ancoragem do ideal de moradia, o cartão mais selecionado como representativo do ideal de morar para o segmento de renda alta foi o de número 32 (oito entrevistados – 80%), cujo conteúdo mostra uma suíte de casal, bem equipada e aconchegante, com vista para um grande jardim, ressaltando a tranquilidade e a segurança do entorno.

O cartão de número 9, apontado por sete entrevistados (70%), também apareceu como parte integrante desta construção imagética da moradia ideal. Tal



cartão mostra um banheiro simples, porém requintado, parecido com banheiros de hotel, de SPA; entretanto, bem diferente da situação atual da grande maioria dos entrevistados desta amostra, cujas moradias são equipadas com banheiros mais luxuosos que contêm banheiras, vários espelhos, armários, mais semelhantes àquele contido no cartão 10.

Esta verificação foi muito interessante, pois realmente reforça a constatação de que as pessoas que vivenciam um morar muito ostentador parecem estar requisitando mais aconchego nas ambiências de seus lares, mantendo o requinte e o conforto, entretanto, substituindo um pouco o extremo luxo por elementos mais simples, mais personalizados.

Os cartões 7 (que representa uma típica sala de estar das moradias de classe alta, não tão requintada como a apresentada no cartão 1) e 8 (imagem de uma rede, ambiente simples e aconchegante, integração com o verde, natureza) refletem o morar ideal para 60% dos respondentes do segmento de renda alta, assim como também foram apontados como semelhantes à situação atual de morar destes. Portanto, é válido afirmar que o ideal de morar desta amostra corrobora aspectos inerentes à simplicidade e ao conforto.

Além destes cartões, os de números 12 (sala de estar) e 27 (quarto de casal) também representam bem tanto uma situação atual, como uma possível situação ideal de moradia; ratificando o conceito de simplicidade.

O cartão de número 4 (foco na família) foi apontado como o mais representativo do ideal de moradia destes entrevistados. O curioso desta colocação é que foi feita por uma maioria jovem, na faixa etária de 25 anos, solteiros, do sexo feminino; e não pela grande parte dos entrevistados que são casados e que já possuem filhos.

Os cartões 6 e 24, que denotam edifícios residenciais num padrão de alto luxo, comumente vendido pelo mercado imobiliário local, foram apontados como representativos da situação atual de moradia destes respondentes (totalizando 60% dos entrevistados desta amostra), porém não foram apontados como ideal de moradia por quase nenhum destes mesmos respondentes. Apenas um entrevistado desta amostra apontou o cartão 6 como um possível ideal de moradia.

Já o cartão 33, que reforça elementos de localização, pois representa bem uma vista a beira-mar; apesar de ser uma realidade muito próxima da grande maioria



por uma **significação** da **moradia** ...

destes entrevistados, não foi apontado por nenhum deles como situação atual, e escolhido por apenas 40% dos mesmos como um provável ideal de moradia. Esta questão reforça mais uma vez que uma boa-localização parece ser algo negligenciado por esta amostra, mas, no entanto, acredita-se que eles não a enfatizam pelo simples fato de colocar este requisito como inerente ao seu morar, assim como já foi avaliado anteriormente.



Imagem 27. Imagens que representam o ideal de morar da amostra 1. **Fonte:** acervo pessoal.

Por sua vez, no que concerne às construções imagéticas tanto dos segmentos de renda média-alta, como dos de renda média-baixa, estas são as que possuem mais elementos em relação a uma imagem convergente de um ideal de morar.



por uma **significação** da **moradia** ...

O segmento de renda média-alta, por exemplo, apontou vários cartões como ideais de moradia (32 (por 90% dos respondentes), 7 (80%), 1 (70%), 33 (60%)), que demonstram bem tendências de morar contemporâneas da alta sociedade, diferente da realidade atual de moradia da grande maioria dos mesmos.

Os cartões 5, 14, 16, 10 e 21, foram recorrentemente apontados por esta amostra (por 50% dos entrevistados), apesar de também não representarem a situação atual de moradia destes respondentes. Já os cartões 8 e 35 são bem representativos tanto da realidade atual, quanto da almejada; reforçando uma continuidade e desejo de manutenção de elementos e características vivenciadas no hoje, e consideradas importantes na concepção de um futuro ideal de morar.

O cartão 15 (cozinha conjugada com sala), por sua vez, representa uma situação atual de parte desta amostra (40%), porém nada almejada por estes quando se trata da concepção do morar ideal.



Imagem 28. Imagens que representam o ideal de morar da amostra 2. **Fonte:** acervo pessoal.



por uma **significação** da **moradia** ...

Já os respondentes do segmento de renda média-baixa, que na sua maioria são solteiros (50%) e recém-casados (40%), ancoraram suas concepções de ideais de moradia nas imagens contidas nos cartões que representam bem espaços fluidos (estilo *loft* para casais ou solteiros), como por exemplo, o cartão 2 (escolhido por 70% destes entrevistados); bem como apontam o cartão 33 (escolha de 60% dos entrevistados) que mostra uma varanda com vista para o mar, ressaltando mais uma vez a importância do critério de localização na concepção do morar ideal.

Também componentes desta representação imagética do morar ideal estão os cartões 7 (escolhido por 60%), que mostra uma sala de estar com espaços fluidos e vários aparatos tecnológicos e o cartão 14 (60%), que apresenta uma casa com jardim, ressaltando o aspecto segurança.

Neste sentido, percebeu-se que esta amostra não faz muita distinção entre casa e apartamento, no quesito moradia ideal, bem como ficou evidente que o ideal de morar deste segmento de renda é bem atrelado ao consumo das novas tecnologias (televisões de plasma, computadores, eletrodomésticos, etc.).

Vale colocar ainda que os cartões 9, 19 e 32 foram escolhidos por 50% dos componentes desta amostra como parte da ambiência idealizada do morar, os quais apresentam respectivamente uma cozinha bem equipada e fluida, um quarto de casal luxuoso e um banheiro requintado, mas simples.



Imagem 29. Imagens que representam o ideal de morar da amostra 3. **Fonte:** acervo pessoal.



por uma **significação** da **moradia** ...

Finalmente, a amostra do segmento de renda baixa agrupou os elementos imaginados como ideais de morar em poucas representações imagéticas, as quais ilustram mais o exterior de construções residenciais, diferentemente das demais amostras que evidenciaram mais as ambiências dos interiores de moradias.

Contudo, estes cartões escolhidos pelos segmentos de renda baixa agregam valores dos aspectos sensitivos, a partir das paisagens dos entornos das edificações escolhidas como representativas dos ideais de morar dos mesmos; pois é válido lembrar que 70% dos respondentes desta amostra ressaltam como critério importante do ideal de moradia uma boa localização.

Nesta perspectiva, os cartões mais escolhidos na ancoragem do ideal de morar desta amostra foram: o 22 (por 70% dos respondentes) e o 17 (por 60%), sendo o cartão 3 o apontado como o mais representativo deste ideal de moradia pela maioria dos respondentes desta amostra (60%).



Imagem 30. Imagens que representam o ideal de morar da amostra 4. **Fonte:** acervo pessoal.

Com o exposto, pode-se afirmar que a identidade é marcada por meio de símbolos que transmitem significados específicos (WOODWARD, 2000)²⁶. Ao escolher elementos que denotam determinados padrões, quando o assunto recai sobre o morar ideal, o indivíduo quer transmitir uma mensagem sobre sua identidade,

²⁶ IN: BRASILEIRO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2004.



por uma **significação** da **moradia ...**

e com quais grupos culturais e sociais ele mantém relações identitárias ou mais se considera identificado, conforme demonstrou as construções imagéticas apontadas pelas amostras dos segmentos sociais avaliados no presente estudo.

4.3.2.1 - A globalização como um agente dessa construção imagética:

Segundo Canclini (2003, p.30), a época globalizada é esta em que, além de nos relacionarmos efetivamente com muitas sociedades, podemos situar nossa fantasia em múltiplos cenários concomitantemente.

Portanto, se vivemos num mundo conectados a várias e diferentes realidades, é válido acreditar que nossas moradias, talvez, também estejam inseridas neste contexto intercultural, assim como nossos hábitos de morar podem estar sendo alterados em decorrência da troca, mesmo que virtual, de novas experiências e valores. A esta questão dá-se o nome de fenômeno da interculturalidade, a qual propicia intercâmbios fluídos de informações e novos saberes, os quais, por sua vez, modificam comportamentos, definidores de gerações, épocas e novos ideais.

Neste sentido, em relação ao trabalho aqui exposto, a interferência do global no local (morar no mundo x morar em Maceió-AL) foi evidenciada, sobretudo, na concepção imagética que os respondentes idealizaram da “*moradia de seus sonhos*”, quando escolheram, no procedimento de ancoragem, cartões que enfatizavam aspectos típicos desta sociedade globalizada (e globalizante), tais como: o cartão 1, 2 e 7, que contêm uma série de equipamentos eletrônicos de uma tecnologia bem recente.



Cartão 01



Cartão 02



Cartão 07

Esta evidência dá margem à afirmação de que a inserção desses tais equipamentos no âmbito do morar vem interferindo na dinâmica e na rotina doméstica, na medida em que as sociedades se conectam e estabelecem *redes*, onde trocam



por uma **significação** da **moradia ...**

experiências culturais. Essa *rede* pode transformar a moradia em um lugar conectado numa rede de informação:

que amplia a cultura de cada um e do seu clã, confrontando-a e misturando-a com toda a cultura do planeta; que faz de cada indivíduo de hábitos caseiros um nômade, com a cabeça girando pelo mundo enquanto o corpo permanece em casa; que substitui as circunscrições comunitárias pelas telecircunscrições das amostragens estatísticas de propriedade; que prolonga a vida além da morte, permitindo ver e ouvir os defuntos imortais nas fitas de vídeo ou até utilizar suas feições para fazê-los agir com efeitos especiais em novas alternativas virtuais.” (DE MASI, apud RHEINGANTZ, 2005, p.6)

Assim, conforme apontaram os resultados, os grupos humanos de renda média, que têm acesso facilmente a todas essas informações globais, por meio de televisões, internet, canais a cabo, etc.; são os que mais anexam ao ideal de moradia os padrões frequentemente difundidos pelas tais tecnologias globais como ideais de bem-viver.

Essas pessoas apontaram uma tendência ao desejo de ter uma casa estilo *show room*; são as que mais almejam comprar uma cadeira famosa do design comercialmente bem conhecido, por exemplo, mesmo que esta não seja nada correta em termos de ergonomia; enfim, enquadram seus lares num padrão vendido pelo marketing de interiores para anexar à sua identidade um valor de status, transmitido aos visitantes de suas moradias através da ambiência criada no lar.

Nesta abordagem, os ambientes muito clássicos, como o do cartão 29, hoje considerados *démodé* pela maioria mais jovem, não foram escolhidos na concepção do morar ideal, mostrando que o que se comercializa como um padrão mais “moderno”, tecnológico (*high teck*), “*clean*”; é algo mais semelhante ao ideal almejado nos ambientes internos das moradias contemporâneas.



Em contrapartida, o cartão 11, que mostra uma mansão de alto padrão e luxo (contendo piscina e vista para o mar) com características típicas de casas americanas, não teve relevância nas concepções imagéticas ideais de nenhuma das amostras. Neste caso, ficou perceptível no estudo em tela que quando se trata da concepção volumétrica e da configuração espacial das moradias, o local ainda prevalece ao global.





por uma **significação** da **moradia** ...

CONSIDERAÇÕES FINAIS – Enfim, há um EIXO SIGNIFICATIVO DA MORADIA?

Delinear uma significação para a moradia é uma tarefa que exige o aprofundamento e a compreensão de múltiplas variáveis, bem como o entendimento de suas (inter)relações.

Não obstante, pode-se assegurar que os valores atribuídos às moradias vão desde a noção de abrigo à noção de propriedade; compreendem ainda a noção de demarcação de um lugar geográfico, edificado ou não (como é o caso das atribuições de valores que se referem ao lar, às rotinas domésticas), até às origens ou aos mitos humanos (no sentido da tradição, da cultura).

Podemos dizer, ainda, que as moradias são capazes de representar uma parte de nós mesmos, ou uma extensão do nosso “eu”; sobretudo, quando se trata da relação simbólica e afetiva que efetivamos com estes espaços.

A personalização é a maneira humana de definir território, como se o espaço fosse uma extensão de nós mesmos. (RAPOPORT, apud BRASILEIRO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2004)

Dessa maneira, a referida personalização do espaço é tida como uma forma de suprir necessidades, acima de tudo, psíquicas; é a marcação de território próprio. Segundo reforça Rapoport (1977), o valor pessoal confere significado ao espaço e o tipo de organização dada ao espaço é consequência de julgamentos e escolhas que refletem valores e atitudes culturais, bem como representam subjetividades do seu ocupante.

O “*em casa*” é, portanto, a expressão mais significativa que integra valores semelhantes para um conjunto de indivíduos diversos, no relativo a uma significação da moradia contemporânea. Embora pareça ser algo muito simples de ser constituído, para se sentir efetivamente “*em casa*” é necessário que se estabeleça um vínculo afetivo com a ambiência territorializada no tal espaço, de maneira a proporcionar os já mencionados agenciamentos maquímicos dos corpos para, enfim, criar territórios, isto é, estabelecer simbolicamente fronteiras identitárias do “eu” nos lugares onde se vive.



por uma **significação** da **moradia** ...

A fuga do território, ou seja, a desterritorialização é exatamente o rompimento (não necessariamente por completo) desses laços afetivos, a quebra do reconhecimento do indivíduo no espaço. Isto reforça a importância da referência do sentimento “*em casa*” como objeto mantenedor de uma qualidade de vida, no que tange o conforto do abrigo físico, mas, sobretudo, no que concerne o equilíbrio psíquico.

Assim, por pior que seja a situação de morar, os indivíduos territorializam espaços para que o sentimento do “*em casa*” possa se efetivar, pois esta é uma necessidade básica de qualquer ser humano, assim como qualquer animal, temos um ímpeto por territorializar espaços.

Neste sentido **é possível afirmar a existência de um eixo significativo da moradia**, já que os resultados da investigação aqui constituída permitiram validar esta primeira hipótese posta. Esse eixo significativo da moradia faz alusão a uma composição agregadora de rizomas, territórios, agenciamentos, devires, fluxos, acontecimentos, rostos, singularidades, convergências, subjetividades, etc.

O fato do indivíduo “se sentir em casa” significa que ele dispõe de um espaço pessoal, íntimo, delimitado por um direito que ele exerce sobre este território. Tais territorializações podem até estar ligadas à marcação de limites físicos, mas são, principalmente, demarcações simbólicas, assim como os animais delimitam e compõem seus territórios na natureza.

Um leão, por exemplo, demarca seu território com um limite que não é material, contudo, barreiras simbólicas são instituídas para que tal território seja imune ao ataque de outros machos ou bandos de hienas. O cachorro também tem necessidade de marcar seu território e o faz por meio de seus dejetos, para mostrar aos demais que aquele espaço o pertence.

Outros animais como o joão-de-barro ou o passarinho, ao invés de demarcarem espaços, constroem os seus próprios, e são grandes “*mestres vernaculares*” na produção de abrigos que são símbolos de segurança, resguardo, simplicidade, aconchego, e assim como o útero é a primeira morada do homem, estes abrigos são a primeira morada desses animais.



Imagem 31. Animais e seus territórios. **Fonte:** Google imagens.



Se é inerente aos animais a necessidade de demarcar espaços, de possuir territórios, é compreendido que também é inerente aos homens esta mesma necessidade e desejo, de possuir seu espaço, transformando-o num território único, identitário, seguro, sagrado.

O mesmo paralelo feito em relação às moradias dos animais com os espaços de moradia humana é passível de ser aplicado entre a escolha da localização da construção dos abrigos pelos animais, assim como a escolha do bairro ideal posta pelos respondentes quando o foco recaiu sobre a concepção da moradia ideal.

Nesta perspectiva, se um pássaro não constrói seu ninho em qualquer lugar, é evidente que as pessoas ressaltam a importância de viver numa boa localização, endossando a ideia de que o ideal de moradia está associado ao ideal de bairro, tendo sido a terceira hipótese também confirmada. A localização é, deste modo, um aspecto de suma importância. Portanto, o ideal de moradia é atrelado ao ideal de bairro, em que pese à anexação, sobretudo, dos valores sensitivos proporcionados pelo entorno. O entorno ratifica os valores sensitivos transmitidos pela moradia-território.

Além disso, verificou-se que as relações simbólicas correspondentes à casa apresentam significações em diferentes instâncias sógnicas, tais como: emblemas nacionais, principalmente o da obtenção da casa própria, insígnias familiares, representações de épocas, valores de bens patrimoniais, de abrigo, etc. (CARVALHO, IN: AMORIM; LEITÃO ORGS., 2007).

Portanto, dado o entendimento do signo como um elemento da consciência, uma representação categorizada e ancorada a partir de um objeto posto, e a significação entendida como um processo dinâmico, sempre em movimento, isto é, uma semiose ilimitada; torna-se válido afirmar também que a segunda hipótese delineada nesta investigação, cuja sentença afirma que é possível construir uma imagem do morar através do entendimento dos elementos sógnicos; igualmente se confirma.

Seguindo esta abordagem, os segmentos sociais com padrões de vida diferentes, que compuseram as amostras desta investigação, tanto apresentaram convergências entre as formas de morar atuais, como também apresentaram uma tendência nas construções imagéticas das moradias ideais, ressaltando aspectos



semelhantes que caracterizaram imagens e formas de morar (reais e idealizadas) dos grupos sociais limitados como distintos nesta investigação.

No correspondente à quarta hipótese, entretanto, na qual se acreditava que os segmentos sociais com um padrão de vida mais baixo tenderiam a absorver e almejar com maior intensidade os ideais de morar veiculados pelas mídias, se comparados aos seguimentos mais afluentes da sociedade; a não confirmação foi tida como uma surpresa num primeiro momento.

Conforme explicitado nas avaliações dos resultados, constatou-se que os segmentos de renda média (alta e baixa) são os grupos sociais que tendem a assimilar com mais ênfase a influência dos ideais de morar veiculados pelas mídias; ao contrário das pessoas que compõem o segmento social de renda baixa, as quais somente reforçam o desejo de melhoria das suas condições de vida, todavia sem alterar radicalmente seus modos e hábitos de morar.

Os cartões escolhidos no procedimento de ancoragem por estes respondentes reforçam bem a colocação exposta, visto que as amostras dos segmentos de renda média ressaltaram mais elementos que ilustram padrões mais convencionados de bem-morar, que são diferentes da forma de viver atual destes, tais como os cartões 1, 10 e 21, por exemplo. Já a amostra do segmento de renda mais baixa optou por padrões de morar mais comuns, contudo, que refletem qualidade de vida, tais como os ilustrados nos cartões mais apontados por tal segmento como ideal de morar, sobretudo nos cartões 3 e 22.

Outra constatação surpreendente foi o fato dos respondentes do segmento de renda alta terem concebido um ideal de moradia diferente, em alguns aspectos, das suas condições atuais de morar, tidas como referência de morar ideal para as amostras de renda média. Segundo alguns desses respondentes da amostra de renda alta, a importância dada à moradia como um elemento que denota status é algo negativo, porém extremamente difundido pelo marketing imobiliário. Eles afirmam que a manutenção do patrimônio e de um padrão de vida de luxo é uma tarefa exaustiva, por isso, quando induzidos a pensar sob a perspectiva de um morar ideal, deram preferência a padrões mais simples de viver, sem contudo, negligenciar o conforto e o requinte.

Assim, conforme comprovado nos resultados desta investigação, quando se opta por padrões convencionados e estereotipados de bem-viver, os moradores



acabam se tornando uma massa indiferenciada, e assim, a arquitetura, principalmente a doméstica, não exerce efetivamente o seu papel, pois não se concretiza realmente como território.

Entretanto é importante salientar que a valoração da moradia como um objeto que denota status é resquício de comportamentos sociais muito antigos, de épocas datadas antes de Cristo; portanto, é uma práxis social difícil de ser modificada.

Enfim, compreende-se que nossas moradias formam um conjunto de imaterialidades reforçadas pelas referências de vida que proporcionam. Representam nossos hábitos, nossas inconstâncias, o nosso eterno “querer mais”, por esta razão é tida como objeto sempre inacabado.

Através das lembranças de todas as casas nas quais encontramos abrigo, além de todas as casas que sonhamos morar, é possível isolar uma essência íntima e concreta, que corresponda a uma justificação do valor singular de todas as nossas imagens do morar. *“O ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa na sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos”.* (BACHELARD, 1989)

Sob o foco das questões aqui avaliadas, é válido considerar que este estudo possibilitou uma abordagem pautada em questões usuais, todavia, alicerçando-se em conceitos de diversas áreas do saber (filosofia, psicologia, antropologia, sociologia, e na quebra das “ia” - a arquitetura). A tentativa aqui foi *“des-re-construir”* o que está convencionalizado no âmbito do morar, já que as tais mudanças sociais, culturais, tecnológicas, etc., estão cada vez mais evidentes e demandam mudanças nos hábitos, no cotidiano dos sujeitos.

O espaço da arquitetura é um espaço essencialmente simbólico. É graças a essa circunstância, marcadamente psíquica, presente no arquitetar, que um edifício se faz templo, uma casa se faz lar, uma ‘caixa’ se faz arquitetura. (LEITÃO, 2004)

Os resultados coletados trazem, ainda, discussões tangenciais a outras áreas do saber, tais como: foi visto que ventilação e iluminação natural foram elementos ressaltados pelos respondentes como um dos critérios de avaliação dos níveis de agradabilidade dos ambientes componentes das moradias; evidenciando a importância das pesquisas desenvolvidas na área do conforto ambiental, como aspectos importantes para o entendimento da percepção que se tem dos espaços habitados.



Nesta perspectiva, à guisa de uma finalização, pode-se dizer que o presente trabalho propôs um des-re-territorializar das concepções usuais e paradigmáticas dos espaços de moradia. Esta investigação colocou, também, de forma bem breve, uma tendência a evidenciar que os hábitos das sociedades contemporâneas mudaram e estão modificando comportamentos na medida em que, por sua vez, são influenciados pelas novas transformações, inovações e descobertas.

Assim, a dissertação em tela aparece como uma alternativa de mudança para as práticas projetuais mais usualmente difundidas pelas escolas e pelos profissionais da arquitetura. Assim como afirma Del Rio (apud RHEINGANTZ, 2005), apesar dos estudos e experiências estarem buscando uma nova leitura da arquitetura e dos seus signos, o currículo oculto das disciplinas de projeto de arquitetura segue fiel às suas raízes acadêmico-modernistas: no atelier predominam práticas baseadas nos modelos intuitivo e criativo do projetar, bem como do racional e operacional no que tange às definições do partido arquitetônico.

É importante reafirmar a convicção sobre a importância de se construir métodos que, *“sem impedir a manifestação da criatividade, possam estar sempre fundamentados na compreensão do interrelacionamento entre o homem e o seu ambiente, principalmente em níveis psicológico, comportamental, social e cultural”* (DEL RIO, apud RHEINGANTZ, 2005).

Na abordagem em questão, o instrumental metodológico criado para concretizar os objetivos desta pesquisa se mostrou bem eficaz, bem como é passível a adaptações e aplicação em outras pesquisas que se insiram no escopo da abordagem delineada, ou seja, no âmbito do morar.

Entretanto, outros referenciais metodológicos, comumente utilizados em pesquisas que também são concernentes à temática aqui explorada, poderiam ser aplicados para ampliar e trazer novas discussões. Dentre as metodologias que poderiam ser utilizadas tem-se: o método do Poema dos Desejos, criado por Henry Sanoff. A forma de abordagem utilizada neste método é similar à utilizada para o desenvolvimento do instrumental metodológico criado nesta pesquisa, baseada nas Teorias das Classificações Múltiplas, de David Canter.

Ambos os métodos têm um caráter de avaliação pautado em respostas de finais abertos, normalmente emitidas de forma associativa, livre e descontraída. Todavia, as Classificações Múltiplas, como o próprio nome já diz, pode abarcar uma



multiplicidade de procedimentos, através dos quais o pesquisador, algumas vezes, restringe e direciona mais as discussões objetivadas. Já o Poema dos Desejos parece ser uma ferramenta que apura respostas mais subjetivas, parecendo ser um método de fácil compreensão, visto que é aplicado a partir de apenas um enunciado, o que seria bem eficaz na continuidade da aplicação do presente estudo com os sem-tetos, por exemplo.

Ademais, reitera-se que numa sociedade onde tudo permeia um mundo virtual, efêmero e híbrido, a moradia aparece como uma realidade material, concreta; um ícone onde as pessoas mantêm, de alguma forma, a tradição, através dos hábitos e das convenções no que concerne a ideia de moradia fortemente associada à família, de maneira simbólica; ainda convencionada como espaço de descanso, um índice de retorno ao estado do “em casa”, do sentir-se à vontade.

Por isso, afirma-se que a moradia nunca aparece sozinha, ela emerge apenas quando misturada a elementos considerados não-espaciais. Produzindo espaços singulares – os supracitados territórios. “*Somos impensáveis sem as casas que nos acolheram, nos co-produziram e segue a seu modo engendrando-nos*”. (BRANDÃO, 2002, p.134)

Nesta abordagem, torna-se indubitável dizer que nossas moradias são objetos de nosso cotidiano, os quais atuam como emissores de inúmeros significados que, por sua vez, geram significações pela convenção simbólica que cada uma dessas moradias representa para seus moradores. Dessa forma, acredita-se que os resultados coletados e discutidos enfatizaram a imprescindibilidade de se pensar e projetar os espaços de morar tomando como base tanto o desenho da forma, que visa cumprir as necessidades funcionais e espaciais de uma moradia, quanto as significações e o simbólico, inerentes principalmente ao lar e ao morar.

Por fim, espera-se que este trabalho tenha ratificado a importância da significação do processo operativo da des-re-territorialização deleuzo-guattariano, das concepções rizomáticas, que envolvem a dinâmica e os hábitos de morar, do valor simbólico e das representações sociais para a arquitetura, sobretudo para o que concerne a moradia. Sugere ainda uma surpresa com “*um doméstico muitas vezes mais interessante do que esse que os olhos se acostumaram a ver*” (BRANDÃO, 2002, p. 135), pois as moradias implicam dinâmicas e instabilidades, assim como a vida, assim como qualquer espaço humanamente habitado.



POST - SCRIPTUM

Nos devaneios das reticências...

...eis que no fim de tudo, volta-se ao começo... as reticências que não findam... desde cedo se aprende que o pensamento não é conclusivo ... o pensamento materializado, como é o caso desta dissertação, é finalizado com um único ponto final, todavia, mais dois outros pontos continuam fluindo na mente... e eles se encontram em puro devaneio... ou melhor dizendo, em puro devir ... esse pensamento não deixa que as indagações cessem ... de tal maneira que novas perguntas começam a aflorar... Será que o *lego* é um brinquedo deleuziano?... sempre des-re-montável, rizomático nas suas possibilidades... Tudo se esclarece agora... até a escolha do tema para dissertar... o *lego* como o brinquedo preferido da infância... desde essa época já des-re-construindo o primário imaginário arquitetônico desses devaneios que agora se libertam... o fluir da mais pura e inocente criatividade ... somado ao prazer em des-re-fazer as coisas ... com o *lego* idealizou-se e foram materializados muitos morar... toda criança, ainda que muito pequena, é habituada a pensar em casas... toda conhecida história infantil narra casas fantásticas e das mais diferentes... tem casa na árvore, na “*Terra do Nunca*”, os castelos das princesas... até porquinho tem direto à moradia, de padrões construtivos comparados e aferidos pelo sopro do lobo mal ... mas, com certeza, a melhor casa da infância é a da Rua do Bobo, nº.: 0... aquela feita com muito esmero ... Neste final de devir, ficaremos com ela, a casa da Rua do Bobo ... a mais simbólica das casas ... cada criança a deve construir imagetivamente de uma forma muito diferente... embora a narrativa seja de uma não-construção... ou será que ela narra uma des-re-construção? ...



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Luiz; LEITÃO, Lúcia (ORGS.). **A Casa Nossa de Cada Dia**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

ARX PORTUGAL. **Uma Segunda Natureza**. Lisboa: Editorial Blau, 1991.

BACHELARD, Gaston (1989). **A Poética do Espaço**. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____ (1991). **A Terra e os Devaneios da Vontade**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

BILSK, Wolfgang. **A Teoria das Facetas: noções básicas**. IN: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19957.pdf>. Artigo traduzido e publicado na internet, formato PDF, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BRASILEIRO, Alice; DUARTE, Cristiane. **Índices culturais refletidos no projeto de arquitetura: pesquisa e suas interfaces**. Trabalho apresentado no Projetar 2005 – II Seminário sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura, PROARQ/FAU/UFRJ, publicado em forma de artigo na internet. IN: http://www.fau.ufrj.br/prolugar/arq_pdf/artigos_alice/ab_indices_cult_projetar2005.pdf. 2005. Acessado em maio de 2009.

BRASILEIRO, Alice; DUARTE, Cristiane; RHEINGANTZ, Paulo. **Observação de fatores de ordem cultural na interpretação dos espaços**. Artigo publicado na internet. IN: http://www.fau.ufrj.br/prolugar/arq_pdf/diversos/Fatores_Cult_AB_CD_PAR%20entac2004.pdf. 2004. Acessado em maio de 2009.



CANCLINI, Néstor García. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.

CANTER, D. BROWN, J. GROAT, L. **A Multiple Sorting Procedure for Studying Conceptual Systems** – IN: the research Interview, 1985.

CANTER, D. **Facet theory: approaches to social research**. New York: Springer-Verlag, 1985.

CARLOS ALESSANDRI, Ana Fani. **O Lugar no / do Mundo**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

CARNIELO, J. M. M. **Casa e Lar: A essência da arquitetura**. IN: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp156.asp>. Arqtexto Nº.:029. 2002.

CAVENDISH, André. **Arrumando a casa: investigando transformações no espaço doméstico**. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000. 56p. il.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 4ª edição. São Paulo: Ed. Vozes, 2002.

COELHO NETTO, José Teixeira. **A Construção do Sentido na Arquitetura**. 5ª edição. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

CORBUSIER, Le. **Por Uma Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

COSTA, Craveiro. **Maceió**. 2ª Edição. Maceió: Sergasa, 1981.

COSTA, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (ORG.). **Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1979). **O que é Filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso. São Paulo: Ed. 34, 1996.



por uma **significação** da **moradia ...**

_____ (1980). **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed.34, 1995.

_____ (1980). **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997.

_____ (1980). **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 5. Tradução Peter Pál e Janice Caiafa. São Paulo: Ed.34, 1997.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **A Estratégia dos Signos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.

_____. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: EDUSP, 2000.

FREUD, Sigmund (1929). **O Mal-Estar na Civilização**. Tradução Publicada em 1930.

GUTTMAN, L. **An Outline of some New Methodology for Social Research**. 1954.

HALL, Edward T (1914). **A Dimensão Oculta**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 7ª edição. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

IGLESIAS, S.; SOUZA, N. **Direito à Moradia e de Habitação: Análise comparativa e suas implicações teóricas e práticas com os direitos da personalidade**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2004. Capítulo 2. P. 28 a 46.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. 7ª edição. Campinas - SP: Papyrus, 2004.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K. **Humanização e Arquitetura**. IN: Projeto Design, volume 126. São Paulo, 1989, p. 129-132.

LEITÃO, Lúcia. **De Vitruvius a Freud: cidade, arquitetura e subjetividade**. Tese de Doutorado – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto, 2004. 338p. il.

LEMOS, Carlos. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.



por uma **significação** da **moradia** ...

LIMA, Adson C. B. Ramatis. **Habitar e habitus — um ensaio sobre a dimensão ontológica do ato de habitar.** IN:

<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp450.asp>. Arquitexto Nº. 450, 2007.

LIRA, Elza Maria Rabelo. **Em Casa (s)**. Trabalho final de graduação (TFG). Maceió, 2007.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MALARD, Maria Lúcia. **Os objetos do cotidiano e a ambiência**. Artigo publicado na internet. IN: <http://www.arq.ufmg.br/eva/docs/art014.pdf> . Acessado em maio de 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTEIRO, Marcos Rafael. **Notas para a Construção de um Diálogo entre a Arquitetura e a Semiótica**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, FAU/ UNB. Brasília, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **As Representações Sociais: investigação em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PONCE, Afonso Ramírez. **Pensar e Habitar**. IN: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq024/arq024_02.asp. Acessado em novembro de 2008.

RAPOPORT, Aмос. **Pour une anthropologie de la maison**. Paris, 1972.



RHEINGANTZ, Paulo Afonso. **Por uma arquitetura da autonomia: bases para renovar a pedagogia do atelier de projeto de arquitetura.** IN: Revista ARQTEXTO/FAU/UFRG. 2005.

RIBEIRO, Cláudia R. Vial. **A Dimensão Simbólica da Arquitetura: parâmetros intangíveis do espaço concreto.** Série FACE-FUMEC. Belo Horizonte: Ed. CI Arte, 2003.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.

RYKWERT, Joseph. **A Sedução do Lugar: a história e o da cidade.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.

_____. **A casa de Adão no Paraíso: a idéia da cabana primitiva na história da arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Teoria Geral dos Signos.** São Paulo, 2000.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo – razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Elvan. **Arquitetura e Semiologia: notas sobre a interpretação linguística do fenômeno arquitetônico.** Porto Alegre: Sulina, 1985.

SOUZA, Lícia Soares. **Introdução às Teorias Semióticas.** 2006.

VALLEJO, César. **Casas de las Américas.** Obra Poética Completa. 3ª Edição, 1975, p.155.

ZEVI, Bruno (1984). **Saber Ver a Arquitetura.** 6ª edição. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.



por uma **significação** da **moradia** ...

ANEXOS

Anexo 01 ----- Formulário Pesquisa Piloto

Anexo 02 ----- Categorizações e Legendas – Pesquisa piloto

Anexo 03 ----- Instrumental Metodológico Final

Anexo 04 ----- Categorizações e Legendas Finais

PESQUISA MESTRADO: FORMULÁRIO APLICADO COM O PROPRIETÁRIO

Pesquisadora: _____ Data: _____ Ano do Projeto: _____

MORADIA:

QUANDO A MORADIA VIRA CONCEITO...

Estou interessada em avaliar sua visão sobre sua própria moradia; quais elementos dela identificam você (sua personalidade), seus hábitos, sua identidade.

NOTA: Este questionário faz parte de uma pesquisa para o desenvolvimento de uma dissertação de Mestrado, junto a Universidade Federal de Alagoas e ao DEHA e não tem relação com pesquisa de órgão público ou privado.

Nº:

Descrição da moradia (pela pesquisadora):

1- Identificação do sujeito

Nome: _____ Nacionalidade: _____

Sexo: 1.Feminino 2. Masculino

Idade: 1. 20 a 39 anos 2. 40 a 59 anos 3. acima de 60

2- Grau de escolaridade

1. fundamental 2. médio 3. universitário 4. superior completo 5. Analfabeto

3- Estado civil

1. solteiro 2. casado 3. divorciado 4. viúvo 5. outros

4- Profissão: _____

5- Renda Familiar aproximada:

1. Menos de 1 SM 2. De 1 a 2 SM 3. De 3 a 5 SM 4. Acima de 5 SM

5. Não possui renda fixa 6. Não Declarada

6- Em que bairro você mora atualmente? _____

PROCEDIMENTO 1: ASSOCIAÇÃO LIVRE

Nº.:

1.1 Ao olhar para os cartões, CASA, LAR e MORADIA, diga tudo que lhe vem à mente, relativo ao que cada um representa para você, seus conceitos. Você acha que existem diferenças entre essas nomenclaturas? Não precisa pensar muito, nem criar frases. É livre...

CASA:

LAR:

MORADIA:

Observações:

PROCEDIMENTO 2: CLASSIFICAÇÃO LIVRE

2.1. Você diria que HABITA
RESIDE
MORA

no seu domicílio atual ?

2.2. Por quê?

CONTINUAÇÃO PROCEDIMENTO 1: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA

1.2 Complete as frases:

O verbo **habitar** sugere: _____

O verbo **residir** sugere: _____

O verbo **morar** sugere: _____

Meu espaço de moradia **significa** _____

Meu espaço de moradia **indica** _____

Meu espaço de moradia **simboliza** _____

PROCEDIMENTO 2: AVALIAÇÃO VALORATIVA (1)

Quais os cinco principais aspectos do seu espaço de moradia? Que elementos são mais importantes no estabelecimento de um referencial de abrigo que a sua moradia denota? (por ordem de importância)

1.	
2.	
3.	
4.	
5.	

18- Qual seria o elemento ou aspecto da sua casa que representa você, ou seja, que indica que ela te pertence? (Auto-retrato do proprietário num aspecto da casa)

19- Há alguma coisa no seu espaço de moradia que você acha desnecessário, ou desconfortável (não te agrada) ? Se houver, qual ? E por quê ?

20- Existe (m) algum (ns) aspecto(s) que falta(m) no seu espaço de moradia para torná-lo ideal às suas necessidades e hábitos de hoje? Qual (is)?

PROCEDIMENTO 4: CLASSIFICAÇÃO DIRIGIDA

Se sua casa fosse...

	QUAL SERIA?
1. Uma imagem marcante	
2. Um símbolo	

Observações: **JUSTIFICATIVA**

Categorizações/ Legendas (pesquisa piloto):

- Associações Livres:

- Categorização primária:

- Aspectos sensitivos;

- Aspectos valorativos / Afetivos;

- Aspectos funcionais;

- CASA

A) local físico, espaço físico, edificação/ 4 paredes

A.a) habitação

B) onde moro

C) se sentir "em casa" em vários lugares (sensação de pertencimento!)

D) Aconchego, acolhimento

E) Lugar onde se dorme

F) Descanso

H) personalidade

- LAR

F) Onde descanso

G) Aspecto sentimental / Minha relação com o lugar onde moro

G.g) Afeição/ laços afetivos

H) Espaço físico acrescido de objetos pessoais, recordações, vivências/ Habitação transformada em ambiente

H.h) Detalhes, elementos singulares

I) Onde se vive

J) Pontos de referência

K) Família

K.k) Convivência

L) Harmonia

M) Amor

N) Alegria

O) Segurança

S) Simbólico

T) independente do espaço, são as pessoas que o compõe.

- **MORADIA**

A) Aspecto espacial, aspecto físico

A.a) Habitação

A.b) Não tem haver com sensações, tem haver com espaço

D) Abrigo (ou abrigo?)

G) Afeto

H) Identidade, o que sou / Onde ficam suas coisas

I) Onde se vive

P) Onde se reside

Q) Território

R) tranquilidade

- **HABITAR**

1- Algo temporário/transitório/ passageiro

2- Não requer vínculos afetivos – “Quando transito, habito (pode habitar vários lugares)
“/ PASSEAR / “Quando habito reconheço, mas não crio vínculos fortes”

3- Algo simbólico, mas transitório (exceção – apenas um entrevistado disse isso)

4- Habitat

- **RESIDIR**

- Algo transitório
- Espaço físico / espaço construído – impessoal / Não é território
- Frieza, sem identificação com o local – apenas referencial - A residência – o endereço / Quando se ocupa ou usa um espaço para fins de moradia.

- **MORAR**

- União do habitar e do residir (algo maior)
- Espaço de permanência/ algo fixo
- Território / Posse – um lugar para chamar de seu
- Vínculos afetivos / identificação sentimental / Relação direta com o espaço.

- **Meu espaço de moradia ...**

- a) **SIGNIFICA:**

- Local onde vivo / Onde habito e resido
- Minha identidade / Meu lugar (posse!)
- Proteção, Descanso, Tranqüilidade
- Confraternização familiar (Família)

- b) **INDICA:**

- Bem-estar / relaxamento/ conforto
- Segurança / porto-seguro / proteção
- Onde vivo com a família
- Referência

- c) **SIMBOLIZA:**

- Minhas referências de vida / Meu “eu” / Tudo que sou / minha vida
- Meu “eu” e minha família
- Liberdade
- Tranqüilidade
- Alegria

- Afeto
- Conquista
- Meu território (OBS.: relacionando apenas do quarto!)

- Avaliação Valorativa: Aspectos da casa que denotam abrigo

- Segurança/ proteção/ acolhimento / aconchego / conforto
- Tranqüilidade
- Privacidade/ Liberdade (de ser eu mesma!)
- Convivência familiar/ relações familiares/ reunião de pessoas queridas
- Objetos familiares (fotografias/ móveis herdados...) / meus livros / Minha Cama

- Classificação Livre: moradia ideal

- Aspectos sensitivos:

- Segurança / segura / proteção / acolhimento /aconchegante e confortável
- Silenciosa/ tranqüilidade / calma
- Arejada/ ventilada
- Privacidade
- Identificação dos espaços com os moradores / tem que ser impregnada de lembranças e recordações - afetividade

- Aspectos estéticos:

- Grande / espaçosa/ espaços grandes
- Mansão (elegante)

- Aspectos funcionais:

- Proporcione convívio familiar
- Limpa/ bom cheiro / limpeza
- Praticidade

- Aspectos infra-estruturais:

- Tem que ter VERDE / jardim
- Garagem
- Piscina
- Escritório / biblioteca / espaço para estudo
- Campo de futebol / quadra de esportes /
- Salão de festas / espaço para festas / área de lazer (lugar para receber pessoas)

Descrição da moradia:

1- Identificação do sujeito

1.1 Nome: _____ **1.2 Idade:** _____

2- Grau de escolaridade

1. fundamental 2. médio 3. universitário 4. superior completo 5. Analfabeto

3- Estado civil

1. solteiro 2. casado 3. divorciado 4. viúvo 5. Outros _____

4- Renda Familiar aproximada:

1. Menos de 1 SM 2. De 1 a 2 SM 3. De 3 a 5 SM 4. Acima de 5 SM

5- Em que bairro você mora atualmente? _____

6- Há quanto tempo mora neste local? _____

7- Em que tipo de habitação você mora:

1. Casa isolada 2. Apartamento 3. Condomínio Fechado

8- Por que optou por morar desta forma? _____

9- Qual o tipo de propriedade ou modo de ocupação de sua habitação atual:

1. própria quitada 3. alugada
2. própria com financiamento 4. emprestada 5. outro _____

10- Indique o número dos produtos abaixo que a família possui:

TV : _____	Computador: _____	Celular: _____	Automóvel: _____
------------	-------------------	----------------	------------------

11- Como é a sua composição familiar (quem mora na sua casa)?

Nível da relação	Idade	Nível da relação	Idade

SOBRE CASAS, LARES E MORADIAS - PROCEDIMENTO 1: ASSOCIAÇÃO LIVRE

Ao olhar para os cartões, CASA, LAR e MORADIA, diga tudo que lhe vem à mente, relativo ao que cada um representa para você, seus conceitos. Você acha que existem diferenças entre essas nomenclaturas? Não precisa pensar muito, nem criar frases. É livre...

CASA:

LAR:

MORADIA:

SOBRE CASAS, LARES E MORADIAS - PROCEDIMENTO 1.1: ASSOCIAÇÃO DIRIGIDA

Relacione os elementos da coluna 1, com os elementos da coluna 2 (fornecer cartões):

1. CASA		HABITAR					
2. DOMICÍLIO		RESIDIR					
3. LAR		MORAR					
4. HABITAÇÃO							
5. MORADIA							
6. RESIDÊNCIA							

“MEU ESPAÇO DE MORADIA É ...” - PROCEDIMENTO 2: FACETAS

1.0) Complete as frases:

Meu espaço de moradia **indica** _____

(Assim como a fumaça está para o fogo ...)

Meu espaço de moradia **simboliza** _____

(Assim como a pomba está para a paz ...)

2.0) Você gosta da sua casa?

1. Demais	2. Muito	3. Razoavelmente	4. Pouco	5. Muito pouco
-----------	----------	------------------	----------	----------------

○ **2.1 Por quê? [associação livre]**

2.2) [Avaliação Valorativa] Cite 5 aspectos (ou sensações) que melhor representam a sua moradia (por ordem de importância).

1.	2.	3.	4.	5.
----	----	----	----	----

2.3) [Ancoragem] Cartões que melhor representam a sua situação atual de moradia:

Situação atual					
----------------	--	--	--	--	--

2.4) Níveis de agradabilidade dos ambientes:

AMBIENTES	NÍVEIS DE AGRADABILIDADE	Legenda
Seu quarto		1. Muito agradável (notas de 10 a 9) 2. Bem agradável (notas de 8 a 7) 3. Agradável (notas de 6 a 5) 4. Pouco agradável (notas de 4 a 2) 5. Nada agradável (notas de 1 a 0)
Outros quartos (pais, irmãos, amigos, etc.)		
Escritório		
Banheiro		
Sala de estar		
Cozinha		Observações (por quê?): Critério (s) utilizado (s) .
Varanda		
Jardim (área verde)		
Serviço		
OUTROS _____		

A MORADIA IDEAL - PROCEDIMENTO 3: CLASSIFICAÇÃO DIRIGIDA

3.0 Aspectos que uma moradia ideal deve ter (ou transmitir – por ordem de preferência):

Sensitivos: tranquilidade (), segurança (), privacidade (), conforto (bem ventilado, arejado) (), comodidade (), alegria/prazer (), aconchego (), familiaridade (identificação das pessoas com o lugar) (). Outros: _____ ()

Estéticos: beleza (), grande/ espaçoso (), compacta(), ostentação (), requinte (), comum (), simplicidade(). Outros: _____ ()

Funcionais: bem dividida (), áreas bem delimitadas/ espaços compartimentados (estar, serviço e íntima) (), áreas confluentes/ espaços fluidos (), de fácil manutenção/ organização e limpeza (). Outros: _____ ()

Categorizações/ Legendas (pesquisa empírica):

- Sobre casas, lares e moradias ...

1ª Associação Livre:

- **Categorização primária:**

- Aspectos sensitivos;

- Aspectos valorativos;

- Aspectos simbólicos;

- Aspectos funcionais;

- Aspectos infra-estruturais;

OBS.: Não estabelecem diferença – 4 pessoas

- **CASA**

A - Edificação / objeto casa/ 4 paredes/ espaço físico/ estrutura física/ residência – 21 pessoas

F - Lar + moradia (físico + dinâmica) – 10 pessoas

G – família – 6 pessoas

D - local onde se vive / local onde se mora – 3 pessoas

E - atende a anseios e necessidades – configuração espacial – “caixa com cômodos” – 3 pessoas

H - lugar de descanso – 3 pessoas

B - relação material/ bem material / escolha de vida – 3 pessoas

- **LAR**

G - Convivência familiar/ família/ ambiente familiar/união – 15 pessoas

J - sentir-se “em casa”/ sentir-se a vontade/ sensação de bem-estar / aconchego/ conforto – 12 pessoas

F - o lugar e as pessoas – interação, convívio/ ambiente em que se vive – 10 pessoas

O - cria laços (afetivos)/ sentimentos / território – 8 pessoas

I- vivência/ dia-a-dia/ lembranças/amigos/ imaterial – 6 pessoas

L - paz/ calma/ tranquilidade/ harmonia - 6 pessoas

H - lugar de descanso (físico e mental)/ acolhimento – 3 pessoas

M - segurança/proteção – 3 pessoas

N - posse

E - necessidades

- **MORADIA**

A. a - edificação / residência (IMPESSOALIDADE)/ genérico/ espaço físico/teto/abrigo das intempéries/ “um canto” – FUNCIONAL e UTILITÁRIO – 23 pessoas

D - local onde se vive/ local onde se reside/localização – 8 pessoas

Q - direito de todos/ direito/ necessidade básica – 4 pessoas

C - escolha de vida – 2 pessoas

P - passageiro/ situação temporária/ transitório /não é o ideal, é uma situação – 5 pessoas

H- lugar onde se descansa/ lugar de dormir – (define bem a moradia dos sem-tetos) – 5 pessoas

G- onde se está com a família / pessoas morando em uma casa – 2 pessoas

R - mais individual, meu lugar na casa... (exceção)

1.1 Associação Dirigida:

Legenda: 1 – casa / 2 - domicílio / 3 - lar / 4 - habitação/ 5 - moradia/ 6 - residência

SUJEITOS	HABITAR						RESIDIR						MORAR						
1	1	4					6	5	2				3						
2	1	4	3				6		2					5					
3	1	4		2			6						3	5					
4			3				6		2	1				5	4				
5	1	4					6		2				3	5					
6			3							1				5	4	2	6		
7		4		2			6	5					3						1
8		4	3				6		2	1				5					
9		4	3				6		2					5					1
10	1	4	3			5			2									6	
11								5	2	1			3		4			6	
12	1						6	5	2			4	3						
13			3		6	5									4	2			1
14	1	4					6		2				3	5					
15		4	3				6		2					5					1
16			3					5	2						4			6	1
17													3	5	4	2	6		1
18		4					6		2				3	5					1
19	1		3				6	5							4	2			
20				2			6					4	3	5					1
21					6	5			2	1			3		4				
22		4	3				6			1				5		2			

23	1	4					6		2				3	5				
24	1			2							3	4		5			6	
25			3		6			5	2						4			1
26	1		3				6		2					5	4			
27		4		2			6			1			3	5				
28		4				5	6		2				3					1
29							6	5	2	1		4	3					
30						5				1		4	3			2	6	
31	1	4					6				3			5		2		
32		4		2			6			1			3	5				
33		4	3				6							5		2		1
34						5			2				3		4		6	1
35		4				5					3					2	6	1
36		4					6		2	1			3	5				
37		4			6				2	1			3	5				
38	NÃO RESPONDEU!																	
39	1	4	3			5										2	6	
40	NÃO RESPONDEU!																	
TOTAL	13	22	15	06	04	08	24	8	22	12	03	05	20	22	11	10	10	13



Habitar = habitação / lar / casa



Residir = residência / domicílio / casa



Morar = moradia / lar/casa

- **Meu espaço de moradia ...**

a) INDICA:

Descanso/ repouso - 11 respondentes

Família / hábitos familiares – 7 respondentes

Segurança / Proteção - 4 respondentes

Tranquilidade/ paz / Jardim Florido – 4 respondentes

Bem-estar / - 2 respondentes

Conforto – 2 respondentes

Aconchego – 2 respondentes

Lembranças / músicas – 2 respondentes

Harmonia – 1 respondente

Meu eu – 1 respondente

Refúgio – 1 respondente

Limpeza – 1 respondente

Privacidade – 1 respondente

Angústia – exceção (1 respondente) – por conta de um acidente ocorrido em casa.

b) SIMBOLIZA:

Família/ aconchego familiar – 13 respondentes

Tranqüilidade / paz – 7 respondentes

Segurança/ Proteção/ Concha/ Ninho – 7 respondentes

Sossego/ descanso (retorno) / Rede/ Cama – 5 respondentes

Estabilidade , Independência , Posse – 3 respondente

Bem-estar – 3 respondentes

Nossa Senhora / Espaço sagrado (santo) – 2 respondentes

Amor – 2 respondentes

Harmonia – 1 respondente

Meu eu – 1 respondente

Lembranças / vivências – 1 respondente

- Avaliação Valorativa (Casa Atual):

- **Classe alta:**

Conforto - 4 pessoas

Tranquilidade - 4 pessoas

Estabilidade/ Posse – 4 pessoas

Descanso/ repouso – 3 pessoas

Ações “da intimidade”– dormir, comer, ler, produção artística, brigas – 3 pessoas

Família/ união familiar /convívio familiar (conversas) – 3 pessoas

Segurança - 3 pessoas

Limpeza - 3 pessoas

Afeto/ Amor - 3 pessoas

Sossego/ silêncio – 2 pessoas

Felicidade/ Alegria - 2 pessoas

Organização - 2 pessoas

 Bagunça (oposto) – 1 pessoa

Aconchego – 1 pessoa

Liberdade – 1 pessoa

Espaçosa – 1 pessoa

Lazer – 1 pessoa

Acolhimento – 1 pessoa

Ventilada/ brisa – 1 pessoa

Vista/paisagem (localização) – 1 pessoa

Privacidade – 1 pessoa

- **Classe Média - alta:**

Tranquilidade/ paz – 6 pessoas

Segurança - 5 pessoas

Descanso/ relaxamento – 4 pessoas

- Ambientes – quarto e Ações – dormir – 2 pessoas

Bem - estar – 4 pessoas

Sossego / Concentração - 4 pessoas

Barulho (oposto) – 1 pessoa

Aconchego - 3 pessoas

Alegria / felicidade – 3 pessoas

Família - 3 pessoas

Sentir-se à vontade - 2 pessoas

Harmonia - 2 pessoas

Motivação / Renovação – 2 pessoas

Lembranças – 1 pessoa

Desorganização - 1 pessoa

Posse – 1 pessoa

Ventilada – 1 pessoa

Conforto – 1 pessoa

“meu eu” – 1 pessoa

- **Classe Média - baixa:**

Ações “da intimidade” – comer, dormir, ler, ouvir música, assistir filmes, cozinhar – 8 pessoas

Descanso – 6 pessoas

Tranqüilidade / Paz - 6 pessoas

Alegria/ felicidade – 4 pessoas

Conforto - 4 pessoas

Higiene/ Limpeza - 2 pessoas

Convívio – conversas – 2 pessoas

Barulho – 2 pessoas

Harmonia / equilíbrio – 2 pessoas

Cheiro -1 pessoa

Plantas (verde) - 1 pessoa

Lembranças -1 pessoa

Concentração - 1 pessoa

Aconchego- 1 pessoa

Lazer- 1 pessoa

Privacidade - 1 pessoa

“sentir-se à vontade” - 1 pessoa

Amor -1 pessoa

Pouco espaço - 1 pessoa

Insegurança - 1 pessoa

Obs.: não foi mencionado segurança por nenhum respondente e ainda foi citado insegurança.

- **Classe Baixa:**

Convívio familiar/ família – 7 pessoas

Segurança – 5 pessoas

Paz/ tranquilidade – 5 pessoas

Descanso/ relaxamento – 4 pessoas

Estabilidade / Conquista / Posse – 3 pessoas

Bem – estar – 3 pessoas

Aconchego – 3 pessoas

Ações “da intimidade” – comer, cozinhar – 2 pessoas

Limpeza – 2 pessoas

Amor – 2 pessoas

Alegria/ felicidade – 2 pessoas

Lazer – 2 pessoas

Harmonia – 1 pessoa

Espaço – 1 pessoa

Saudade (lembranças) – 1 pessoa

Saúde – 1 pessoa

Liberdade – 1 pessoa

Privacidade – 1 pessoa

Pertences – 1 pessoa

“sentir-se à vontade” – 1 pessoa

3.0 - Classificação Dirigida (CASA IDEAL):

Legenda: 1 – mais importante / 5 – menos importante.

SUJEITOS	Aspectos CASA IDEAL					
	SENSITIVOS	ESTÉTICOS	FUNCIONAIS	INFRA-ESTRUTURAIIS	LOCALIZAÇÃO	LOCAL ESCOLHIDO
1	5	4	3	1	2	ALDEBARAN – PLANALTO
2	1	5	2	3	4	ALDEBARAN – PLANALTO
3	1	5	2	4	3	PONTA VERDE – PLANÍCIE
4	1	4	2	3	5	ALDEBARAN – PLANALTO
5	1	3	2	5	4	JATIÚCA – PLANÍCIE
6	3	1	2	5	4	PAJUÇARA – PLANÍCIE
7	1	5	2	4	3	IPIOCA – LIT. NORTE
8	1	4	3	2	5	JACARECICA – LIT. NORTE
9	1	4	3	5	2	PONTA VERDE – PLANÍCIE
10	2	4	5	3	1	PAJUÇARA – PLANÍCIE
11	1	4	2	5	3	ALDEBARAN - PLANALTO
12	3	2	4	1	5	LAGUNA – COND. FECHADO SUL
13	3	5	2	4	1	PRÓXIMO AO TRABALHO
14	1	5	2	4	3	JATIÚCA – PLANÍCIE
15	5	3	2	4	1	PONTA VERDE - PLANÍCIE
16	3	2	4	5	1	PONTA VERDE – PLANÍCIE
17	3	4	1	5	2	PONTA VERDE – PLANÍCIE
18	1	4	3	2	5	GUAXUMA – LIT. NORTE
19	5	3	4	2	1	BARRA NOVA – LIT. SUL
20	3	4	2	5	1	RIACHO DOCE – LIT. NOR.

21	1	2	3	4	5	CENTRO - CENTRALIDADE
22	2	5	4	3	1	JATIÚCA – PLANÍCIE
23	1	4	5	2	3	LAGUNA – COND. FECHADO SUL
24	2	3	4	5	1	JATIÚCA – PLANÍCIE
25	2	3	1	4	5	FAROL – PLANALTO
26	1	5	3	4	2	FRANCÊS – LIT. SUL
27	5	4	3	2	1	PRÓXIMO AO TRABALHO
28	2	4	3	5	1	PONTA VERDE - PLANÍCIE
29	1	5	2	4	3	CENTRO - HISTÓRICO
30	1	5	4	3	2	PONTA VERDE - PLANÍCIE
31	5	3	4	2	1	ALDEBARAN - PLANALTO
32	1	4	5	3	2	ALDEBARAN – PLANALTO
33	3	4	5	2	1	SERRARIA – COND. FEC.
34	3	5	2	4	1	ALDEBARAN - PLANALTO
35	1	3	2	4	5	STA. AMÉLIA – COND. FEC
36	5	2	3	4	1	JATIÚCA – PLANÍCIE
37	1	5	4	2	3	P. VERDE PLANÍCIE (CASA)
38	1	4	5	3	2	FAROL – PLANALTO
39	5	4	3	2	1	TABULEIRO – COND. FEC.
40	2	1	3	4	5	PAJUÇARA – PLANÍCIE
GERAL	1º	5º	3º	4º	2º	PLANÍCIE - PONTA VERDE

Os aspectos sensitivos em 1º lugar reforçam o poder simbólico da casa, como um espaço de moradia; o que remete e ratifica, novamente, a crença num eixo significativo da moradia, baseado, sobretudo, nestas questões inerentes à subjetividade. Localização em 2º lugar reforça a força do marketing imobiliário local; todavia, os aspectos estéticos postos em última colocação, contradiz a lógica, ou retórica, desta mesma publicidade vendida como ideal de moradia, a de edificações super bonitas, ostensivas.

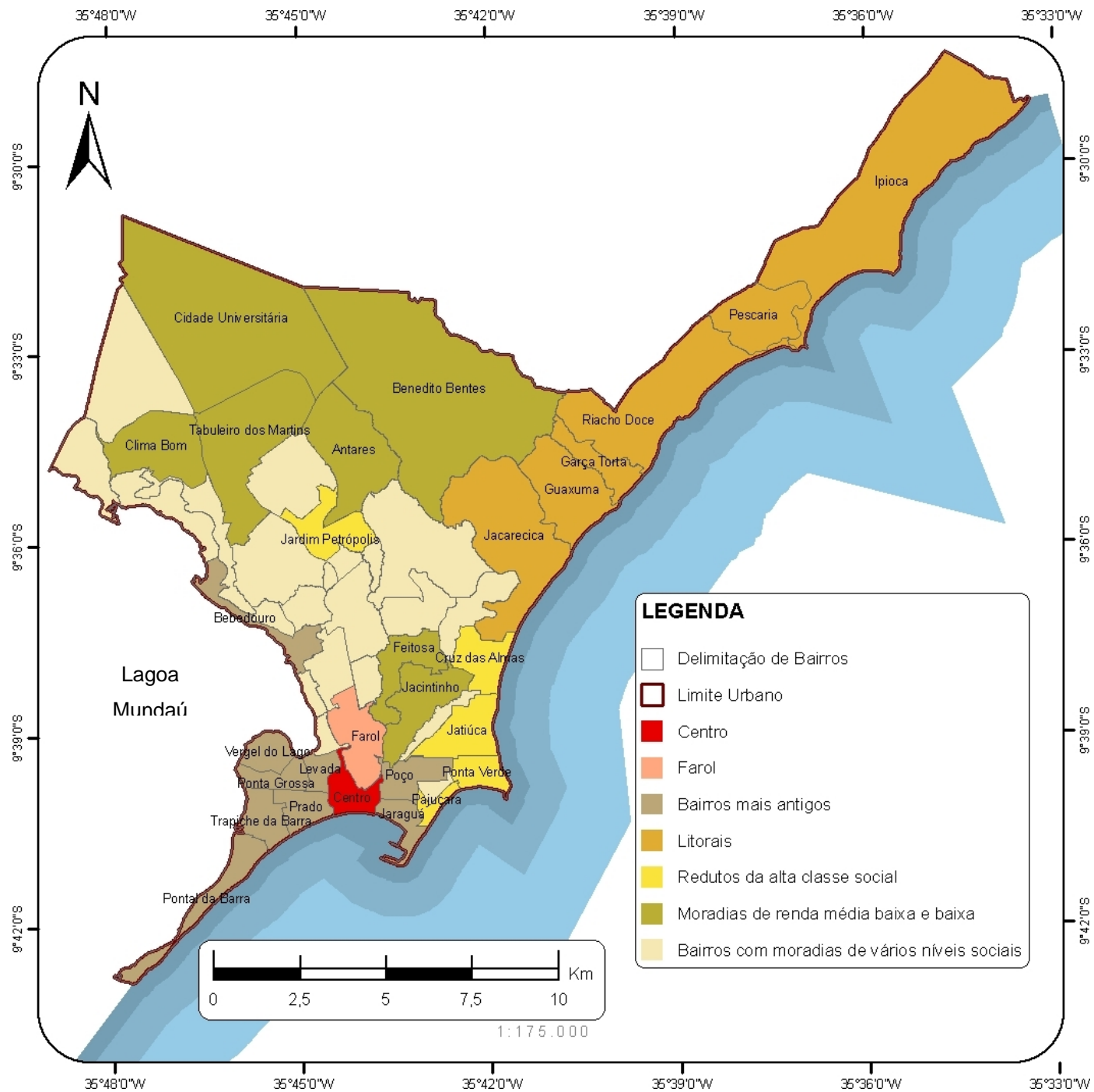


Imagem 20. Zonas residenciais da cidade de Maceió. **Fonte:** Base cartográfica da SMCCU, 2003. Adaptado pela autora.